Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 091 Sábado, 21 de Junho de 1986 Preço 40$00

ESPANHA
Agora é esperar os votos e os golos

Crónica de Eduardo Rebelo, enviado especial do «DL»

Pág. 15

Mundial regressa esta noite
França -Brasil e RFA- México

Págs. 19 a 21

Apesar do novo "não" ontem no Parlamento

CAVACO MANIFESTA-SE DISPOSTO A CONTINUAR

Os social-democratas dramatizaram, ontem, em Lisboa, o facto de o Parlamento ter rejeitado o pedido de autorização legislativa em matéria laboral. Contudo, esse dramatismo que alguns social-democratas tentaram semear em Lisboa não foi seguido pelo seu líder que, no Algarve, onde está em visita de trabalho, declarava, pouco depois de ter tido conhecimento das votações, que iriam «continuar a trabalhar»

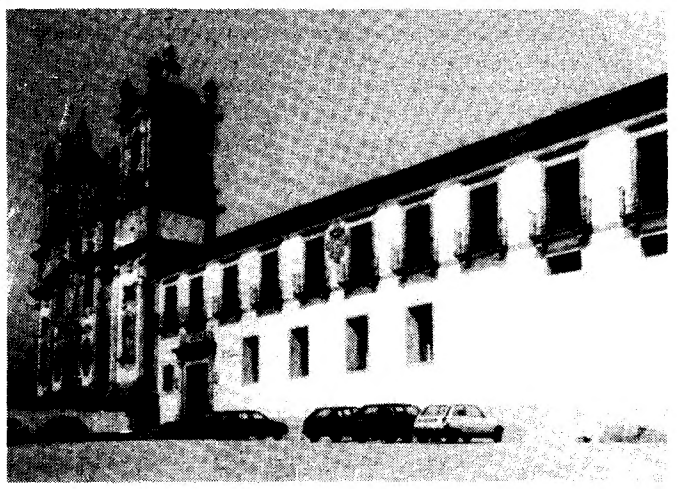
Pág. 5

Somos quintos a nível mundial

Campeões europeus na fuga de capitais

O equivalente a 52% dos créditos externos concedidos a Portugal acaba por deixar de novo o país, sob a forma de investimentos privados. Ainda que todas as divisas assim canalizadas para o estrangeiro não possam ser classificadas como fuga de capitais, aquela percentagem coloca-nos em primeiro lugar entre os paises europeus e em quinto a nível mundial, no respeitante a saídas ilícitas de divisas. Quem o afirma é o semanário alemão Die Zeit, que cita um estudo elaborado por um especialista alemão federal e agora divulgado pelo Banco Internacional de Compensações..

Pág. 28



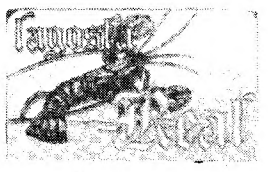
SANTA MARINHA
A pousada do silêncio

Págs. 12 e 13

«DL» ACOMPANHA O MUNDIAL DO MÉXICO COM O APOIO

DA

LAGOSTA REAL



LÍNGUA VIVA

PORTUGUÊS,

Nem tanto ao mar...

Carmo Vaz

Como já tivemos a oportunidade de acentuar (1), os aspectos técnico-científicos do acordo ortográfico assinado no Rio, deviam ter sido debatidos no seu foro próprio por linguistas com um mínimo de preparação, e só depois, publicitados largamente para que **todos** os utentes da língua portuguesa, incluindo os «ignorantes», pudessem dar a sua opinião. Seria uma metodologia democrática, respeitadora da língua que é de todos. Tal não sucedeu. O resultado está à vista.

Não há males donde se não tire algum proveito. Podem agora os portugueses ler na **sua** Imprensa as razões técnico-científicas e políticas, que os subscritores portugueses vêm aduzir, confrontados com a crítica cujos excessos reflectem a pesada herança cultural dos tempos ominosos em que não havia em Portugal liberdade. Insultar, troçar, gozar com estas personalidades é lamentável, é desconhecer e desrespeitar o nosso escol. Usar a **mesma** terminologia dos salazarentos («árabe» para o dr. António Rouaiss, «traidores» para pessoas decentíssimas, etc.) é doentio, grave sintoma da nossa relutância em viver «democraticamente». Aquilino Ribeiro, sob o fogo impune dos asseclas do Estado Novo com tribuna na Imprensa amordaçada, apodou-os «profissionais da detracção e chuchadeira». Convém por isso, nos limites da coluna, um naquinho de informação acerca destes portugueses «ilustres» que no Rio assinaram o acordo.

Por inerência do cargo, a delegação foi presidida pelo prof. doutor Jacinto Nunes, que por rotativsmo anual, sendo da classe de Ciências, preside este ano à A.C.L. Não é linguista, mas economista e financeiro de renome no nosso país, milionário ex-governador do Banco de Portugal, eventualmente analista político no D.N. É poucó provável que soubesse bem do que se tratava, o que não justifica a provação a que o submeteram na Faculdade de Letras os brilhantes jovens opositores (Vasco Graça Moura, Miguel Esteves Cardoso, etc.). Há choque de gerações, certo. No mundo terrível em que vivemos, porém, a quem se deve suplicar paternalismo é aos filhos e netos para com seus pais e avós.

A delegação era constituída por Luís Filipe Lindley Cintra, João Malaca Casteleiro, Maria de Lourdes Belchior, Maria Helena da Rocha Pereira, Fernando Ribeiro Cristóvão e Américo da Costa Ramalho. Lindley Cintra é catedrático da Fc. de Letras (U.L.), regeu cursos em universidades americanas, inglesas, francesas e espanholas, linguista brilhante, o maior dialectologista português vivo, autor de vasta e valiosa bibliografia onde avultam as «Áreas Lexicais no Território Português», «Formas de tratamento na Língua Portuguesa», uma obra fundamental, etc. Mestre respeitado e querido dos seus discípulos, L.C. numa vida de trabalho e dedicação, foi sempre na palavra e na acção um homem severamente empenhado na luta antifascista pela liberdade do povo. Malaca Casteleiro, catedrático da Fac. de Letras (U.L.), é um brilhante linguista moderno, o maior lexicólogo vivo de Portugal com uma bibliografia importante e responsável do Português Fundamental — vocabulário e gramática. Maria de Lourdes Belchior é uma intelectual de alto nível, autora de uma obra importante na história da nossa cultura, que recentemente se revelou uma poeta com um lugar assegurado no parnaso da grande poesia portuguesa. M.H. da Rocha Pereira é catedrática da Fac. de Letras (U.C.), autora de uma rica bibliografia, intelectual representativa da alta cultura em Portugal. F.R. Cristóvão é catedrático da Fc. de Letras (U.L.), linguista e mestre de alta reputação, director do ICALP, onde se empenha na maior obra de difusão da nossa cultura e língua (Leitorados no estrangeiro, Biblioteca Breve, etc.). A. da Costa Ramalho é o maior helenista e latinista de Portugal, catedrático da Fac. de Letras (U.C.), linguista com uma obra rica e extensa de linguística e história literária.

Se lermos atentamente as declarações de L. Cintra e F. Cristóvão ao D.N. (15/6/86), podemos aprender com estes grandes intelectuais a acatar críticas e corrigir pontos de vista, esclarecendo obscuridades. Começamos agora a ter um debate técnico-científico que se vai alargando ao nível das competências, num tempo em que tanto se fala delas. Nada se adianta com publicidade inútil (Cf. auto-penegírico do dr. António Houaiss in D.N. 15/6/86) nem com obcecadas intromissões comprometedoras da causa, como as de Fernando Sylvan, cuja insuficiência linguístico-cultural é notória assaz de se coibir a expor-se publicamente, quando pode indicar como representante(s) da S.L.P. linguistas de alto gabarito, como José Pedro Machado, Maria Helena Mira Mateus, Neves Henriques, Fernando Venâncio, etc. todos sócios prestimosos da S.L.P., havendo tudo a ganhar com contribuições sérias e competentes, como a de Fernando Belo (2) e tantas mais.

Quanto aos pressupostos alvos «políticos» que teria havido da parte brasileira, como verificámos nos breves considerandos trocados de vida voz com o dr. António Houaiss na Academia das Ciências de Lisboa, antes do acordo, os resultados da precipitação também estão à vista (3).

Portugueses são muito sensíveis. Com a salutar onda de patriotismo que nos invade, agora que somos uma **potência cultural** no mundo, o que o Brasil ainda não é, a onda nacionalista vai atrasar a materialização do acordo, que é, sme dúvida, como acordo político-cultural, útil para todas as partes envolvidas. Não obstante a cláusula intrigante proibindo os Parlamentos dos países onde há, de tocar numa vírgula do protocolo, singular forma que os executivos vêm revelando de menosprezar as assembleias dos representantes do povo (é pegar ou largar), de certo que **o texto terá mesmo de ser melhorado,** porque nas bases inovadoras e contestadas, a sua **redacção** é tão pobre que na ignorância do autor, pode-se apostar que os brilhantes «escritores» da nossa delegação não a subscreviam. O que importa agora, é abandonar pessoalismos estéreis e discutir o mérito da causa.

(1) — in D.L. de 7/6/86 e 14/6/86 — «Haja tento nos Acentos».

(2) — «Quais os custos do Acordo Ortográfico» de F.B. in D.N. 15/6/86.

(3) — Cf. «Uma questão de língua...» de J. Baptista Comprido in D.N. 17/6/86, «Linguística e Política» in Diário do Sul 16/6/86, «O Pretoaocolo Brasileiro» in Jornal de Almada 13/6/86.

Abaixo Pádua!

Carlos Pinhão

Roma, Gare Terminal, gente a entrar gente a sair, gente à espera e dois frades a pedir, barulhando a lata com moedas. São franciscanos descalços, não propriamente descalços, mas quase: usam apenas umas sandálias.

— Per Santo António di Padova! — diz um.

— De Lisboa — emendo eu.

— Di Padova — insiste ele.

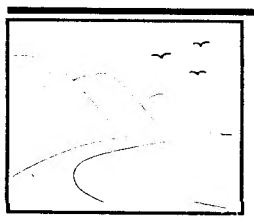
Explico-me melhor: — Santo António de Lisbona!

Ele, indiferente:

— De Padova!

— Ai é!?... Então, não levas nada.

E não dei.



EVITE

locais pouco frequentados

SABE QUE O ALCOOLISMO É UMA DOENÇA?

E uma doença que mata! Se quer saber mais sobre o problema, venha assistir a uma reunião dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

2.ª 4.ª 6.ª as 19 horas

Trav. do Corpo Santo, 32

Diálogos do país real

O Freitas é da tropa

Alice Nicolau

O Matias arrasta consigo uma terrível depressão nervosa. Lê muitos jornais, não falha os noticiários radiofónicos, pespega-se agarrado ao fogão do Telejornal, mesmo aos sábados com o Cavaco e o convidado. Eu já o avisei: esse estilo de vida não favorece o estado de alma. É um democrata civilista e convergente, antitotalitário, que começou a dar sintomas de inquietação desde a patrulha de Idi. Tem a cabeça cheia de teorias e interpretações políticas das mais arrojadas.

No dia 17 de Fevereiro, encontrei-o. Estava numa fase boa.

– Ganhámos – disse ele.

– Custou, mas foi – respondi.

– Temos um civil na Presidência.

– Um civil? – admirei-me.

– Claro. Claríssimo.

– E se fosse o Freitas? – perguntei.

O Matias apertou-me os meus ouvidos, falando, ao mesmo tempo, um apodo de quem me mandia calar: «O Freitas é da tropa».

Fiquei embasbacada. E ele acrescentou:

– Agora não tenho tempo. Eu depois explico-te.

Quando foi das eleições francesas, o Matias encontrou-me. Vinha do psiquiatra, ainda semi-embalado com uns sedativos.

– Viste? Os franceses?

– Sim, a direita ganhou.

– Nada disso. Quase não foi isso.

– Então?

– Aquela malta do Le Pen...

– Inquietante – concordei.

– É a tropa.

Ai assustei-me:

– A tropa?

– E depois explico – disse ele, e foi andando, estrabuchando pela rua fora.

Depois da batalha do Orçamento na Assembleia voltei a encontrar o Matias.

Estava de cara chupada, olheiras profundas.

– Ó homem! exclamei. Vê lá se te tratas. Andas mesmo mal.

– Estás a ver o Cavaco?

– É demasiado arrogante, de facto.

– É da tropa!

– Que diabo! – exclamei, impaciente. Que história é essa da tropa?

– Eu depois explico – e lá foi, todo embrulhado no seu próprio corpo.

A última vez que o vi estava irreconhecível. Foi logo a seguir aos bombardeamentos de Tripoli e Benghazi. Não tinha cara. Tudo nele eram olheiras. A voz dele acusava o extremo pavor da existência.

– Eu não te dizia? Viste agora o Reagan?

– Sim. Mas o quê?

– É da tropa.

E esquivou-se, a passo miúdo, assustado, encostando-se às paredes.

Não o tornei a ver. Continuo sem perceber o segredo que o Matias tem para me contar desde Fevereiro a esta parte. Espero que ele não fique chalupa de todo antes de ter tempo de me explicar essa coisa misteriosa da tropa em que tanto insiste.

Verde, negro ou cor-de-rosa?

Barbara Lopes

Termos como Ambiente, Meio, Ecologia, encontram-se, hoje, ao nível do grande público, mais ou menos misturados, mais ou menos indefinidos, porém, fazendo parte do nosso quotidiano, e, até mesmo, se não no espírito, pelo menos na forma, das preocupações de gestores e governantes. No menos, isto significa que o nosso envolvimento, físico e social, próximo e longínquo, é, colectivamente apreendido como sofrendo uma ameaça grave. Não faço aqui a distinção técnica dos termos acima enunciados e uso indiferentemente Meio e Ambiente a que dou o sentido global de envolvimento, para significar que a realidade em que mergulhamos e que é, ao mesmo tempo, Natureza e Sociedade, nos envolve, por camadas sucessivas, que vão da unidade ecológica de base que é o nicho, ao espaço interplanetário, passando pela família e pelos grupos mais próximos de troca com o Meio, como a escola ou o trabalho.

A criação relativamente recente, da noção de ecossistema levou a considerar os fenómenos do Meio ao nível geral da biosfera, definida como a superfície de contacto entre a atmosfera, a hidrosfera e a litosfera isto é, como **um lugar de encontro onde a vida acontece.** É nesta zona de contacto que os seres vivos, da bactéria ao homem, entram em relação com o meio inanimado e em relação entre si. Este conjunto de relações constroe o ecossistema, em que a sobrevivência de cada elemento depende da sobrevivência dos outros e da transformação que cada um deles produz no Meio. Esta definição, simples, conduz-nos, no entanto, a duas conclusões. Em primeiro lugar, os problemas do Ambiente são sistémicos e resultam de uma organização de sociedade que, cada vez mais dirige e comanda todos os domínios da vida. Em segundo lugar, se o ambiente actua sobre cada indivíduo, cada indivíduo não actua, de modo decisivo, sobre o Ambiente. Os seus problemas nascem da organização social; daí que o indivíduo só integrado no grupo social poderá organizar acções que, actuando sobre a Sociedade vão alterar as situações de problema do Ambiente.

Do sentimento de desastre, mais ou menos iminente, conjugado com a noção de ecossistema, decorre a necessidade de tentar ver um pouco mais claro o que tem sido, e é, a relação do Homem com a Natureza. Deixo de parte, o problema filosófico de saber se a natureza se nega ou se realiza através da história, isto é, onde acaba o natural e começa o cultural ou humanizado, para partir do facto de, desde sempre, o homem, confrontado com uma natureza hostil, ter procurado submetê-la, com vista à sua própria sobrevivência. Este confronto está, aliás, implícito em todas as mitologias e o relato bíblico da Criação é disso um exemplo – submeterás a terra trabalhando e ganharás o teu pão com o suor do teu rosto. Ao longo da história do homem, a natureza aparece-nos como entidade mediatizada pela acção deste, acção a que se chama, genericamente, técnica e cujo objectivo primeiro é o de o libertar, permitindo-lhe a defesa contra inimigos e elementos naturais adversos e a satisfação das necessidades, através de uma organização racional dos recursos disponíveis. Se pensarmos que o homem transforma a Natureza desde há cerca de um milhão de anos, e que bastaram cento e cinquenta para se produzir o impasse perigoso em que nos encontramos, teremos uma ideia do poder incontrolável da técnica quando não orientada por uma filosofia coerente do homem e da organização da sociedade. A finalidade primeira do acto de viver, que é a sobrevivência individual e da espécie, foi-se perdendo de vista à medida que o homem se foi tornando senhor do Meio pelo avanço da técnica, e a situação tornou-se qualitativamente, diferente. Enquanto as técnicas primitivas visavam a sobrevivência, a aceleração do desenvolvimento tecnológico tem conduzido o homem à situação completamente oposta, pelo que, hoje, estamos confrontados com o perigo real de desaparecimento da espécie no planeta. Esta situação é o resultado de um processo histórico baseado numa contradição de base: temos, por um lado, recursos técnicos que controlamos por vezes já com dificuldade e, por outro, uma organização social que corresponde a épocas recuadas, em que o avanço técnico é conduzido pela minoria detentora das riquezas, que transforma em mercadoria todas as inovações da ciência.

Enquanto no passado, a classe dominante consumia a maior parte da produção, devido quer à escassez dos bens, consequência da lentidão do processo técnico, quer às dificuldades do processo social de libertação das massas produtoras, hoje, consome apenas uma parte dela. Mas, sendo a mais-valia função da produção de mercadorias e a produção função do seu consumo, foi-lhe necessário transformar a classe produtora em classe igualmente consumidora. Cria, deste modo, a Sociedade de Consumo, em que a produção, com vista ao consumo, provoca maior produção que exige maior consumo, e assim por diante. De que meios se serve a classe dominante para chegar a este esquema? Basicamente, pela orientação do consumidor que é cada um de nós. Orientando o nosso consumo, domina toda a nossa existência, de dois modos: cria em nós necessidades artificiais e manipula toda a informação que chega até nós. Por todos os meios, leva-nos a acreditar que a felicidade, quando não a própria razão de existir, está no consumo, isto é, no consumo proposto. Não se trata, evidentemente, do necessário e justo com vista ao desenvolvimento físico e cultural dos homens e dos grupos. Trata-se, sim, do consumo que permite produções mais rentáveis. Citando apenas alguns, é o caso da maior parte dos fármacos, do tabaco, dos refrigerantes, da moda, da imensa série de objectos, inúteis como quase todos os brinquedos, alienantes como as «flores» de plástico, perigosos como a maior parte das guloseimas com que se enchem adultos e crianças. Para criar em nós as necessidades que irão assegurar o escoamento do produto, «informa-nos» e convence-nos de que precisamos, mesmo, de beber Seven-Up ou Coca-Cola que evidentemente, aumentam a nossa sede, mas fazem esquecer a fonte que morreu devido ao uso indevido do território. Convence-nos de que, se ela não usar Rexina, ele desinteressa-se e que, se ele não usar, enfim, o que a produção quiser, não é homem. Trata-se, pois, de criar em nós necessidades baseadas em falsos valores, servindo-se dum caríssimo e científico aparelho publicitário, que, como sabemos, nos condiciona até nas opções políticas que acabamos por acreditar que são nossas.

Esta cadeia tem ainda outra componente essencial, que é o desperdício. Deitamos fora o que não se usa. Não se usa porque convém aos detentores da produção que se usem novas coisas. Isto independentemente de as coisas estarem em estado de serem usadas. Sabemos que as nossas avós, porventura as nossas mães, tinham o vestido das grandes ocasiões, que, em épocas não muito recuadas, se transmitia de uma geração a outra. Mais. Os produtos são hoje programados para durarem pouco, e, em nome dos postos de trabalho, substituem-se matérias nobres e duráveis por plásticos que não só não duram como poluem quer pela sua fabricação como pelo seu desperdício.

Com o nosso consumo dócil e a informação na mão, os dirigentes reais desta sociedade fizeram dela a verdadeira Sociedade Totalitária que domina

Continua na pág. 4

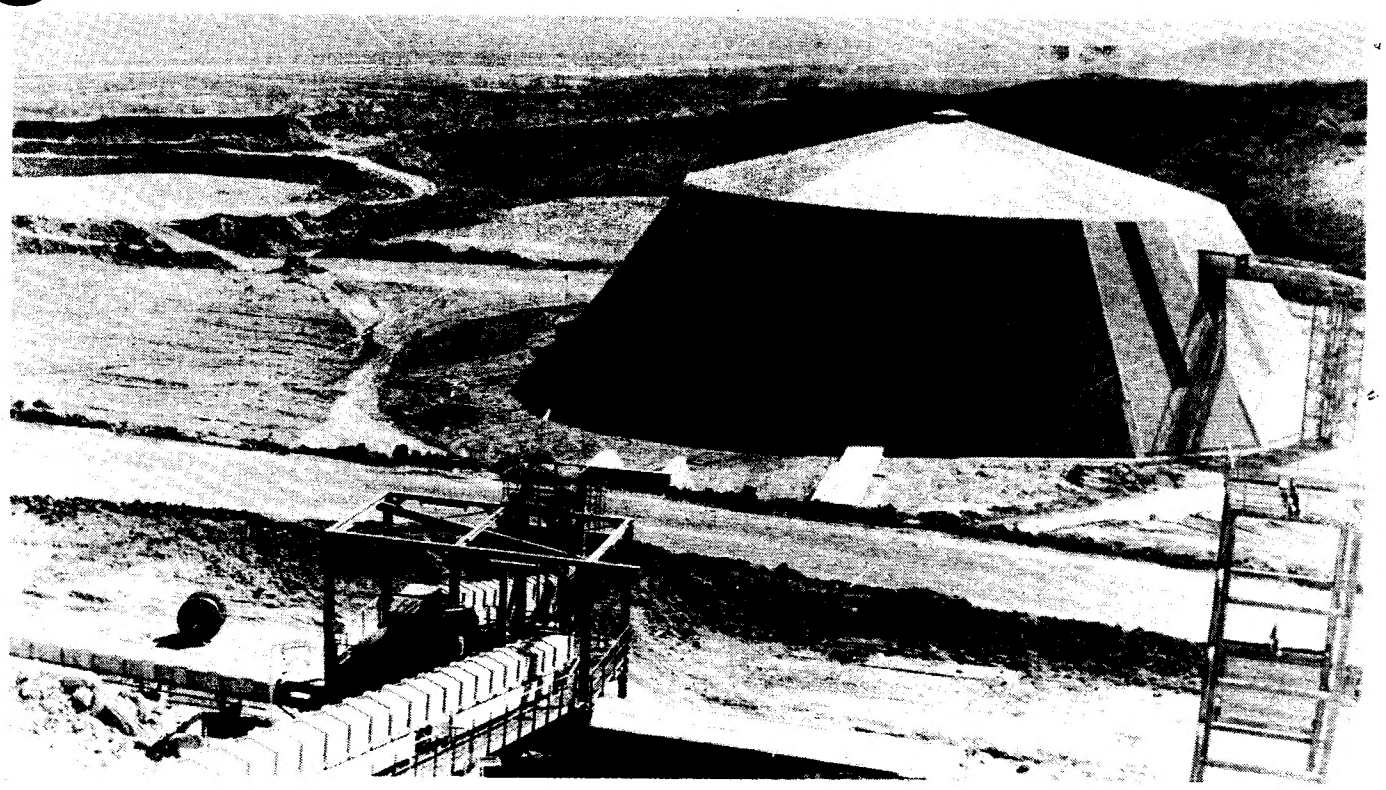
Verde, negro ou cor-de-rosa?

Continuação da pág. 3

todas as áreas da nossa vida, individual e colectiva. Este totalitarismo é construído sobre duas linhas de força, sendo a primeira a de tornar, quanto possível, obrigatório o consumo pelas massas produtoras que já lhe dão as mais-valias, ao produzirem. Este consumo dirige-se tanto aos aspectos materiais da vida como aos culturais. Não se trata só de nos convencer de que não somos ninguém se, neste verão não nos vestirmos com as cores e modelos que criaram para nós. É que é necessária alguma coragem para, numa roda de amigos, dizer-se que não se vê a telenovela. A segunda linha de força consiste em manter a ameaça de destruição pela guerra. Assim, enquanto vão destruindo, **de facto**, – os numerosos focos de guerra são de todos conhecidos – os dirigentes desta Sociedade Tecnológica vão acelerando o processo de domínio incontrolado sobre a Natureza e o de alguns homens sobre os outros todos. E isto fá-lo em nome de princípios nos quais não acredita, mas que escreve e aos quais vai chamando os Direitos do Homem, da Criança, da Natureza, etc.

A expressão mais visível e mais perigosa desta aceleração de domínio é o desenvolvimento da economia com base na indústria de guerra. Para compreendermos o peso da componente militarista desta sociedade, bastará referir que, mais de quarenta por cento dos engenheiros de todo o mundo trabalham em actividades ligadas ao sector militar e armamentista. Talvez possa igualmente ajudar-nos a esta compreensão saberemos que com o preço de um único submarino atómico, semelhante a este que costuma parar aqui no estuário do Tejo, se construiriam cento e vinte hospitais completamente equipados; que com o de um porta-aviões se construiriam cento e vinte mil alojamentos; com o de apenas um míssil se alimentariam alguns milhares de crianças, impedindo-as de morrer de fome.

O que tem tudo isto a ver con nosco? Ou de que modo se podem ligar no nosso espírito, a produção, o consumo, a guerra, acomunicação? Vejamos. De volta a casa, depois da tragédia diária dos transportes, depois de todas as outras dificuldades acumuladas, o indivíduo não tem força nem vontade para



muito mais, satisfeitas as necessidades primárias da refeição e dos cuidados da casa, do que sentar-se em frente da televisão. Eu preferiria dizer desistir em vez de sentar-se. Entrega-se ao descanso de receber as mensagens que outros prepararam para ele. Nestas condições psicológicas, o que vem, entra. Entra e fica. Tais condições tornam o indivíduo dócil e passivo. Podem dizer-lhe o que quiserem. Convencê-lo-ão facilmente. De resto, todos sabemos que, a seguir ao festival da canção ou ao mundial de futebol, não se ouve falar de mais nada. A fome, os salários em atraso, as leis que procuram subverter a democracia e cercear as liberdades passam, automaticamente, para segundo plano. Isto significa que a classe dominante orienta igualmente uma parte da coesão social, evitando ou, pelo menos, adiando mudanças estruturais na sociedade — as pessoas acabam por estar todas de acordo sobre alguma coisa e, sobretudo, suficientemente distraidas dos problemas reais.

Neste contexto geral, aqui esboçado rápido e superficialmente, surge, entre outras criações, a celebração do Dia Mundial do Ambiente.

Pois bem. Que sirva para que tomemos consciência de tudo isto e de muito mais. Por exemplo, que não deveremos tomar por evidência aquilo que o não é. Não é evidente, por exemplo, que o crescimento económico puro deva ser a meta da sociedade, o fim último de toda a sua estrutura. Não é evidente que a única «solução» seja a ruptura e o fim pela guerra — é condicionando-nos a esta falsa ideia que a classe dirigente mundial continua a aumentar o seu poder e o seu lucro. Também não é evidente a necessidade de nos submetermos ao consumo dirigido com o que forjam a nossa própria ideia de felicidade e de lugar entre os homens, os nossos conceitos de prazer e de liberdade. Muitas outras não-evidências é possível descobrir e esta descoberta pode ser um bom programa para cada um de nós, em geito de celebração do Dia do Ambiente, tendo presentes duas linhas de reflexão: enquanto pessoa que se quer homem livre, cada um de nós deverá e poderá construir a sua crítica e formalizar a sua recusa, através dos seus comportamentos; essa recusa não significa a negação do progresso técnico e da necessária submissão da natureza pelo homem. Quanto ao primeiro aspecto, lembrarei apenas, que o homem se liberta de ser dominado pela finalidade, imposta à sociedade, aprendendo, ele próprio, a construir essa finalidade, a contribuir para a organização do todo social com vista a um fim que ele julga útil e que escolheu. O homem torna-se, pois, livre, quando actua, de modo esclarecido, no grupo. De outro modo, sofrerá, passivamente uma integração à qual não poderá fugir e, então será escravo. A finalidade que o homem livre pode dar à existência colectiva é a construção de uma existência sem angústia numa terra em que as relações dos homens, entre si, e dos homens com a natureza, sejam qualitativamente diferentes, utilizando a técnica ao seu dispor, para a satisfação das necessidades naturais e culturais ressentidas, através da sua organização racional e de acordo com as capacidades do Meio. Quanto ao segundo aspecto, lembrarei que o homem, pelo simples facto de existir, transforma o Ambiente. É, evidentemente, uma atitude prática indispensável porem-se em evidência os equilíbrios que têm de ser mantidos ao nível da biosfera, para que a vida continue a ser viável e possa tornar-se o mais agradável possível. No entanto, é necessário não esquecer que a evolução continua e que a adaptação a novas realidades ambientais foi sempre uma sua constante. O princípio ecológico fundamental parece ter sido o de uma constante instabilidade, ou, se preferirmos, os equilíbrios dos ecossistemas não são deterministas. Evoluem constantemente. Daqui resulta, como princípio prático de acção, que o Ambiente não é uma entidade a sacralizar, mas a respeitar, profundamente, na sua dinâmica que deve ser conhecida numa base científica. Do ponto de vista da prática social, não se trata, pois de voltar aos esquemas do passado, recusando a parte de conforto que a evolução técnica nos permite. Há, sim, que formular uma pergunta: de que modo a organização social e o seu aparelho de produção e de distribuição realizam a verdade na pacificação da existência? Esta pergunta conduzir-nos-á à redefinição das nossas próprias necessidades de modo que a sua satisfação nos ponha em comunhão com o que nos rodeia, homens e natureza. Esta redefinição exige um esforço sério de reflexão. Exige, igualmente, que se rejeitem os esquemas fáceis da «ecologia» de boa consciência, segundo a qual se planta uma árvore a vinte e um de Março, mas nada se faz quando um agrário manda arrancar dez mil amendoeiras, ou quando exigências que nos são estranhas obriguem ao incêndio de milhares de hectares de floresta, com subsequente plantio dos eucaliptos necessários aos hábitos de consumo dos nosso amigos europeus. Os exemplos podem multiplicar-se, e, sobretudo, ligar-se uns aos outros e demonstrar, na prática, o carácter de sistema do Ambiente e do aparelho que o explora até à exaustão.

Qualquer homem que se queira instrumento de progresso e, portanto, de mudança social terá que ajudar a inventar os caminhos para a criação de um homem que tenha como grande e nova dimensão uma sintonia refletida e actuante, com o Meio, isto é um profundo acordo com ele, o que pressupõe a sua salvaguarda e defesa intransigente. Um homem que, libertando-se da exploração que recai sobre si, liberte, igualmente, a natureza, de cujo destino ele nunca mais poderá dissociar-se, na medida em que existe, hoje, forte, a consciência da solidariedade desse destino com o seu próprio.

O dado de base da sociedade actual é que ela se apoderou da natureza fazendo dela o primeiro objecto útil de exploração, instrumentalizando o homem, nesse processo. Esta dupla exploração levou os homens ao ponto de alguns já não distinguirem o normal do horrendo: as armas nucleares, a violência de toda a espécie fazem parte do nosso quotidiano e a ideia de guerra banalizou-se. Anuncia-se, nos jornais, com naturalidade (ou despudor) a venda de abrigos subterrâneos contra ataques nucleares, e, já em 1968 se expuseram, em Nova Iork, modelos de abrigos anunciados deste modo: «Simultaneamente casa familiar em tempo de paz e abrigo familiar contra as poeiras radioactivas em caso de guerra.» Certamente, com os confortos indispensáveis, de maneira a o pacato cidadão nem se aperceber do logro.

Torna-se urgente que os homens denunciem o horror desta demência.

Desta e de tantas outras. Para o que muito bem poderá servir a celebração de mais um Dia Mundial do Ambiente. Por simples coerência.

Para terminar, apenas algumas das «demências» que nos afligem neste lírico país e que vão dos rios e ribeiras, que, transformados em caneiros de esgoto, morrem literalmente, às fontes que secam pela eucaliptização e urbanização às cidades que se aviltam e empobrecem por força da especulação e incultura dos dirigentes, à subversão económica da paisagem humanizada em que monumentos de trabalho são substituídos por falsos valores ditos «turísticos», aos hábitos de consumo que ameaçam soterrar-nos em lixo, às ameaças de males ainda maiores como a substituição das policulturas pelas monoculturas interessando o grande capital ou as centrais nucleares, que, para além de tudo o mais, certamente estarão já tecnologicamente ultrapassadas. Estas são algumas das sombras negras do nosso viver verde que nos querem pintar de cor de rosa. Mas fiquemo-nos hoje por aqui, que tudo isto são largos contos.

S. R.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO

AVISO

ENGENHEIRO CIVIL DE 2.ª CLASSE

A Câmara Municipal de Montemor-o-Novo aceita candidaturas a um lugar de Engenheiro Civil de 2.ª classe (LETRA G-51 700$00).

OFERECE-SE:

- **Boas condições de trabalho. Direitos e regalias dos demais trabalhadores da autarquia.**
- **Vencimento de acordo com a tabela em vigor para a Função Pública.**
- **Contrato de trabalho por um período inicial de seis meses, com possibilidade de renovação e de futura integração no quadro.**

EXIGE-SE:

- **Licenciatura em Engenharia Civil.**
- **Disponibilidade imediata.**

Os candidatos deverão entregar pessoalmente ou por carta a enviar para a Secção de Pessoal da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, requerimento de candidatura em papel selado, dirigido ao Presidente da Câmara, com assinatura sobre estampilha fiscal de 100$00, do qual conste a identificação completa, data e número do Bilhete de Identidade e Arquivo de Identificação que o emitiu, habilitações literárias e profissionais. O requerimento deverá ser acompanhado de «curriculum vitae» detalhado.

As respostas deverão ser enviadas até ao dia 1 de Julho inclusive, para:

Câmara Municipal de Montemor-o-Novo
Secção de Pessoal
Largo dos Paços do Concelho
7050 MONTEMOR-O-NOVO

Por delegação do Senhor Presidente da Câmara,
Henrique Gabriel Pinto de Sá de Carvalho

Apesar do "não" do Parlamento

Cavaco diz que "vai continuar a trabalhar"

O Governo não vai poder legislar á sua vontade em matéria de leis laborais. Essa proposta foi ontem rejeitada na Assembleia da República com os votos conjugados do PRD, PS, PCP, MDO/CDE e dos deputados independentes Maria Santos, Rui Oliveira e Costa e António Barreto. Algo deprimido e descrente de que alguém ousasse contrariar a sua lógica, o PSD requereu a contagem dos votos. Mas nada feito. Maiorias são maiorias. O resultado foi de 94 a favor e 111 contra. As reacções não se fizeram esperar. O Partido governamental decidiu reunir amanhã a sua Comissão Política e desde logo foi iniciada uma difusa campanha tendente a fazer acreditar que o Governo poderia ir–se embora. Mas Cavaco Silva já meteu travões e parece ter digerido a derrota. «Não deixaremos de continuar a trabalhar», declarou ontem o Primeiro–Ministro no Algarve.

O estranho no meio de tudo isto é por que razão o executivo insistiu num pedido de autorizacão legislativa que sabia de antemão recusada. Todos os grupos parlamentares, com excepção do PSD fizeram essa pergunta, mas resposta, resposta, não houve.

Fernando Nogueira, adjunto do Primeiro–Ministro para os Assuntos Parlamentares, que encerrou o debate depois de esgotado o tempo de todos os partidos excepto do PCP disse que não viabilizar já esta legislação ou era «um acto de hostilidade inútil» ou «deliberada reserva mental».

Na opinião de Fernando Nogueira não foram detectadas «divergências de fundo insanáveis» quanto ao conteu-do, entre as propostas do Governo e os pontos de vista do PS e do PRD. Este membro do Governo disse mesmo que o PS «deu num passado recente o seu apoio explícito a esta legislação».

Depois de afirmar que «ficar á espera da unanimidade de pontos de vista é o mesmo que procurar despejar o mar com um dedal», ameaçou que a opinião pública e o Governo « não deixarão de avaliar as implicações resultantes de, mais uma vez, a Assembleia da República obstruir o cumprimento do Programa que esta Assembleia viabilizou».

Mais ameaças

Fernando Nogueira não se furtou a uma linguagem que transportava simultâneamente os sindromas da catástrofe e da ameaça. Pretendeu convencer o Parlamento de que o regime jurídico proposto era «objectivamente mais favorável aos reais interesses dos trabalhadores do que o actualmente em vigor» e disse que «os que têm emprego, sobretudo os contratados a prazo, e os que não têm, sobretudo os jóvens, não perdoarão mais esta dilação». Afirmou ainda que não fora uma derrota para o Governo «mas antes uma derrota para o País» e que o executivo «tem a consciência de ter cumprido o seu dever e não tem medo de ser julgado pelo que fez», podendo mesmo «vir a exigi–lo».

Mais correctas terão sido as posições do ministro do Trabalho, Mira Amaral, ao iniciar o debate com a apre-sentação das intenções do Governo argumentou que a actual legislação «pretensamente protectora dos trabalhadores, não evitou que estes tivessem visto degradar–se profundamente os seus salários reais e poder de compra e incentiva o desenvolvimento do trabalho clandestino e da economia paralela, além de deixar as empresas portugueses sem possibilidade de competirem com as empresas europeias, quer em Portugal, quer na CEE».

PS nunca esteve disponível

Respondendo ao Governo, o socialista Carlos Lage afirmou que o PS nunca esteve disponível para conceder esa prerrogativa ao Governo do Bloco Central e que mesmo que os representantes do seu partido no Governo dessa altura o tivessem pedido, a sua bancada não concederia autorizacão legislativa em matéria laboral. Em síntese, a posição da bancada socialista em relação ao pedido governamental é «não conceder autorização legislativa a qualquer Governo para mexer em questão tão melindrosa que tem vastas repercussões no tecido económico e social, sendo por isso uma lei estruturadora das relações de poder na sociedade portuguesa».

Carlos Lage adiantou que o que estava em causa não era o conteudo dos projectos que acompanham o pedido, «mas é por uma questão de princípio que recusamos autorizações legislativas neste domínio».

Algo sagrado

Para o PCP, que exprimiu a sua posição através do deputado Jerónimo de Sousa, a legislação do trabalho é considerada como algo de sagrado e imutável, mas este partido «estará sempre disponível para adaptar as leis do trabalho á realidade e ás necessidades do desenvolvimento económico, do progresso e da justiça social».

O que o PCP não aceitará, sublinhou aquele deputado, é «que se altere para pior, como pretende o Governo com esta autorizacão legislativa, não aceitará que em nome de matrizes importadas da Europa capitalista se ponham em causa e se liquidem direitos conquistados, património inalienável da revolução de Abril e que a Constituição consagrou».

Tal como outros deputados da oposição, Jerónimo de Sousa acusou o Governo de, com esta proposta que sabia iria ser rejeitada, estar no fundo a jogar um jogo escondido, não mostrando claramente os seus verdadeiros objectivos.

Falsas questoes

A jóvem deputada do PRD, Ana Gonçalves, representante de um distrito onde os problemas do desemprego e da fome atingem vergonhosas proporções, afirmou que o debate se encontrava rodeado de «falsas questões» e que, em seu entender «as contradicões existentes na sociedade portuguesa são, talvez, «o pano de fundo oculto desta discussão».

Ana Gonçalves recusou o argumento da celeridade com que o Governo fundamentou o pedido de autorização legislativa em vez de apresentar uma proposta de lei, sublinhando que relativamente ao processo de feitura das leis do trabalho, «é essencial como base de uma democracia económica o debate público». Noutra passagem da sua intervenção procurou demonstrar a inconsistência dos argumentos do Governo, designadamente «a bandeira de um Governo que quer agir mas que não pode porque a Assembleia da República não deixa».

«Os portugueses têm sido demasiadas vezes colocados perante falsas questões para iludir as verdadeiras: inventam–se malefícios para mais facilmente os exorcisar. Cada Governo encontrou o seu alibi para «não fazer», numa fuga sistemática ás responsabilidades próprias. Tivemos assim o Conselho da Revolução, a Constituição, temos tido as leis laborais, e agora o inimigo é a Assembleia».

A deputada renovadora disse ainda que, a respeito das leis laborais, estamos confrontados com duas posições opostas: «a ideia da lei–milagre e a ideia da lei–catástrofe».

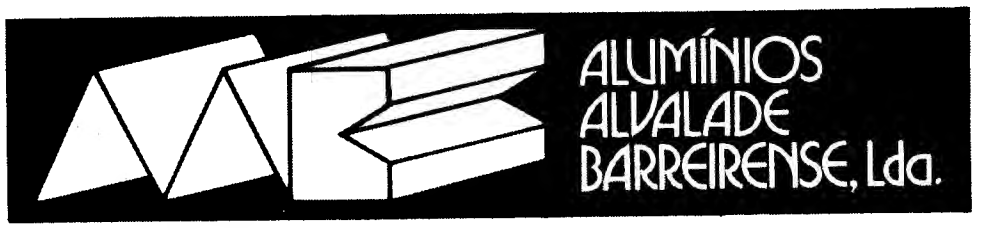
Posições significativas

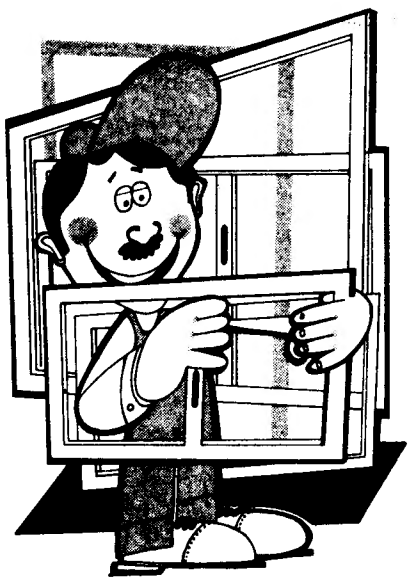
As alusões feitas por Ana Gonçalves a um «pano de fundo oculto» fazem sentido se observarmos algumas posições curiosas que ocorrereram no Parlamento.

Cavaleiro Brandão, do CDS, por exemplo, fez uma série de críticas á proposta do Governo. Mas depois acabou por votá–la favoravelmente.

Esta proposta tem merecido a oposição frontal tanto da CGTP como da UGT. Pois os sindicalistas e deputados do PSD, Américo Santos e Manuel Martins, este último presidente dos bancários do Porto e ambos membros dos órgãos da UGT, votaram a favor da autorização.

Em contrapartida, Rui Oliveira e Costa, o «expulso» do PSD e membro do secretariado da UGT, votou contra.





caixilhos x marquises

Tels ★ 207 9811 - 204 9812

BARREIRO Pctª Filinto Elísio, 22 e 23

PETROQUÍMICA E GÁS DE PORTUGAL, E.P.
COMUNICADO SOBRE A GREVE DO GÁS

1. Após um período de 4 dias de greve com interrupção de fornecimento de gás de cidade, que provocou graves inconvenientes à população da cidade de Lisboa, foi estabelecido um Acordo Salarial entre o Conselho de Gerência da PGP e os trabalhadores.
2. Face ao acordo estabelecido, os novos níveis salariais passam a ser de:

NÍVEIS	VENCIMENTO ATÉ 30 ABR 86	NOVO VENCIMENTO a vigorar entre 1 MAI 86 e 30 ABR 87	AUMENTO PERCENTUAL
I	136 000	157 100	15,51%
II	112 000	129 400	15,54%
III	93 000	107 400	15,48%
IV	76 000	87 800	15,53%
V	65 600	75 800	15,55%
VI	54 100	62 500	15,53%
VII	48 300	55 800	15,53%
VIII	45 200	52 200	15,49%
IX	42 000	48 500	15,48%
X	39 400	45 500	15,48%
XI	36 400	42 000	15,38%
XII	33 700	38 900	15,43%

3. Na sequência de estudos remuneratórios que vinham decorrendo há longo tempo, o Conselho de Gerência resolveu também antecipar a implementação de uma actualização de escalões de vencimentos, abrangendo cerca de 60% dos trabalhadores, e proceder a pequenos ajustes no valor do subsídio de turnos, que contemplam cerca de 30% dos trabalhadores. Ambas as medidas reflectem, assim, aumentos de produtividade entretanto conseguidos, pelo que estes ajustamentos não traduzem um incremento real da massa salarial global.

4. O referido Acordo manteve pois inalterável o aumento de 15,5% na Tabela Salarial que fora anteriormente proposto pelo Conselho de Gerência, assim como o aumento global da massa salarial equivalente.

5. O Conselho de Gerência congratula-se com os resultados conseguidos em termos da nova Tabela Salarial, os quais representam um considerável aumento de poder de compra real dos trabalhadores, sem pôr em causa os grandes objectivos de rigoroso controlo de inflação – 12% em 1986 – estabelecidos pelo Governo.

6. Embora não sendo de sua directa responsabilidade, o Conselho de Gerência entende dever apresentar as suas desculpas pelos incómodos causados aos consumidores da PGP e à população em geral.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Soares não viu os de África...

Há na Torre do Tombo documentos com 600 anos

O Presidente da República deparou ontem, na Torre do Tombo, com vários documentos históricos do Tratado de Windsor, mas não conseguiu ver um único dos que se encontram em 21 caixotes selados sobre a guerra de Africa. Na visita que fez, por seu turno, à exposição do VI Centenário do Tratado de Windsor, Soares fez-se acompanhar da secretária de Estado da Cultura.

Mário Soares visitou em Lisboa uma exposição sobre o Tratado de Windsor, 39 dias depois de ter presidido, no Reino Unido, juntamente com a rainha Isabel II, às cerimónias comemorativas dos 600 anos da aliança luso-britânica.

Durante a visita, o director da Torre do Tombo, José Pereira da Costa, acompanhou o Presidente através de várias salas repletas de arquivos, tendo mesmo feito questão de mostrar ao Chefe de Estado alguns documentos de países nórdicos no Século XVIII.

O director da Torre do Tombo não conseguiu, contudo, mostrar ao Presidente da República qualquer exemplar dos milhares de documentos sobre a guerra portuguesa no Ultramar, os quais — segundo referiu na ocasião — se encontram selados em 21 caixotes que não poderão ser consultados durante os anos mais próximos.

O Presidente da República visitou a exposição comemorativa do VI Centenário do Tratado de Windsor, a mais velha aliança do mundo, acompanhado pela secretária de Estado da Cultura, pelo ministro conselheiro da Embaixada britânica e pelo presidente da «British Historical Society of Portugal».

Nota oficiosa da Assembleia da República

Lei da Amnistia não contém qualquer "medida de excepção"

Nos termos da Lei de Imprensa publicamos a seguinte nota oficiosa, remetida pelo presidente da Assembleia da República:

«Ao abrigo do disposto na Lei 60/79, de 18 de Setembro, com a redacção que lhe foi dada pela Lei 5/86, de 26 de Março, remete-se para publicação a seguinte nota oficiosa, cujo teor foi aprovado em 18 de Junho de 1986 pela Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias:

Publicou o semanário «Expresso», na sua edição de 14 do corrente, um texto nos termos do qual a Lei da Amnistia, aprovada pela Assembleia da República e recentemente entrada em vigor, teria consagrado uma «medida de excepção» por contemplar os titulares de cargos políticos e gestores de empresas públicas que não cumpriram a lei sobre a declaração de rendimentos. Este texto teve, entretanto, repercussão em outros órgãos de Comunicação Social.

Impõe-se corrigir esta informação, que não tem nenhum fundamento. Com efeito, é absolutamente falso que a Lei de Amnistia contenha qualquer «medida de excepção» para contemplar casos de violação da lei sobre aquela declaração de rendimentos. Uma proposta de deputados do PSD, apresentada no âmbito da comissão especializada, no sentido da amnistia abranger tais casos, foi retirada pelos seus autores, após debate que conduziu à não inclusão, por consenso unânime, na amnistia, às infracções à referida Lei 4/83.

A amnistia abrange apenas os crimes cometidos por negligência a que não caiba pena de prisão superior a um ano, e não quaisquer outros, designadamente os previstos na chamada «Lei dos Rendimentos».

Assim, quaisquer informações em sentido contrário representam uma completa distorção da realidade, num domínio em que é potencialmente exigível a verdade e o rigor.

EU QUERO
comprar carro
e mobilar a casa. Vá já
À
MOVIGRUPO
CONSÓRCIO
SEM entrada
Juros
DOS 12 AOS 60 MESES
Inscreva-se nas lojas dos
MÓVEIS PICA-PAU e
DARTY-MÓVEIS CONFIANÇA
das organizações: A. S. NUNES
ODIVELAS — R. Alfredo Ruas, 50-A - ☎ 982605458 Pedernais
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125 - ☎ 530076
LISBOA — Est. Benfica, 174-176 - ☎ 780599
AMADORA — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 5-B - ☎ 4945691
QUELUZ — Av. António Enes, 20-B - ☎ 952306
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 - ☎ 2769001
COVA DA PIEDADE — R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B - ☎ 2754952
PAIVAS — Est. Nacional 10, Lote 30 - ☎ 2210067
V.F.XIRA — R. Alves Redol, 80-B - ☎ 24011
SETUBAL — Av. D. Manuel I, 80 (Frente ao centro Com. Dufa)
BARREIRO — R. Dr. Manuel Pacheco, 92-A - ☎ 2077237
ALVERCA — Av. Capitão Meleças, 34-A - ☎ 2582403
LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18-A - ☎ 521384
C. BRANCO — Av. Nuno Alvares, Bloco B, Letra G - ☎ 24741
PORTO — Av. da Boavista, 1092 - ☎ 697447
COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 60 - ☎ 26185
FARO — R. Eça de Queiros, 2 - ☎ 27580
LOULÉ — R. Alaíde de Oliveira, 18
LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18-A - ☎ 521384
AGORA EM SETÚBAL

Primeiro-Ministro em Faro:

Compete aos algarvios salvar o Algarve

O Primeiro-Ministro, Cavaco Silva chamou ontem a atenção para o «flagrante desequilíbrio» entre o progresso do litoral algarvio e a estagnação do interior da região. Falando na Câmara Municipal de Faro, Cavaco Silva disse: «Teremos agora de corrigir os erros acumulados e criar as infra-estruturas sem as quais não será possível o progresso».

«Teremos de assegurar as condições necessárias, complexas, múltiplas e dispendiosas, para que o desenvolvimento do Algarve possa ser integralmente conseguido nas diversas facetas que se impõem: desde o saneamento ao ensino e da agricultura à saúde», acrescentou.

Depois de afirmar que a essa tarefa o executivo se devotará com «firmeza e determinação», Cavaco Silva sublinhou que o desenvolvimento do Algarve deve passar pelos próprios algarvios.

«Daqui terá de partir o maior esforço, a mais pujante iniciativa, a mais criadora imaginação, para que o Algarve possa progredir em todos os campos — e não apenas na faixa costeira mas igualmente no interior», elucidou.

No seu discurso, o Primeiro-Ministro convidou os algarvios a deitarem mãos à obra, que classificou de «grande», assegurando que o Governo dará o apoio necessário, cabendo aos naturais da região o esforço.

Outro aspecto importante, realçou, é a preservação do ambiente.

«O Algarve não pode continuar a autodestruir-se pela poluição de que tem sido vítima na sua natureza e na sua estética», disse.

«Às Câmaras Municipais — prosseguiu — compete, através de planos directores cuidadosamente estudados, evitar que a ambição pelo lucro fácil e o mau gosto proliferem no litoral algarvio, tal como vem acontecendo de forma altamente preocupante. É preciso criar espaços verdes e não permitir o adensamento urbano. É necessário proibir que construções inaceitáveis cresçam por toda a parte».

«Compete aos algarvios salvar o Algarve», destacou.

Carência de recursos hídricos

A visita do Primeiro-Ministro destinou-se fundamentalmente ao contacto directo com empreendimentos no domínio das infra-estruturas, em curso na região, e que atingem valores na ordem dos dez milhões de contos.

Cavaco Silva iniciou o seu programa de trabalho com uma apreciação das obras na estrada Ourique/Santana da Serra num total de 18 quilómetros e que irá melhorar a ligação do resto do País com o Algarve.

Trata-se de um projecto que ascende a 2,5 milhões de contos cuja primeira parte, num total de oito quilómetros, deverá ser aberta ao trânsito já no próximo mês de Julho.

O troço São Bartolomeu de Messnes/Guia, a estrada de maior penetração no Algarve, e que se encontra igualmente em obras, mereceu também a atenção do Primeiro-Ministro.

Em Silves, a primeira localidade algarvia onde se deslocou, Cavaco Silva foi posto ao corrente da situação actual de um dos sectores mais importantes para o desenvolvimento futuro do Algarve — os recursos hídricos.

«O Algarve é uma região com grandes potencialidades agrícolas, os terrenos são de boa qualidade mas os índices de precipitação são baixos», disse numa exposição um técnico da Direcção-Geral dos Recursos Hídricos.

Segundo aquele responsável, o que está em questão é alargar a área do regadio no Algarve, através da construção de dois subsistemas de barragens, bem como a garantia de abastecimento de água às populações da região.

Hoje em Faro, Cavaco Silva preside à tomada de posse do novo reitor da Universidade do Algarve, Lloyde Braga.

Lloyde Braga, ex-ministro da Educação e Cultura do Governo de Nobre da Costa, substitui Gomes Guerreiro.

A Universidade do Algarve foi criada por Decreto-Lei promulgado pela Assembleia da República em 1979 e entrou em funcionamento em 1983 com cursos de biologia marítima e pescas, gestão de empresas e horticultura.

Ainda não dotada de instalações definitivas, a Universidade do Algarve tem os seus serviços e aulas disseminados um pouco por toda a cidade de Faro, sendo esse um dos problemas com que se debate aquele estabelecimento de ensino superior.

CNP, EPSI, Metalsines, Petrogal, Carbogal...

Sines não tem defesa contra "tragédia" fabril

Júlio Rodrigues

A CNP, a EPSI, a Petrogal e a Administração do porto de Sines têm os seus serviços de segurança contra eventuais situações de ameaça, de perigo iminente, para defesa das suas áreas e patrimónios. Mas Sines, no seu conjunto, disporá — como a sua inserção industrial pressupõe — de um sistema de segurança apropriado, à partida eficaz?

O 1.º comandante dos Bombeiros Voluntários de Sines disse ao «DL» que não. «A protecção civil da região são os seus bombeiros voluntários. Aqui, de facto, não há um Plano de Emergência como noutros lados e centros também industrializados», afirmou-nos António Lopes da Silva, no comando dos BV de Sines há cerca de trinta anos.

Apesar da sua força industrial, da perigosidade de muitos dos produtos que fabrica ou trabalha, desde a refinaria à Carbogal, ou dos metais ao etileno, Sines não dispõe de um Plano de Emergência para acudir a eventuais situações catastróficas, como acontece com Estarreja e o Barreiro, por exemplo. A sua protecção civil assenta nos Bombeiros Voluntários da região. Aos de Sines cabe uma vasta área para cobrir de imediato, numa linha de cerca de cinquenta quilómetros: estão a 18 de Santiago de Cacém e a 30 de Cercal do Alentejo.

«Testamos a nossa capacidade para acorrer a situações mais delicadas, pelo menos uma vez por ano. É uma espécie de treino de conjunto que fazemos na EPSI (empresa de Polímeros) com o pessoal da segurança indistrial da CNP, Petrogal, APS e, claro, da EPSI. Trata-se de um treino anual que tem vindo a alargar o seu leque de participantes a interessados. Entendemos, contudo, que não é o suficiente e que essa responsabilidade devia caber ao Gabinete da Área de Sines», acrescentou António Lopes da Silva.

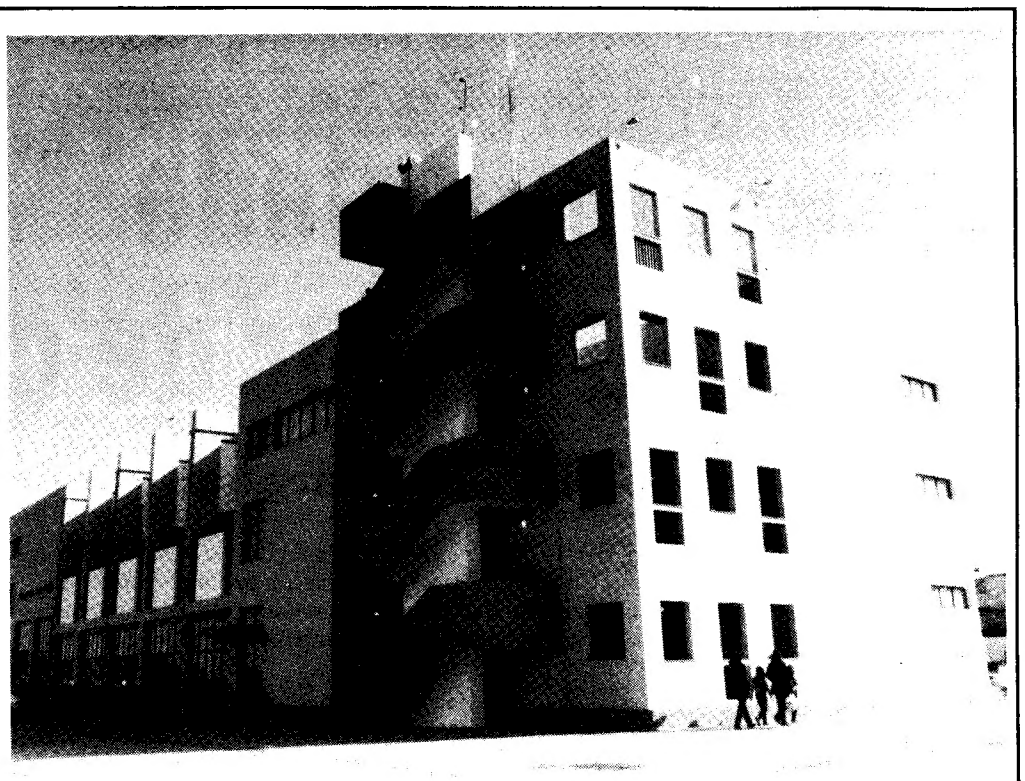
Voluntariado foi chão que deu uvas

Os Bombeiros Voluntários de Sines percorreram o ano passado mais de 455 mil quilómetros, dos quais 376 177 na condução de doentes. Os números directamente relacionados com segurança são bem mais animadores: 86 incêndios e 1197 sinistros. Nos primeiros, os BV de Sines andaram 4190 quilómetros e 45 518 para acorrer a sinistros não especificados.

Até 1971 os bombeiros de Sines não defrontaram problemas de maior: a CNP ainda não estava instalada na sua área, do Complexo de Sines, propriamente, não se falava. Ele não existia, pura e simplesmente. Portanto, recordou há dias o seu comandante ao «DL», os 320 sócios da instituição, 35 bombeiros e cinco viaturas eram suficientes.

E hoje, estão bem servidos?

António Lopes da Silva, apesar da funcionalidade do novo quartel (inaugurado em Fevereiro do ano passado), que no seu piso superior tem um amplo salão com medidas para qualquer congresso sobre temática alentejana, não está satisfeito. Ele acha que não e sustenta que «o voluntariado já deu o que tinha a dar». A corporação tem hoje ao seu dispor 65 homens, dos quais cinco profissionais, mas o elenco ideal seria uma centena. «O voluntariado — frisa António Lopes da Silva — foi chão que já deu uvas. Por outro lado — vincou noutro passo —, o serviço de saúde que temos não se compadece com o voluntariado.»



Novo quartel dos Bombeiros de Sines: começou a ser construído em 1981 e só em Fevereiro do ano passado foi inaugurado

Os BV de Sines nasceram em 1943. As diligências para a construção do novo quartel, logo à entrada da vila, à esquerda, para quem se dirige para o centro de Sines, começaram em 1973. No entanto, a «luz verde» do Governo só foi dada em 1981. O ano passado, em Fevereiro, o quartel, moderno, modelar, foi inaugurado. Gradualmente, os BV locais têm vindo a ser apetrechados das condições mínimas que a sua acção exige. Hoje, o número dos seus sócios é bastante mais substancial que há dezena e meia de anos atrás: de 320 associados em 1971 passou para quatro mil em 85. São 65 os seus «soldados da paz» e 80 o seu pessoal. Dispõe de treze viaturas.

Empresa deu 10 contos para uma viatura de fogo

A Companhia Nacional Petroquímica, a EPSI, a Carbogal, a Metalsines e a Petrogal ficam no seu espaço. São muitas empresas para tão poucos bombeiros. É excessivo o risco para tão pouca segurança. E, a bem dizer, treze viaturas não dão para nada. Sobretudo, repetimos, atendendo a que nem sequer há um «Plano de Emergência» esboçado, esquematizado, para acorrer a uma situação de perigo iminente, de grande risco, de pré-catástrofe. Uma área industrial como a de Sines está permamentemente exposta a esse quadro.

Cúmulo dos cúmulos (segundo António Lopes da Silva): «atendendo às enormes responsabilidades que pesam sobre a nossa corporação, entendemos que deveríamos adquirir uma nova viatura de fogo, especialmente indicada para o tipo de indústria que nos rodeia. Tratando-se, de facto, de um investimento vultuoso para as nossas posses (treze mil contos), apelámos, como é habitual em todos os lados, a algumas empresa e entidades instaladas na nossa área», acrescentou.

Abre-se parágrafo para realçar isto: uma das empresas contactadas atribuiu-lhe um subsídio de dez contos. E o 1.º comandante dos BV de Sines (o 2.º comandante é Francisco Pereira) pergunta, irónico: «Que pensar dos responsáveis dessa empresa que está investindo milhões de contos em Sines e que nos atribuiu apenas dez mil escudos?»

António Lopes da Silva enriquece a sua afirmação nestes termos:

«Justificaram tal importância pelo facto de estar implantada em todo o País. Só podemos compreender tal atitude por a decisão ter partido de um qualquer gabinete, situado algures em Lisboa, portanto completamente desfasado da realidade e consequentemente dos problemas que um empreendimento deste género provoca quer na sua fase de construção quer de laboração.»

Praia de Sines: bombeiros também socorrem banhistas e náufragos

Só a transplantação a salvará

Jovem em estado "grave" aguarda dador de coração

• O Hospital de Santa Cruz tem quatro doentes na lista de espera

Chama-se Alice Maria Festas, tem 16 anos, reside em Vila do Conde e está internada no Hospital de Santa Cruz, em Carnaxide, que fez ontem um apelo a «potenciais centros», designadamente hospitais que lhe indiquem um dador de coração. Alice Festas, ali internada em «estado grave» precisa urgentemente do coração de uma outra pessoa. O transplante é a sua única salvação.

Seabra Gomes, director dos Serviços de Cardiologia do Hospital de Santa Cruz, afirmou que Alice Maria Festas Fangueiro, de seu nome completo, de 16 anos, «sofre de cardiomapatia dilatada» e que «é o caso presente mais grave».

A jovem natural de Vila do Conde onde trabalhava como costureira numa fábrica de confecções deu anteontem entrada no Hospital de Santa Cruz onde se encontra já preparada para receber um novo coração.

Seus pais, José Manuel Gomes Fangueiro e Maria Fernanda Festas do Lago, de 40 e 34 anos respectivamente, disseram ter sido informados de que a transplantação seria a «única alternativa de sobrevivência».

Os pais têm mais duas filhas de 11 e 9 anos, e adiantaram ainda que a filha veio do Hospital de S. João do Porto, onde foi acompanhada por uma equipa de médicos constituída por Rosária Capucho, Paulo Dinis e Reis Campos, que a encorajaram à transplantação.

Os sintomas da doença de coração começaram em 1985, quando se pensava que Alice Maria tinha apenas gripe. Num ano, portanto, o seu estado de doença e debilitamento evoluiu, apressadamente.

Tratada nesse sentido, a situação veio, contudo, a agravar-se tendo então, após exames específicos, sido detectado em Alice Maria aquele estado grave: a cardiomapatia dilatada.

O Hospital de Santa Cruz em Carnaxide, que tem também outros casos aptos a ser submetidos a transplantação cardíaca, efectuou este ano três transplantações de corações.

O primeiro caso, que celebrizou este avanço, da medicina em Portugal, ocorreu neste Hospital, em Fevereiro deste ano. A paciente que marcou este passo histórico da ciência em Portugal foi Eva Pinto, que se encontra, actualmente, a efectuara sua vida normal: vende artigos na feira, entre os quais almofadas com o feitio de corações.

Quatro doentes à espera de dadores

Quatro doentes neste momento aguardam no Hospital de Santa Cruz quem lhes permita o prolongamento da vida, isto é, de dadores. São quatro corações que precisam de ser substituídos por outros, em boas condições.

Os quatro doentes — um jovem de 15 anos, um homem e duas mulheres — estão internados no Hospital de Santa Cruz, em Carnaxide, e fazem parte de uma lista de candidatos à recepção de novo coração que já sofreu dezenas de baixas.

Queirós e Melo, a quem chamam o pioneiro dos transplantes em Portugal. disse que quarenta doentes anteriormente seleccionados para serem submetidos a transplantação cardíaca no período de cerca de um ano acabaram por morrer sem que surgisse dadores. Entretanto, os três receptores, de novos corações operados no Hospital de Santa Cruz encontram-se «extremamente bem», dois dos quais em casa. O terceiro está a evoluir favoravelmente e, quanto ao segundo Queirós e Melo, prevê que tenha alta em breve.

O cirurgião disse não ser ainda altura para se avançar com outros tipos de operações já efectuadas noutros países, como o recurso a corações de animais ou a corações artificiais.

«São processos úteis e com interesse, mas tudo leva o seu tempo», disse. «O tratamento de doentes é uma coisa muito séria e o facto de haver alguns centros que aplicam esse tipo de tratamento não quer dizer que no nosso hospital se pense utilizá-los a curto prazo».

Maior abertura à colheita de órgãos

Reconheço o seu interesse e a sua necessidade, mas há algumas etapas basilares mais prementes que se sobrepõem, disse ainda. «Não estou a negar, repito o valor desse tipo de tratamento, mas o seu custo tão elevado, e os seus resultados são tão medíocres que há outras prioridades para responder às necessidades dos doentes».

Queirós e Melo sublinhou haver doentes necessitados de tratamentos mais imediatos que são muito mais baratos e com um benefício muito maior. O cirurgião referiu que o desenvolvimentodos transplantes necessitará do acompanhamento das outras especialidades e sublinhou ser desejável que, no futuro, se façam transplantações cardíacas noutros estabelecimentos hospitalares.

Queirós e Melo salientou ainda a impossibilidade de se fazerem as transplantações sem dadores e as dificuldades que têm ocorrido para obtê-los. «O problema da morte cerebral é um problema extremamente sério e uma decisão dolorosa que há que tomar em certas ocasiões», disse.

Para ele é indispensável uma maior abertura social, uma maior abertura de mentalidade, para que haja maior acesso à colheita de órgãos, uma «actividade nobre e desejável e que pode resolver o problema de muitas e muitas centenas de doentes que de outra maneira irão morrer miseravelmente a curto prazo», disse.

Aquele clínico sublinhou que em todos os países que iniciaram os transplantes de coração se levantou uma certa celeuma e uma certa retracção relacionada com a colheita de órgãos, visto que muitas vezes critérios afectivos se imiscuem com conceitos científicos.

Queirós e Melo sublinhou, em abono da sua tese, que «a morte é a morte cerebral» e que é indispensável haver uma evolução das mentalidade no campo social, no sentido de uma maior abertura de espírito para esta actividade médica.

Embaixatriz visitou portugueses em Carabanchel

Doze portugueses, de idades compreendidas entre os 16 e 21 anos, encontram-se actualmente na prisão de menores de Carabanchel, em Madrid, a cumprirem penas ou à espera de julgamento. Acusados em especial de crimes de furto, a grande maioria está à espera de julgamento há vários meses.

Os doze jovens foram ontem visitados pela embaixatriz de Portugal em Espanha, Maria Gabriela Reino, e pelo conselheiro social da Embaixada, José António Galaz.

Ex-pugilista ferido

A Polícia Judiciária investiga as circunstâncias em que ficou ferido a tiro o antigo pugilista António Ferreira Aires, de 39 anos, conhecido pelo apelido de «Macário», que, na madrugada de ontem, apareceu a esvair-se em sangue, no patamar do prédio n.º 47 das Escadinhas do Duque, à Trindade, em Lisboa. No prédio habita um amigo de «Macário», de nome José Manuel , na altura ausente, existindo ainda dúvidas para a PJ sobre a naureza do incidente: tentativa de homicídio ou suicídio frustrado.

Recebendo dele "visitas e mensagens"

Ré no processo de Mira Fernandes esteve hospedada dois anos no Ritz

As relações entre Mira Fernandes, o ex-director da Região Ocidental do Banco Fonsecas & Burnay, que está a ser julgado na Boa Hora sob a acusação de uma fraude de cerca de 220 mil contos àquela instituição e a co-ré Lurdes Fernandes «estravasavam as relações comerciais», segundo foi ontem revelado em tribunal pelo investigador da Polícia Judiciária Isidro Lobato.

De acordo com o mesmo declarante, a ré, ausente da sala de audiências, por ter sido levantado o incidente jurídico de «insanidade mental», esteve hospedada durante dois anos no Hotel Ritz, onde recebeu «visitas e mensagens» de Mira Fernandes.

Na sessão de ontem foi ainda ouvido o gerente do balcão do Rossio do Banco Fonsecas e Burnay, Aníbal Carmo, que afirmou estar convicto que o réu autorizava concessões de crédito aos grupos de empresas dos co-réus no processo, Manuel Serafim, julgado à revelia e Lurdes Fernandes, baseando-se no controlo que declarava ter do processo.

Aníbal Carmo concordou que o réu ignorava, contudo, as informações acerca dos referidos co-réus, nomeadamenre do Manuel Serafim, em que se afirmava estar aquele inibido de passar cheques. Sublinhando que, Mira Fernandes, deferia «muito rapidamente» os processos de concessão de crédito, Aníbal Carmos disse que no seu lugar seria «mais prudente».

A outra testemunha a ser ouvida foi o director de zona, Fernando Cabral, que referiu por diversas vezes a «elevada estima» que nutria pelo réu, baseada, disse «no prestígio» que o mesmo gozava no interior da instituição e na amizade de 23 anos que por ele nutria, negando, por outro lado, que alguma vez tivesse sido pressionado por Mira Fernandes, para assinar as propostas de concessão de créditos às empresas relacionadas no processo.

A próxima sessão do pleito ficou marcada para as 14 horas de terça-feira.

FUNDO DE RETIRO

Mário Castrim

O GAL ao ataque

Uma bomba de fraca potência explodiu ontem na Praça do Comércio, vulgo Terreiro do Paço, junto ao auto denominado Cais das Colunas. Parece que os terroristas terão confundido um cacilheiro com o porta-aviões nuclear americano «Centaurus» fundeado no Tejo.
O atentado já foi reivindicado em carta para o Telediário, deitada num caixote do lixo, como sendo da autoria do GAL — Grupo da Anedota Lusitana.

O sagrado direito á informação

Um grupo de crianças divertiu-se toda a manhã aos pontapés a um objecto encontrado no campo. O sr. Fonseca, sargento da Armada, tirou-lhe à força o objecto da brincadeira, dizendo tratar-se de uma granada esquecida da guerra de 1914.
Telediário *protesta contra a atitude daquele indivíduo, como atentatória do direito da Informação. Não fora a sua atitude, certamente impensada, e estaríamos nós agora a informar sobre a morte de tantas crianças inocentes.*

Prossegue a onda da violência

Na zona de Carcavelos, perto do local onde se encontra instalado o comando da NATO, houve grande alarme pelo facto de uma bomba ter sido atirada para dentro do quartel. Não se verificaram nem mortes nem feridos pois a bomba nem sequer chegou a explodir. Registaram-se ligeiros estragos especialmente na bomba que ficou amolgada. Dado que, até ao momento, ninguém se apresentou a reivindicar o atentado, a NATO comunicou que entregará a bomba a quem provar pertencer-lhe.

Nova ameaça contra Reagan

Era de média potência o petardo que rebentou na madrugada de hoje à entrada do Bombarral, segundo uns, à saída do Bombarral, segundo outras. Não se põe de lado a hipótese de o alvo do atentado ter sido a Casa Branca, que dista dali a escassos milhares de quilómetros. Reagan já convocou o Conselho de Estado Terrorista, a fim de analisar a grave situação criada.

Mário Raposo tem-se desdobrado em declarações sobre as prisões

Superlotação das prisões não pode continuar

Ministro da Justiça defende alteração do regime preventivo

O ministro da Justiça defendeu ontem a alteração do regime de prisão preventiva como a solução mais indicada para evitar a superlotação das cadeias e a repetição de casos como o de Vale dos Judeus. Mário Raposo, que ontem mesmo chegou de Oslo, qualificou de «injustificável» a greve dos guardas prisionais convocada para 2.ª-feira.

O ministro da Justiça disse que «hoje vai-se preso por dá-cá-aquela-palha», impondo-se, o que está a ser feito, alterar o próprio Código Penal. Devido a essa situação, a de o cidadão ser preso por tudo e por nada, «vivem-se condições degradantes em muitas prisões do País», acrescentou Mário Raposo.

Atribuindo o incidente ocorrido na prisão de Vale dos Judeus à superlotação daquele estabelecimento, como acima dissemos, Mário Raposo salientou a necessidade de reforma do regime de prisão preventiva «para evitar que as pessoas sejam presas por bagatelas penais».

Sobre a greve dos guardas prisionais que se inicia segunda-feira, o ministro afirmou que não eram justas, adiantando que o estatuto remuneratório daqueles funcionários foi já equiparado ao dos guardas da PSP.

«As reivindicações dos guardas prisionais não têm razão de ser, porque fui eu que sugeri algumas das questões que eles agora apontam, nomeadamente a sua equiparação aos agentes da PSP quanto à atribuição de um subsídio de risco», justificou.

Mário Raposo disse que a reivindicação do «subsídio de habitação agora preconizada pelos guardas prisionais foi da sua iniciativa, acrescentando que esta matéria «já foi publicada em «Diário da República».

Mário Raposo fez estas declarações à chegada de Oslo, onde participou numa reunião dos ministros da Justiça do Conselho da Europa. Nessa reunião, disse Mário Raposo, foi decidido identificar os regimes jurídicos dos 21 Estados-membros sobre a repressão do tráfico de droga, para que «deixem de existir paraísos penais para os traficantes».

Essa identificação dos regimes jurídicos — acrescentou — vai traduzir-se «num agravamento das penas não para o toxicómano, mas para os traficantes de droga».

«O tráfico de droga passa a ser considerado nos 21 Estados-membros do Conselho da Europa como um crime dos mais penalizados» — acentuou.

Mário Raposo referiu ainda ter sido debatida na reunião uma proposta de Portugal sobre a protecção jurídica dos cidadãos contra os efeitos da poluição.

Interrogado sobre a entrada em vigor de matéria relativa à prisão preventiva do novo Código de Processo Penal, o titular da pasta da justiça disse que em Portugal se prendem «preventivamente demasiadas pessoas», acrescentando que «cerca de 40 por cento dos reclusos estão nesta situação».

Em Portugal existem cerca de onze mil detidos, em 46 estabelecimentos prisionais.

PJ perante um caso polémico

"Raptada" pelo pai que acabara de sair da cadeia

Aconteceu em 22 de Janeiro de 1985: Hélder Joaquim Correia Pinela, de 33 anos, saiu da cadeia e nessa mesma noite foi a casa da mulher, de quem estava separado, e levou a filha de ambos, Margarida Alexandre, de quatro anos, que na altura envergava apenas o pijama. O caso foi participado às autoridades policiais pela mãe da criança, mas, até à data, da pequena Margarida Alexandre e do pai nem rastos, apesar das diligências de Nazaré Rodrigues Marques junto do Tribunal Cível de Lisboa que, ainda recentemente, transferiu as suas responsabilidades para o Tribunal da Comarca de Loures, certamente pelo facto da última residência conhecida de Hélder Pinela ficar localizada em Fetais.

Desesperada, Nazaré Marques recorreu há dias à Polícia Judiciária onde a sua participação não teve receptividade, ao que lhe afirmaram por não se tratar propriamente de um rapto, à face da lei, mas sim de um «acto de recuperação» da filha pelo próprio pai. Só que Hélder Pinela não é propriamente um pai vulgar, ou seja um cordato chefe de família: em liberdade condicional já foi indiciado pelos crimes de furto e de tráfico e consumo de droga. Será que a Polícia Judiciária vai continuar a «fechar os olhos» a este caso?

A pequena Margarida Alexandre, de quatro anos

Na primeira quinzena deste mês

Guarda Fiscal apreendeu 40 mil contos de contrabando

A Guarda Fiscal apreendeu, na primeira quinzena deste mês, diversas mercadorias no montante de cerca de 40 mil contos. Entre os produtos e artigos apreendidos contam-se máquinas de jogos, videocassetes, camarão, gado, electrodomésticos, droga e material de som.

As apreensões foram efectuadas em Lisboa, Barreiro, Moita, Matosinhos, Vilar Formoso, Sabugal, Peniche, Azambuja, Vialonga, Almeirim, Viana do Castelo, Melgaço, Carcavelos, S. João do Estoril, Albufeira, Gerês, Aveiro e Elvas.

INATEL

TURISMO SOCIAL

O MUNDO MAIS PERTO DE SI... A PREÇOS MAIS VANTAJOSOS

NICE - CÔTE D'AZUR	3 a 14/7	—	59.750$00
FÉRIAS EM FRANÇA - BIERVILLE	4 a 18/7	—	66.500$00
COSTA BLANCA - BENIDORM	17 a 27/7	—	37.750$00
COSTA BLANCA - BENIDORM	25/7 a 4/8	—	37.100$00
PALMA DE MAIORCA + BENIDORM	13 a 24/7	—	43.000$00
COSTA BLANCA - BENIDORM	10 a 20/7	—	34.500$00
★			
MINHO, GERÊS E CANIÇADA	5 a 7/7	—	8.990$00
NAZARÉ E S. PEDRO DE MOEL	12/7	—	1.150$00
VALE DO VOUGA E SERRA DA ESTRELA	19 a 21/7	—	8.510$00
REGIÃO DOS 3 CASTELOS	20/7	—	670$00
TRIÂNGULO TURÍSTICO DO ALENTEJO	26/7	—	2.550$00

INFORMAÇÕES E RESERVAS
Calçada de Sant'Ana, 180 - Lisboa
Tel. 53 88 71 — Telex 42798 INFANT P

ABERTO TAMBÉM À HORA DO ALMOÇO

Em Outubro, em Monfortinho

Segundas Jornadas da Beira Interior

As Segundas Jornadas da Beira Interior, uma iniciativa do «Jornal do Fundão», realizam-se este ano nos dias 10, 11 e 12 de Outubro, em Monfortinho, anunciou António Paulouro numa reunião na qual estiveram presentes os presidentes das Câmaras do Fundão, Manuel Lambelho Ramos;da Idanha-a-Nova, Joaquim Morão; da Covilhã, Álvaro Lambelho Ramos; de Belmonte, António Júlio Garcia; da Guarda, Abílio Curto; de Vila Velha de Ródão, José Baptista Martins; de Oleiros, José Santos Martins: os vereadores: José Manuel Carreto, da Sertã; José Ruivo Lourenço, de Almeida; dr. Domingos Rijo, de Idanha; em representação da Câmara de Castelo Branco esteve o eng. José Calmeiro; o reitor da Universidade da Beira Interior, prof. doutor Cândido Passos Morgado; o presidente do Instituto Politécnico de Castelo Branco e director da Escola Superior Agrária, prof. doutor Vergílio Pinto de Andrade; directora da Escola do Magistério do Fundão, dr.ª Antonieta Garcia; director do Museu Tavares Proença Jr., dr. António Salvado; dr. João Ruivo, da ESE; prof. doutor Alberto Martinho, sociólogo do PNSE; o administrador do PIDR da Cova da Beira, arquitecto Alves Nogueira; o dr. António Belo, director de Planeamento da DRABI (em representação do director Regional da Agricultura); eng. José Vieira Lopes Courinha, da DGRAH; Horácio Guerra, do BPA; Armindo Travassos, do Sotto Mayor. Do «Jornal do Fundão» estavam presentes o director António Paulouro, Fernando Paulouro Neves e Américo de Oliveira.

O director do «Jornal do Fundão, deputado António Paulouro, depois de explicar o sentido da reunião — «era de todo necessário juntar os representantes do Poder Local e os responsáveis pela Cultura» — sublinhou que era «urgente e sem dúvida importante reflectir sobre temas que condicionam, e em certos casos jogam, o nosso destino».

Alcançou-se, entre os participantes, um concenso sobre a data e local da realização das Segundas Jornadas da Beira Interior, que serão sistematizadas segundo quatro grandes áreas temáticas: Desenvolvimento Regional, Cultura, Saúde e Raia-Traço-de-União.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faço saber que por este Tribunal correm éditos de trinta dias que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando a Ré CARMEIX – Carpintaria e Marcenaria Mecânica, Ld.ª, ausente em parte incerta e com a última sede conhecida na Azinhaga das Galinheiras, 2 - ABC, em Lisboa, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, contestar querendo, a Acção Sumária que pela 2.ª Secção do 4.º Juízo Cível desta Comarca de Lisboa, registada sob o n.º 1710, lhes move e a outro, a Autora – Companhia de Seguros Império, E.P., com sede na Rua Garrett, n.º 62, em Lisboa, pelos fundamentos constantes da petição inicial cujo duplicado se encontra à sua disposição na Secretaria, sob a cominação de vir a ser condenada no pedido, que a Autora deduz naquele processo e que consiste na dívida relativa a prestação de serviços clínicos a um empegado da Ré, acidentado em 18-12-1981, que não estava coberto pelo seguro.
Lisboa, 12 de Junho de 1986.

O JUIZ DE DIREITO,
a) Fernando José Matos Pinto Monteiro
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) João Albano Perfeito Macias

DL-21/6/86 – 2.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 2 de Julho de 1986, pelas 10 horas neste Tribunal – Rua Braancamp n.º 5 - 4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a INTEREXPORT - Comércio Geral de Importações e Exportações, SARL, com sede na Av. Fontes Pereira de Melo n.º 35-12.º AE-Aviz – Lisboa no proc.º executivo n.º 3826/84, por dívida à Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba única – O direito ao arrendamento e trespasse do escritório sito na Av. Fontes Pereira de Melo, 35-12.º A e C, a que foi atribuído o valor de 5 000 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 17 de Junho de 1986
O JUIZ DE DIREITO
João Cordeiro Dias
O ESCRIVÃO
José Henriques

DL-21/6/86 – 2.º Pub.

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DO NOTÁRIO LIC. MOISÉS DOS SANTOS MARTINS

"TECIDOS E CONFECÇÕES MONTEVIDEU, LIMITADA"

CERTIFICO, que por escritura de 5 de Junho de 1986, lavrada de folhas 33, a folhas 34, do livro 160-G, de escrituras diversas deste cartório, foi aumentado o capital social da sociedade acima mencionada, com sede na Avenida do Uruguai, número 13-C, freguesia de Benfica, Lisboa, que era de 500 000$00, em mais 50 000$00, fixando-o por conseguinte em 550 000$00, tendo sido o aumento subscrito pela entrada do novo sócio Pedro Afonso Caeiro da Silva. Que, em consequência foi alterado parcialmente, o pacto social, no tocante ao seu artigo TERCEIRO, que passou a ter a seguinte redacção:

ARTIGO 3.º

O capital social é de QUINHENTOS E CINQUENTA MIL ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro e nos diversos valores do activo, constantes da escrituração, e corresponde à soma das quotas seguintes: — uma de quatrocentos e cinquenta mil escudos do sócio Almerindo da Cruz da Silva, e duas de cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada um dos sócios Francisca Caeiro das Dores da Silva e Pedro Afonso Caeiro da Silva.
Está conforme o original.

Lisboa, aos nove de Junho de mil novecentos e oitenta e seis

O Ajudante,
(Maria de Lourdes R. Castro)

Instalação pode durar mais de seis meses

Novo hospital de Coimbra deverá abrir em Outubro

O novo Hospital Central de Coimbra deverá ser inaugurado na segunda quinzena de Setembro. A ideia ficou no ar, durante a cerimónia de posse da direcção médica do Conselho de Gerência dos Hospitais Universitários daquela cidade. Norberto Canha, presidente daquele órgão, apontou alguns condicionalismos para que naquela data os serviços das velhas instalações do Colégio de S. Jerónimo (na alta coimbrã) possam ser transferidos para a nova unidade.

Se a construção civil estiver adiantada e for possível «contratar o pessoal indispensável, que não o necessário – sublinhou –, o o hospital inaugurar-se-á no dia de S. Jerónimo, seu padroeiro e festa móvel da igreja, entre 15 e 30 de Setembro, mas do corrente ano».

Norberto Canha é igualmente, e por inerência, o presidente da Comissão Instaladora do novo hospital, cuja abertura foi regulamentada pelo Decreto-Lei 122/86 de 28 de Maio, após uma série de conflitos institucionais que retardam todo o processo.

Referindo-se aos conflitos que opuseram o gabinete do novo hospital, órgão criado em 1977, e o Conselho de Gerência dos Hospitais Universitários de Coimbra (HUC), o seu presidente considerou que os problemas daí decorrentes foram solucionados com a publicação daquele diploma governamental.

Na perspectiva daquele órgão directivo dos HUC, «o novo hospital não passa de uma nova casa para a velha instituição», ponto de vista distinto do defendido pelo gabinete, mas que acabou por ser consagrado em lei.

Seis meses para instalação

Norberto Canha reafirmou que o novo hospital, «se fosse uma nova instituição», prejudicaria os direitos dos trabalhadores, nomeadamente quanto a progressões e promoções, «e esta instituição secular deixava de existir, o que seria atraiçoar o passado e as realidades presentes».

Sobre o decreto-lei, que prevê um regime de instalação de seis meses para a nova unidade hospitalar, a contar a partir de 1 de Julho próximo, Canha disse ser «um decreto sem ambiguidades». «Se de início lhe encontrávamos defeitos, hoje pensamos que esses defeitos são e eram virtudes» – observou.

Posição diferente têm os sindicatos representantes dos trabalhadores dos hospitais universitários, que contrariam a exequibilidade do regime instalador em seis meses e afirmam, por outro lado, «que ninguém de bom senso pode acreditar que aquele prazo se cumpra com prejuízo para os trabalhadores, decorrente do prolongamento eventual do regime de instalzação».

Afirmando-se convencido da data de abertura do novo hospital (empreendimento com 14 pisos que orçou os 13 milhões de contos), caso os condicionalismos referidos sejam satisfeitos, Norberto Canha salientou que é à ministra da Saúde que compete «alterar ou confirmar a data da inauguração, pois é ela que terá de decidir sobre os encargos financeiros adicionais a suportar».

Críticas à ministra Leonor Beleza

O presidente da direcção médica desde ontem em funções, Lopes Cavalheiro, criticou o facto da ministra da Saúde não ter ainda nomeado os componentes da Comissão Intaladora. Norberto Canha, por seu turno, disse não poder criticar ninguém «porque não se sabe quais são os problemas subjacentes».

Na sua perspectiva, a entrada em vigor do Decreto 122/86, ao instituir uma Comissão Instaladora por nomear, extinguindo simultaneamente o Conselho de Gerência dos Hospitais Universitários, «não cria um vazio legal, pois há sempre alguém que assume as responsabilidades».

O presidente da direcção médica e director clínico daqueles hospitais, centrou a sua intervenção no «período muito especial na vida dos Hospitais da Universidade», que representará a nova unidade a inaugurar.

Realçou as boas condições de trabalho e atendimento facultados pelo novo Hospital e referiu que «a nação irá dispender anualmente quantia superior a 4 milhões de contos para manter o hospital novo em actividade e em condições de poder resolver as situações que a ele acorrerem».

Todo o País desceu mas há excepção

Em Castelo Branco morreram mais crianças entre 80 e 84

A taxa de mortalidade infantil desceu em Portugal no quinquénio de 1980 a 1984, à excepção do distrito de Castelo Branco onde se verificou um aumento — indicam dados do Instituto Nacional de Estatística.

Os indicadores mostram que a taxa de mortalidade infantil, que apresenta os valores mais elevados no distrito de Vila Real, decresceu a nível nacional de 24,3 para 16,7 mortos por cada mil nados-vivos.

O distrito de Castelo Branco é a excepção no movimento geral de diminuição da taxa de mortalidade infantil, apesar do decréscimo verificado no ano de 1982. Neste distrito, no quinquénio, acabou por se verificar um aumento de 19,3 mortos por cada mil nados-vivos, em 1980, para 20,1 mortos por cada mil nados-vivos, em 1984.

Vila Real é o distrito que apresenta mais elevada taxa de mortalidade infantil, apesar do decréscimo verificado entre 1980 e 1984. A taxa de mortalidade infantil em Vila Real situava-se neste último ano em 26,3 mortos por mil nados-vivos.

Os valores mais elevados da taxa de mortalidade infantil verificavam-se, em 1984, além de Vila Real, nos distritos de Bragança (21,7 crianças mortas por cada mil nados-vivos), Açores (21,4), Castelo Branco (20,1), Madeira (19,9), Porto (19,7), Aveiro (17,7) e Braga (17,1).

Os distritos que apresentam as mais baixas taxas de mortalidade infantil são os de Leiria (12,3), Coimbra (12,4) e Santarém (12,7).

A maior quebra, em termos percentuais, na taxa de mortalidade infantil verificou-se no distrito da Guarda, onde nos cinco anos em apreciação a taxa de mortalidade decresceu para menos de metade: de 26,8 para 13,3.

Os indicadores agora divulgados pela divisão de estatísticas demográficas e sociais do Instituto Nacional de Estatística mostram também decréscimos, entre 1980 e 1984, nas taxas de mortalidade fetal tardia, perinatal e pós-neonatal.

Já quanto a mortalidade materna verificou-se uma constância da taxa que se manteve inalterável nos 0,2 mães mortas por cada mil nascimentos (nados-vivos mais fetos-mortos tardios) durante os cinco anos em apreciação.

Decréscimo

A taxa de mortalidade fetal tardia decresceu, no quinquénio, de 11,7 para 9,6 por cada mil nascimentos (nados-vivos mais fetos-mortos tardios) a nível nacional.

Os distritos de Setúdal e Portalegre são excepções na evolução positiva verificada a nível nacional. Em Setúbal, registou-se um acréscimo da taxa de mortalidade fetal tardia (8,6 para 9,9). Em Portalegre, depois de uma subida de 9,9 para 16,0, em 1982, em 1984 a taxa de mortalidade fetal tardia voltou a fixar-se em 9,9 no ano de 1984.

Uma situação próxima desta verificou-se também em Lisboa, com oscilações nos anos em apreciação e, no período considerado, a registar-se um decréscimo de apenas 9,0 para 8,6.

Os distritos que apresentaram, percentualmente, maiores decréscimos das taxas de mortalidade fetal tardia foram os de Beja (13,2 para 5,3) Bragança (14,1 para 6,1) e Évora (8,3 para 4,6).

A taxa de mortalidade perinatal, calculada por mil nascimentos (nados-vivos mais fetos mortos de 1.000 e mais gramas) apresentou no quinquénio um decréscimo de 20,9 para 16,4.

Em todos os distritos se verificaram decréscimos da taxa de mortalidade perinatal. A única excepção é a Região Autónoma da Madeira onde de 19,6, em 1980, se subiu aos 24,8, e, nos dois anos seguintes se verificaram decréscimos até se atingir em 1984 os mesmos 19,6.

Os distritos de Aveiro (17,9), Braga (19,0), Castelo Branco (19,1), Portalegre (18,6), Porto (18,2), Viana do Castelo (16,7) e Vila Real (19,9) e as Regiões Autónomas dos Açores (19,5) e Madeira (19,6) apresentaram em 1984 taxas de mortalidade perinatal superiores à verificada a nível nacional.

O decréscimo da taxa de mortalidade neo-natal no período de 1980 a 1984 foi de 15,4 para 11,3 por cada mil nados-vivos em todo o país.

Apenas no distrito de Castelo Branco se verificou um aumento no período considerado, de 11,3 para 12,1.

As taxas de mortalidade neo-natal mais elevadas registaram-se, em 1984, nos distritos de Aveiro (12,0), Braga (11,9), Bragança (13,5), Castelo Branco (12,1), Portalegre (11,9), Porto (14,2) e Vila Real (16,2) e na Região Autónoma dos Açores (14,0).

A evolução na taxa de mortalidade pós-neonatal, também calculada por mil nados-vivos, foi de 8,9 em 1980, para 5,4, em 1984. Evora foi o único distrito a apresentar um aumento da taxa de mortalidade pós-neonatal no quinquénio (de 3,6 para 5,4). Em Castelo Branco verificou-se uma oscilação que no final do quinquénio se traduziu pela manutenção da taxa no mesmo valor de 1980: 8,0.

Apresentaram taxas de mortalidade pós-neonatal acima da média nacional os distritos de Aveiro (5,7), Bragança (8,2), Castelo Branco (8,0), Porto (5,5), Vila Real (10,1) e Viseu (5,7) e as Regiões Autónomas dos Açores (7,4) e Madeira (8,6).

Relativamente a mortalidade materna, nos cinco anos em apreciação, a taxa manteve-se nas 0,2 mortes por cada mil nascimentos (nados-vivos mais fetos mortos tardios).

O distrito de Beja sobressai neste indicador com uma taxa de mortalidade materna 4,5 vezes superior à média nacional de 1984: 0,9.

Acima da média nacional, em 1984, situam-se também as mortalidades maternas nos distritos de Castelo Branco (0,4), Leiria (0,3), Porto (0,3) e Açores (0,4).

Pensão de sangue virá depois

Bombeiros de Águeda: famílias recebem pensões

As famílias dos bombeiros de Águeda que sábado morreram no combate ao incêndio receberam ontem os montantes dos dois seguros a que tinham direito.

Cada família recebeu dois mil contos, quantia referente ao seguro obrigatório da Câmara Municipal de Águeda, enquanto que na quinta-feira foi liquidado o seguro da Associação Humanitária dos Bombeiros de Águeda, no valor de mil contos.

Manuel do Carmo, presidente da direcção daquela Associação, disse que «o facto de os seguros terem sido pagos rapidamente deve-se ao empenhamento dos bombeiros, da Câmara Municipal e das companhias de seguros».

«À excepção de um caso, que procuraremos resolver o mais depressa possível, todos os seguros foram pagos e estamos a envidar esforços no sentido de serem atribuídas às famílias atingidas uma pensão de sangue» — revelou.

Uma exigência de Alberto João Jardim

"Rigoroso inquérito" à morte de cadete americano no Funchal

O Governo Regional da Madeira anunciou ontem ter ordenado o «maior rigor na condução do inquérito» aos acontecimentos que culminaram com a morte, no Funchal, de um cadete norte-americano.

Referindo a existência de uma «profunda colaboração para defesa das instituições democráticas do Mundo Livre que irmana os madeirenses com o povo e as instituições dos Estados Unidos», o gabinete de João Jardim realça o facto dos acontecimentos terem assumido maior gravidade por envolverem a perda de uma vida humana «e de poderem ser aproveitados para que seja posta em causa a tradicional hospitalidade dos verdadeiros madeirenses». Para além de ordenar o «maior rigor na condução do inquérito», o Governo da Madeira defende que «sejam exemplarmente punidos todos os envolvidos nos desacatos, nomeadamente os envolvidos na perda de uma vida humana».

Recorde-se que, tal como noticiámos, na sequência de confrontos ocorridos, no passado domingo, numa discoteca do Funchal envolvendo populares, na sua maioria jovens, e cadetes do navio «State of Maine, dos EUA, faleceu um norte-americano. Paul Beauvoit, de 18 anos, que segundo fontes policiais terá caído à água nas imediações do barco, após ter sido agredido por desconhecidos.

Devido à greve dos guardas prisionais

Julgamento das FP deverá ser adiado uma vez mais

A próxima sessão do julgamento do processo «FP--25», marcada para segunda-feira, deverá ser novamente adiada, devido, desta vez, a uma greve dos guardas prisionais.

Durante a referida greve, que decorrerá de segunda a quarta-feira os guardas prisionais recusar-se-ão nomeadamente a transportar presos para os tribunais.

Segundo fontes judicais contactadas pela NP, face à impossibilidade de os réus se deslocarem à sala de audiências, o tribunal optará «muito provavelmente» pelo adiamento do julgamento.

O julgamento do processo «FP-25» foi interrompido no passado dia 16 por uma semana, devido à «inesperada doença» do juiz-presidente.

Para a próxima sessão, a 139.ª, está convocado o padre Manuel Pereira Crespo, o 52.º réu do processo chamado a depor.

Professores em França a uma semana do desemprego

O Sindicato dos Professores na Europa afirmou que os professores de português em França, ainda sem o completamento de habilitações prometido pelo Governo, poderão na sua maioria, ser expulsos do país, se não forem reconduzidos no cargo.

O completamento de habilitações é aguardado desde 1977 por cerca de 60 professores de Língua e Cultura Portuguesa na Europa, sem habilitação própria para o ensino que vêm exercendo desde a década de 70, disse à Anop Manuel Pinho, dirigente da Federação Nacional de Professores (FENPROF) e um dos autores do comunicado do Sindicato dos Professores na Europa (SPE).

Estes docentes eram automaticamente reconduzidos no cargo ao abrigo de um Decreto-Lei de 1983 que permitia a recondução desde que terminassem o curso complementar dos liceus e frequentassem os cursos de reciclagem e completamento de habilitações promovidos pelo Ministério, afirmou a mesma fonte.

«Sucede que eles terminaram o liceu mas os tais cursos nunca se chegaram a efectuar. O decreto foi revogado por decisão da Secretaria de Estado do Ensino Básico e Secundário e os professores vêem-se ameaçados pelo desemprego, uma situação aflitiva, pois na maioria estão casados com estrangeiros» acrescentou.

No caso dos cerca de 50 docentes que estão nesta situação em França, a não recondução no cargo que vêm exercendo há mais de dez anos, poderá acarretar a expulsão do território francês, uma vez que são titulares de uma carta de estada especial no país, informou o comunicado do SPE.

«Dentro de aproximadamente uma semana termina o prazo de análise de reclamações dos participantes nos concursos para professores de português na Europa e só nessa altura se saberá quantos, ficarão no desemprego» — afirmou à Anop uma fonte do Ministério da Educação.

A mesma fonte declarou que muitas das pessoas que, há anos, ensinavam português na Europa, sem habilitações, as foram adquirindo por sua própria iniciativa.

Quanto à promoção de complementarização de habilitações a que, segundo o Sindicato, o Ministério da Educação se comprometeu, a fonte contactada pela Anop declarou que «tal projecto nunca chegou a ser apresentado a consideração superior».

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª PRAÇA

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 2 de Julho de 1986, pelas 10 horas neste Tribunal – Rua Braamcamp n.º 5 - 4.º, vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a SOMAPRE – Soc. de Materiais Pressforçados, SARL, com sede na Av. da República n.º 83-2.º em Lisboa, no Processo Executivo n.º 589/81 e ap..

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 – Uma máquina de escrever eléctrica, fabrico suíço, marca Hermes 808, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de setenta e cinco mil escudos (75 000$00)

Verba n.º 2 – Uma máquina de escrever eléctrica, fabrico inglês, marca Royal 660, em bom estado de conservação, a que se atribui o valor presumível de vinte mil escudos (20 000$00)

Verba n.º 3 – uma máquina de cópias para construção civil - Heliográficos, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 350 000$00 (trezentos e cinquenta mil escudos).

Verba n.º 4 – uma máquina de Stencil electrónica, marca Gestetner 486, em bom estado de conservação, a que se atribui o valor de 250 000$00 (duzentos e cinquenta mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 17 de Junho de 1986.

O JUIZ DE DIREITO
(João Cordeiro Dias)

O Liq. Trib.
F. Lopes

DL-21/6/86 – 2.ª Pub.

Terraço do HOTEL ESTORIL-SOL

Todos os Sábados / 21 horas

Meses
JUNHO/JULHO/AGOSTO/SETEMBRO

Caldo Verde ★ Gaspacho ★ Sardinhas Assadas ★ Febras ★ Frango no churrasco ★ Chouriço assado ★ Saladas ★ Sobremesas ★ Vinho e sangria ★ Café

hotel estoril-sol
*****
Marcações pelo tel. 268971

SUSPENSÃO DO FORNECIMENTO DE GÁS À CIDADE DE LISBOA E ARREDORES

COMUNICADO DA EDP

A EDP agradece a todas as pessoas que seguiram as suas recomendações durante o período de suspensão do fornecimento de gás à cidade de Lisboa e arredores.

É de evidenciar o elevado nível de consciência cívica da grande maioria dos consumidores que, com sacrifícios, responderam aos nossos apelos e não consumiram gás.

É igualmente devida uma palavra de agradecimento aos Órgãos da Comunicação Social que foram exímios no desempenho desta particular missão informativa.

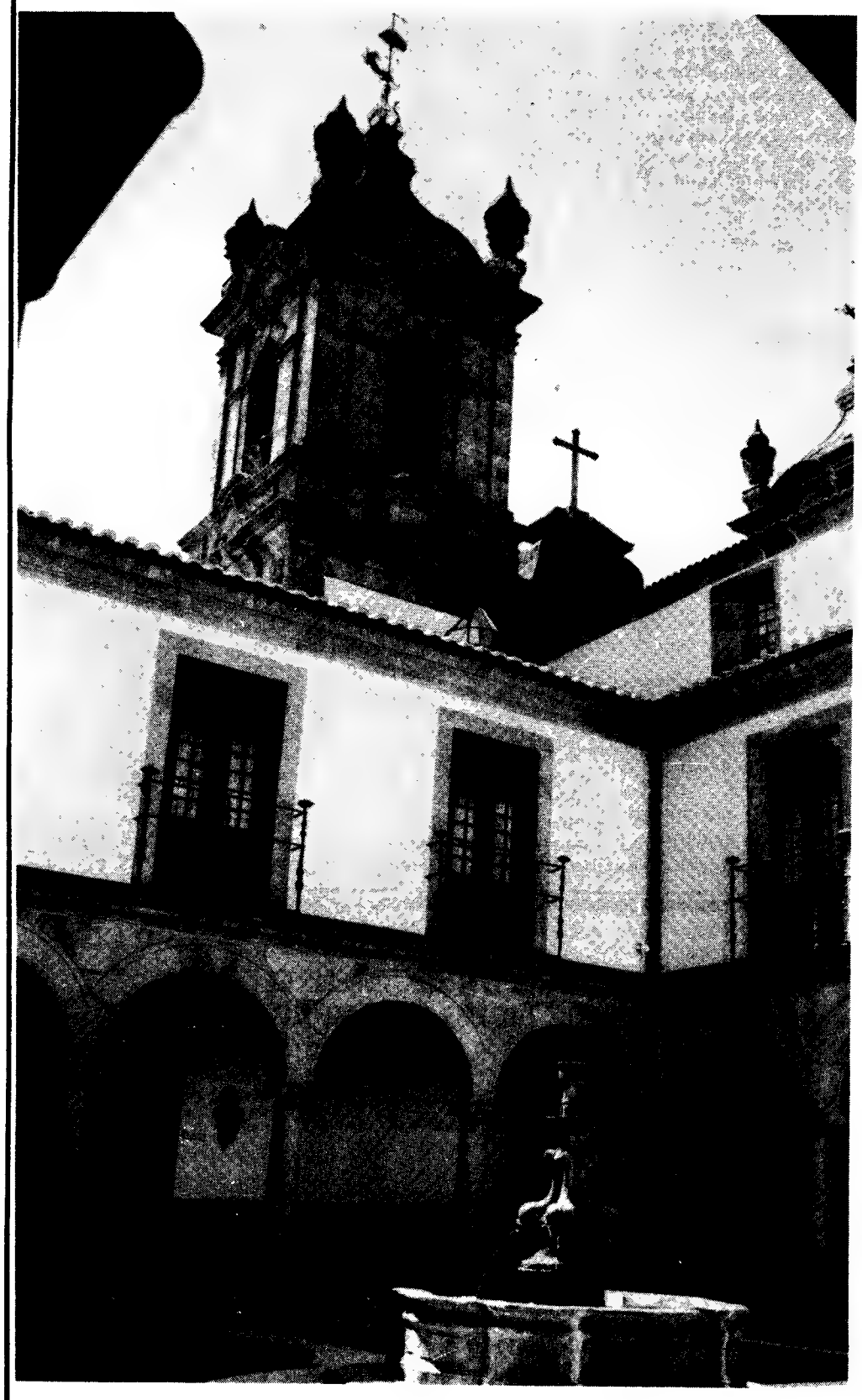
A EDP congratula-se pelo facto da população e dos Órgãos da Comunicação Social terem contribuído para evitar a ocorrência de situações graves que todos teríamos de lamentar.

OBRIGADO

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

BELARTE/382

A pousada de Santa Marinha



O claustro que se mantém...

Lurdes Ferra

Aqui o silêncio precipita-nos na reflexão, fazendo-nos sentir como os monges para quem as coisas do mundo são ninharias sem importância. Que segredos ocultam estas pedras, estas paredes, estas celas, agora recuperadas, após longos anos de um pesado sono e do fogo que quase as dizimou na metade deste século? Com efeito, desvaneceram-se algumas sombras que lhe invadiam a história com as escavações arqueológicas, levadas a cabo naquele espaço conventual, durante o processo das obras que o converteram em pousada.

Já vem no roteiro das camas que Guimarães tem para oferecer a turistas e homens de negócios que visitam a cidade, já pertence ao número de estabelecimentos da **Enatur** que estão espalhados pelos pontos mais privilegiados do País, em termos de beleza e de tranquilidade. Todavia foi mosteiro desde 1154, data em que Mafalda, esposa de Afonso Henriques, quis obsequiar os cónegos regrantes de Santo Agostinho, invocando Santa Marinha da Costa. Daí que o nome da pousada seja esse, tal como indicam as placas amarelas dispostas nos diversos cruzamentos da povoação. De resto o edifício, implantado no alto, a meio de uma encosta que domina o vale onde Guimarães vai crescendo, vê-se perfeitamente.

Mas verificou-se, através do estudo, que já antes da fundação do reino havia ali uma construção, talvez templo, embora com o decorrer dos séculos outras se lhe tenham sobreposto. Por exemplo, no século XVI, com a remodelação do imóvel, sobressaía na sua arquitectura a tendência renascentista, sobretudo no claustro e no convento. Depois surge a estética barroca, bem visível na fachada da igreja, no século dezoito, época em que os frades encarregam Policarpo de Oliveira Bernardes da tarefa de conceber os magníficos painéis de azulejos que desapareceram com o incêndio.

Mas, em 1834, sucede que as ordens religiosas são extintas, indo o edifício parar às mãos de uma família aristocrática. Entretanto, no princípio dos anos cinquenta, é devorado pelas chamas que, infelizmente, lhe destruíram um grande pedaço, até que em 1972 o Estado português compra o mosteiro na mira de o adaptar a pousada. Nesta fase entra Fernando Távora, o arquitecto que se responsabilizou pela recuperação e ampliação sem desrespeito pela traça do monumento. Assim, manteve a fisionomia de mosteiro, dispondo contudo de um interior confortável, à medida da função que desempenha no campo hoteleiro.

Sacerdote

Com 53 quartos, duas suites, refeitório, salão de banquetes, salas de descanso, esplanada, jardins, a pousada de Santa Marinha veio preencher uma lacuna da vida de Guimarães, cidade assediada por turistas e gente dos negócios que, amiúde, se desloca às fábricas, o que nela abunda, especialmente vocacionadas para o ramo têxtil e do calçado. É cara, é de luxo sem exuberância, é de qualidade. E tem na direcção um homem experimentadíssimo, neste ofício de comandar pousadas, se bem que esta constitua uma incógnita. Nasceu há perto de um ano e ainda não pôde afirmar-se em pleno.

Trata-se de **Braga Lopes,** que lançou a pousada de Palmela, deu um empurrão à de S. Filipe, de Setúbal, e tirou da fossa a dos Loios, de Évora. «**Encaro a direcção de uma pousada sob um prisma de sacerdócio, em que nada pode ser descurado, daí a exigência de uma atenção permanente e constante. Penso que a marca do profissional tem de estar associada à imagem do estabelecimento, seja ele pousada ou hotel**». Relacionou-se com a hotelaria, em 1963, de uma maneira ocasional, quando decidiu partir para Londres: havia que sobreviver, não importava que tivesse de lavar pratos num restaurante ou de servir à mesa. Braga Lopes fá-lo, enquanto se matricula na «**Evening Tecnical**», **uma escola de hotelaria, onde viria a permanecer somente um ano.**

Actualmente com 45 anos, cumpridos em Janeiro («sou capricórnio... e dragão, nos signos chineses»), envolveu-se numa das mais difíceis apostas profissionais da carreira que encetou, já com a posição de director, no Casino de Espinho. O que ganhou com a experiência?

«**O gosto de trabalhar de noite, sozinho, e fazer coisas diferentes do simples trabalho de proporcionar cama e alimentação aos hóspedes. Julgo que, para além da técnica se deve atender à criatividade, a fim de não caírmos numa rotina enfadonha.**»

Em Espinho, não apenas cuida do **jogo** mas também a animação cultural para atrair clientela. Braga Lopes lembra-se de promover exposições de arte, prática que transporta depois para Palmela, Setúbal e Évora. Nervoso, inquieto, os seus olhos não param, nunca se alheando do movimento dos funcionários que dirige, não vá faltar qualquer coisa aos hóspedes. A sua atitude é de apertada vigilância. Quer tudo impecável, um serviço esmerado para que a imagem de qualidade, sonhada para Santa Marinha, se consolide.

Explica-me o que significa imagem de qualidade: «**Sem perder de vista o factor rentabilidade há que fornecer ao público aquilo que lhe foi anunciado para que não se sinta decepcionado**». Maneira inteligente de observar a questão, só é pena que em Portugal não seja seguido este método, muitos hotéis carregados com o máximo de estrelas, falham por vezes, na disparidade entre o serviço que apregoam e o que, na prática, oferecem.

Competência

Em 1974, os ventos não sopravam favoravelmente para a

CARTÃO JOVEM
ENERGIA RENOVÁVEL

Para todos os jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 26 anos. Permite a aquisição de bilhetes com redução ***de 50%, para percursos superiores a 50 km,*** se as viagens forem iniciadas durante os Períodos Verdes, em épocas determinadas. Pessoal e intransmissível. Entrega imediata.
A melhor forma de multiplicares as tuas viagens, durante as férias, ao longo do ano.
É o Cartão Jovem. A tua energia renovável.

Estas paredes, estas pedras...

hotelaria — gerou-se um certo caos —, e Braga Lopes vai para Angola explorar o hotel **Safari,** estabelecimento de pequena dimensão. Lá se acomoda perto de um ano, até que ingressa no quadro da **Enatur,** indo para a pousada dos Loios, que lutava, na altura, com algumas dificuldades financeiras. Com tenacidade resolve-lhe os problemas, impulso que conduz a pousada para um caminho seguro, e, cumprida a missão, é destacado para Palmela. «**No sucesso do meu trabalho foi determinante a adesão dos trabalhadores dos Loios que aceitaram positivamente as minhas directrizes, embora atravessássemos um período em que se contestavam os chefes, pensando-se que a autogestão era viável...**»

Recebeu louvores, criou uma reputação. Em Palmela, sobretudo, choveram as iniciativas culturais, o que graças à proximidade de Lisboa facilitou o esforço de Braga Lopes. Para além da cobertura da galeria de arte organizou a semana da serra da Estrela (com artesanato, fabrico de queijo ao vivo, culinária regional, etc) e, ainda, uma exposição paralela à **Décima Sétima,** tendo como motivo central o **astrolábio, actividade que durou cerca de quatro meses. Entretanto, várias exposições divulgadoras das artes portuguesas tradicionais ocorreram, nomeadamente com peças de ourivesaria, rendas de bilros e cristalaria de Alcobaça, feitas no próprio local para que os visitantes se apercebessem da técnica de fabrico.**

Finalmente em Guimarães, Braga Lopes conta-me, no momento da inauguração da galeria de arte da pousada de Santa Marinha, que intentos o animam nesta roda-viva em que anda desde há doze meses.

A sua presença, ali, não corresponde a uma imposição da Enatur nem a qualquer pedido que fizesse, é antes uma manifestação do espírito aventureiro que o orienta. «**Pois diria que foi um desafio, aceitei o lugar por isso mesmo.**» Onze anos no Sul, perto de Lisboa, ensinaram-lhe que, de facto, a capital lidera a vida do País, até no sucesso da hotelaria interfere. A quatrocentos quilómetros de distância apoquenta-se, na dúvida se Santa Marinha virá a constituir mais um êsito a acrescentar ao seu currículo. Será?

Braga Lopes aposta no prestígio: «**Por enquanto os resultados são animadores, basta dizer que no mês passado estivemos com 50 por cento de ocupação... segundo a minha análise a zona tem boas condições, tanto no que respeita a paisagem como a riqueza. Um dos meus objectivos é vender a pousada aos homens de negócios que se deslocam a Guimarães, através das empresas locais, o que em parte já consegui. O ideal seria que esta clientela representasse entre 30 a 40 por cento da ocupação de pousada, durante todo o ano.**»

Verdade é que deparei, no refeitório (majestoso não obstante a sobriedade monacal) com alguns senhores loiros de ar inequivocamente estrangeiro, sempre agarrados às pastas. Mostravam-se atarefados, o que não os impedia de comer com apetite os óptimos pratos do chefe **Vítor.** Viam-se também casais de idade madura que procuram, na viagem turística, o conforto mais do que aventura, e nos países que visitam preferem o que há de mais caracteristicamente nacional, evitando os hotéis estandardizados que não lhes trazem nada de novo ao conhecimento.

Bem... **Braga** Lopes, teimoso e determinado, convenceu-se de que vai ganhar mais esta aposta. E não possui ele estofo de vencedor? Quanto à galeria abriu com uma exposição da Altamira. Francisco Faria Paulino transportou para Guimarães treze pintores, cujos quadros cobrem as paredes de um comprido corredor para onde dão as portas das antigas celas, hoje quartos modernos, envolvendo assim os hóspedes numa atmosfera de arte. Curiosamente, entre o conjunto de artistas, descobri um, nascido em Guimarães. Era José de Guimarães, o único pintor do Norte dentro do grupo em que Lisboa, nas biografias, aparecia com mais frequência. Isabel Laginhas, Sérgio Pombo, Teresa Magalhães, Guilherme Parente, Rocha Pinto... portanto, seis lisboetas. Em representação do Alentejo contei dois (Palolo e Henrique Ruivo), com registo de identidade algarvia, Manuel Baptista. Do Funchal há que mencionar Vítor Fortes e, para cima do Tejo, isolado vinha o nome de Elídio Salteiro que Alcobaça deitou ao mundo.

Mas no fundo, porque esta minha necessidade de alusão à origem não passa de uma manobra de diversão, todos estes pintores são portugueses, sem qualquer toque de regionalismo. Portugueses, internacionais... ou somente **artistas.** Descabido, pois, referir onde nasceram os treze que estão expostos em Santa Marinha, na mais jovem galeria do país, a juntar às outras duas que Guimarães já tinha.

Sobre a obra de **Fernando Távora** tratarei adiante, noutro texto Guimarães chamada «o berço da nacionalidade», também terá honras de escrita com os seus palácios, as suas ruas estreitas, as suas igrejas, a sua indústria, a sua gente bairrista que não pode ouvir falar da separação de Vizela. «**É nossa**», e pronto, não lhe permitem que se escape ao controlo.

José Sebastião da Silva

Agradecimento

A família vem por este meio agradecer a todas as pessoas que nos acompanharam nestes difíceis momentos.

EXT. S. GAMA

Ciclo e Unificado

Paralelismo Pedagógico

Av. Almirante Reis, 106-Lisboa

Telefone: 822776 e 520092

TURISMO SOCIAL

CONHEÇA MELHOR O PAÍS QUE VISITA

... E VIAJE MAIS BARATO

• Bulgária	(15 dias) 21/7, 14/8, 28/8	99 500$00
• Checoslováquia	(8 dias) 8/7, 19/8	90 000$00
• Checoslováquia	(15 dias) 5/8	105 000$00
• Hungria	(11 dias) 13/7, 8/8, 4/9	102 500$00
• Repúblicas Bálticas	(14 dias) 15/7	115 000$00
• Cáucaso	(14 dias) 29/7	120 000$00
• Mar Negro	(14 dias) 2/9	115 000$00
• URSS	(11 dias) Jul., Ago., Set.	102 500$00

Os preços já incluem pensão completa, taxas, excursões locais, um espectáculo, jantar de despedida

Peça programas detalhados

AGITURISMO

Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op. 414

Depois de um périplo que o levou a Moscovo e à maioria dos países do Leste, o doutor Henri Jammet, presidente do Centro Internacional de Radiopatologia, faz o ponto sobre as consequências clínicas do drama de Chernobyl.

CHERNOBYL: o testemunho do dr. Jammet

Dr. Esoffier Lambiette

Os compatriotas do doutor Henri Jammet não consequem encontrá-lo. Depois do acidente de Chernobyl o Governo francês mandou-o sucessivamente à Rússia, à Polónia, à Roménia, à Bulgária, à Jugoslávia e à maior parte dos países ligados à Comunidade Europeia, entre eles a Bélgica e o Luxemburgo, onde se tem esforçado por guiar as autoridades europeias para uma política de informação e de decisão um pouco mais coerente do que aquela a que assistimos há um mês.

A ordem de missão que emanou dos ministérios franceses dos Negócios Estrangeiros e da Saúde, dirigia-se ao presidente do Centro Internacional de Radiopatologia, cuja sede se encontra na Universidade René-Descartes, e que trabalha em estreita colaboração com a Organização Mundial de Saúde e a Agência Internacional da Energia Atómica.

O doutor Jammet, é para mais um dos melhores especialistas mundiais da radiopatologia e foi sob a sua direcção que foram tratadas no Hospital Curie as vítimas de irradiações acidentais (até hoje mais de 425, 16 das quais com doses super-mortais) vindas do mundo inteiro, da Jugoslávia à Argélia, para beneficiar da competência, da experiência e dos equipamentos deste centro parisiense.

No hospital de Moscovo

A experiência assim adquirida permitiu-lhe julgar melhor do que ninguém o esforço desenvolvido pelos soviéticos no hospital n.º 6 de Moscovo, para onde foram transferidos na sua totalidade os feridos, os queimados ou os irradiados da região do Chernobyl.

O pessoal técnico

O seu tratamento foi confiado a equipas dirigidas pela doutora Angelina Gouskova, há vinte anos, amiga do doutor Jammet. Como se sabe, o milionário americano Hammer deu a essa equipa o apoio de um especialista americano de enxertos de medula óssea, o doutor Robert Gale.

Alguns destes irradiados (uns 250, todos eles, ao que parece, membros do pessoal da central ou dos Serviços de Protecção e Luta Contra o Incêndio), só necessitam de vigilância e cuidados clássicos. Vigilância que deverá prosseguir, mesmo depois de restabelecidos, através de balanços anuais com vista a despistar o eventual aparecimento de cancros, ou de leucemia, cuja frequência aumenta claramente (sabe-se devido à experiência de Hiroxima) durante os anos que se seguem a uma irradiação intensa, para depois voltar à normalidade (1).

Outros (umas oitenta pessoas) engenheiros, técnicos ou bombeiros, sofreram uma dose letal (dita «mortal») superior em alguns deles, a 5 sieverts (2) (isto é, mais de 500 a 800 rems). Dezenas de «irradiados com dozes mortais «foram salvos na Fundação Curie, não com a aplicação imediata de enxertos de medula óssea (técnica esta, segundo doutor Jammet, que só se deve utilizar como último recurso, devido às suas consequências), mas através de perfusões de concentrados de elementos do sangue (glóbulos vermelhos, glóbulos brancos, plaquetas), notavelmente eficazes mas que exigem a mobilização de uma quantidade considerável de centros de transfusão. Foram assim criados seis centros para o tratamento dos argelinos irradiados acidentalmente, com dose mortal (800 rems) em 1978, depois de terem manipulado uma fonte de irídium 192. Todos se salvaram.

O especialista americano dos enxertos de medula óssea, o doutor Gale, que é desconhecido no meio internacional dos radiopatologistas, mostrou-se perturbado perante a ausência de glóbulos brancos na grande parte dos 35 irradiados graves soviéticos. Esse desaparecimento (que dificulta o necessário emparelhamento num enxerto de meduila óssea) é clássico nestes casos, em menos de quarenta e oito horas, e é por isso que a técnica que recorre aos concentrados de elementos do sangue é, de princípio, muito preferível, diz o outor Jammet.

* Os aldeões

Os habitantes das aldeias próximas de Chernobyl (umas mil pessoas) e que se encontravam ao ar livre sofreram importantes efeitos de radioactividade, alguns dos quais só com a duração de uma semana, como iodo 131, que se fixa na tiroide, outros, como o cesium 137 ou o estrôncio 90 (com uma vida de 30 anos). Essas pessoas foram examinadas com o maior cuidado e deverão ser medicamente vigiadas. De momento, não se pode dizer com certeza se a irradiação terá algumas consequências na sua saúde.

Claro que os locais assim atingidos serão objecto de um estudo atento e de medidas especiais, antes de seres humanos poderem de novo frequentá-los ou habitá-los sem risco.

A terra, os vegetais, a água, dos rios ou dos lagos, os solos e os muros, são com efeito, portadores dessas particulas que ficarão durante muito tempo radioactivas e que é importante afastar.

É um «princípio de optimização» diz o doutor Jammet, que guiará as decisões dos especialistas russos de radioecologia que dispõem de equipas de primeira ordem. Algumas zonas sem interesse (charcos. pradarias) talvez sejam definitavamente abandonadas e o seu acesso interdito.

Outras (central, casas, ruas) vão ser objecto de uma limpeza, de uma decapagem dos produtos radioactivos, que se tiram por lavagem ou arrancamento com o auxílio de um produto adesivo, e que se eliminam depois como desperdícios radioactivos. Este trabalho já começou. A terra deve ser raspada em várias dezenas de centímetros de profundidade, nos locais onde importa preservá-la. Em França, seria ao serviço de radioecologia de Cadarache que competiria, se necessário, a responsabilidade de uma tal empresa de descontaminação.

* A nuvem

A grande distância da central (em Kiev, por exemplo, ou nas cidades e aldeias da Ucrânia, que se encontravam no sentido do vento), foi constatada contaminação radioactiva real, principalmente pelos serviços de enfermaria nuclear do Vésinet (SCPRI), onde todos os franceses vindos dessas regiões foram examinados nos dias que se seguiram ao acidente. Este grau de contaminação, assim como os observados na Polónia, e nos outros países atingidos, não tem, diz o doutor Jammet nenhuma consequência clínica nem exige qualquer medida especial. Em parte alguma, nem mesmo na Polónia ou na Suécia, a radioactividade atingiu os níveis observados durante as explosões atómica experimentais, dos anos 1960-1962.

Médicos privados de toda e qualquer informação

Ao que parece há por toda a parte — dos espinafres proibidos, às cápsulas de iodo de potassio, dos caracóis ao leite, ou aos espargos destruídos — uma precipitação, um medo, que não parece actualmente justificado. Ainda seria preciso que as autoridades responsáveis estivessem informadas...

Em França, onde as observações permanentes da radioactividade se realizam em todos os departamentos e são centralizadas pelo SCPRI, os prefeitos perguntam, quando se trata de tomar medidas, a opinião dos serviços locais de acção sanitária e social. Estes últimos, cujos representantes beneficiavam nos anos 60 de uma formação de uma semana em Saclay, parecem não ter formação alguma sobre os problemas nucleares...Assim, como o grande público ou os habitantes das comunas vizinhas das centrais, quando era necessário, acha o doutor Jammet, ensinar minimamente logo na escola o que é a radioactividade (do ar, da água, das rochas) e o que são os seus efeitos. Será normal, pergunta ele, que a população esteja tão mal informada e fique atacada por pânicos injustificados, quando há mais de um século que a radioactividade entrou nos costumes?

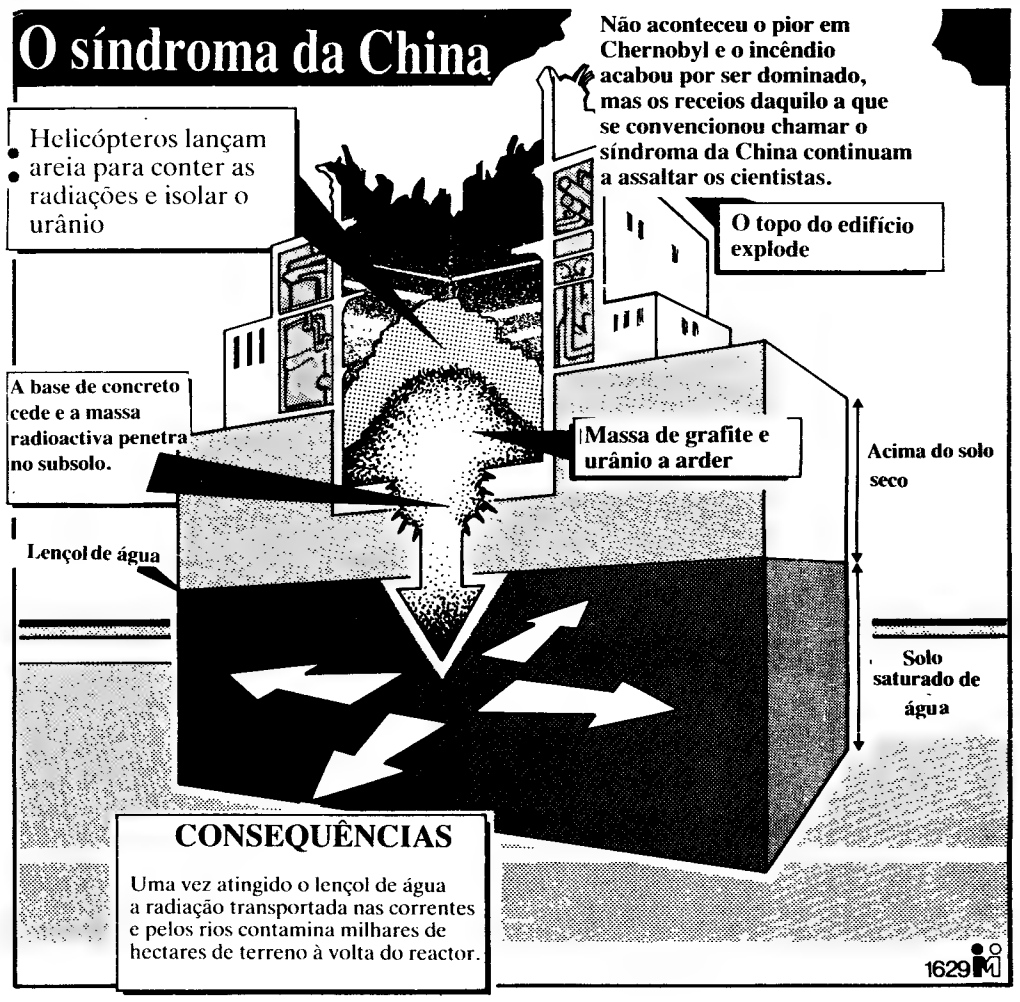
Ainda parece mais anormal que os médicos franceses não disponham de nenhuma informação em matéria de riscos radioactivos, e que ignorem tudo sobre a conduta a tomar em caso de contaminação acidental.

O Centro Internacional de Radiopatologia a que o doutor Jammet preside, preparou e continua a preparar documentos conciscos e completos com esse objectivo. Caberá ao ministério da Saúde (cuja carência parece evidente neste domínio) digirir documentos adequados a todos os médicos de França. E não seria inútil que ele tivesse em conta os recentes e violentos protestos, emanando principalmente do doutor Walker (presidente do sindicato dos médicos do Baixo-Reno) e do doutor Brière (professor de medicina nuclear em Lyon) e de que o **Quotidien du médecin** se fez eco, para empreender essa tarefa elementar de informação.

A experiência de Chernobyl) e das suas núvens, mostrou que não basta, como o fez a França, pôr de pé um dispositivo bem rodado que permite agir em caso de acidente nacional, mas que, como a radioactividade não tem fronteiras, é toda a população e o seu corpo médico que devem estar ao mesmo tempo informados e formados.

(1) Até hoje 120 pessoas continuam hospitalizadas, setenta a oitenta das quais em estado grave. Houve vinte e três mortes.

(2) O sievert vale 100 rems (unidade de irradiação, ou rad, multiplicado pelo seu factor de eficácia biológica).



Comícios ontem em Madrid para encerramento de campanha

As últimas palavras aos espanhóis: confiança

Eduardo Rebelo
enviado especial

Duzentas a trezentas mil pessoas desceram ontem às ruas de Madrid para os cinco comícios de encerramento da campanha eleitoral, congestionando o trânsito já de si difícil no último dia da semana quando os madrilenos começam a abandonar a capital. Entre as buzinadelas de motoristas exasperados e os milhares de «watts» das colunas sonoras, vomitando música e discursos, os madrilenos iniciaram o seu fim-de-semana divididos entre a expectativa dos resultados eleitorais e o desfecho do jogo entre a Espanha e a Bélgica.

«Rockodromo» de Madrid, 20 horas e 30 minutos. Depois dos dirigentes socialistas Juan Barranco e Joaquim Leiuin, Felipe Gonzalez comparece perante cerca de 60 mil pessoas para proferir o seu último discurso de campanha.

Ao contrário do que sucedeu nas suas anteriores intervenções públicas, em que se apresentou de fato e gravata, ontem vestia desportivamente. A multidão saudou-o entusiasticamente, mas Gonzalez estava mais tenso do que é habitual. Pronuncia um curto discurso de 15 minutos sem ser interrompido por aplausos e parte para Sevilha, sua terra natal, onde por tradição encerra todas as suas campanhas.

Não foi um discurso brilhante, correndo todo em torno da ideia-chave da sua campanha pessoal: depois de domingo, ou o socialismo ou o retrocesso. E para que a Espanha não ande para trás, insiste, repete insansavelmente, é necessário ir votar amanhã.

Mostrando-se convicto da vitória do seu partido — «porque já os conhecemos (aos partidos da direita) e este povo não quer olhar para trás» — Gonzalez afirma: «já posso dizer que vamos ganhar porque não há neste povo e todos juntos somos donos do nosso destino».

A uns metros do palco, onde depois de Gonzalez actuaria Juan Manuel Serrat, um destacado membro do «staff» eleitoral socialista dizia para quem quis ouvir — contavam-se pelas dezenas os jornalistas presentes — não se tratava de excesso de optimismo porque não só estava garantida a vitória como a maioria absoluta se perfilava no horizonte do PSOE. «É necessário desmobilizar os abastecionistas e convencer os indecisos. Isso foi feito nestes últimos dias da campanha», afirmava.

Menos convicto, não da vitória mas da maioria absoluta estava provavelmente o próprio Gonzalez que duas horas mais tarde, já em Sevilha, gastou os quase 30 minutos da sua intervenção a convencer quem o escutava que amanhã não deverão deixar de votar.

Iribarne: não desviar votos

«Voto útil» foi o apelo final de Fraga Iribarne, a Coligação Popular, no comício-festa que encheu a Praça Mayor, em Madrid. Para Iribarne, «o voto útil significa dizer aos desvios para o PRD e o CDS, ter confiança na direita, manter a sua formação partidária como segunda força política nacional».

Só o voto na direita poderá evitar a vitória socialista «que supõe o intervencionismo em toda a sociedade espanhola», afirma.

Tal como Gonzalez — e, afinal, todos os dirigentes, nestes últimos dias de campanha, já esgotaram todas as propostas possíveis — também Iribarne repetiu ontem as linhas mestras de 21 dias de discurso: só a sua coligação é alternativa ao PSOE e o voto nela será mais útil quanto ele, Fraga Iribarne, mantém os braços abertos aos «afins» (leia-se: PRD e CDS) com vista a um acordo pós eleitoral.

Além disso, frisa, em toda a Europa Ocidental, com excepção de três países, governam hoje coligações de sentido semelhante ao da coligação popular.

Foi o segundo maior comício da noite: entre 30 e 40 mil pessoas, pouco mais de metade das que os socialistas juntaram.

Um discurso à esquerda

Prometendo revelações sensacionais quanto ao PSOE e a Gonzalez, Adolfo Soarez não cumpriu com a sua palavra: quedou-se por um ataque a um acordo que diz que existiu no âmbito da NATO para a produção de armas químicas em Espanha, o que não deixou de ter algum impacto, não constituiu propriamente uma revelação, já que o assunto tesia sido ventilado na Imprensa há pelo menos um mês.

Mas era importante para Suarez abordar esta questão já que ela culminava uma série de críticas ao alegado estado de subordinação da Espanha aos Estados Unidos.

«Quero deixar bem claro que não sou antiamericano, sou é uma pessoa que discorda profundamente da administração Reagan, a qual tenta impor ao mundo, sobre o pretexto de uma maior segurança, a redução das liberdades em muitas nações», disse, nomeadamente, o antigo primeiro-ministro que ontem continuou a produzir afirmações que o colocam mais à esquerda do que o PSOE, pelo menos em termos de discurso público.

Para além disso, Suarez, que terminou em Madrid uma rápida digressão por Salamanca, Zamora e Valladolid, também não poupou as Forças Armadas espanholas, onde algumas altas patentes continuam a protagonizar o saudosismo franquista.

«Necessitamos de um exército forte, operativo e real que tenha em atenção as necessidades de defesa de Espanha, em caso de agressão exterior.»

Discurso forte, emotivo, classificado por quem o acompanhou nas últimas semanas como um dos melhores de toda a sua campanha, foi o que Adolfo Suarez pronunciou na Praça Mayor, perante cerca de 10 mil pessoas.

A questão do bipartidarismo

A possibilidade do PSOE e da Coligação Popular continuarem a polarizar cerca de dois terços dos 31 milhões de eleitores espanhóis, preocupa os restantes partidos, do CDS à Esquerda Unida.

Geraldo Iglesias, que reuniu umas 10 a 15 mil pessoas na Praça de Touros de Las Ventas, aludiu a esta situação dizendo que existe já desde «há uns anitos». Exigindo que a ela se ponha termo, aproveitou para atacar a hipótese do PSOE manter a maioria absoluta, afirmando: «não queremos um governo forte, como pede Felipe Gonzalez, porque a força já sabemos contra quem se emprega sempre».

Ao mesmo tempo, Iglesias acusou a direcção do PSOE de durante toda a campanha se ter mantido «acerrada» à ideia do bipartidarismo, desqualificando todas as propostas que não fossem suas ou da Coligação Popular.

Foi um discurso em alguns pontos coincidente com o de Suarez, inclusivamente quando o líder da Esquerda Unida rematou com mais um ataque aos Estados Unidos, ao revelar que uma das primeiras batidas do seu grupo parlamentar será pedir o cancelamento do convénio de amizade hispano-americano «para que em 1988 não haja em Espanha um só militar norte-americano».

Os mais modestos

Com menos impacto, em termos de discurso e de participantes, foram os comícios do PRD e da Unidade Comunista.

Roca, perante uma pequena multidão que afluiu ao Parque de Diversões de Madrid, manteve o seu apelo à «modernidade» de que, na sua opinião, só o PRD pode ser vector, e insistiu na necessidade de desbloquear a situação política espanhola, o que na sua opinião só poderá ser feito através do seu projecto reformista.

Por sua vez, Santiago Carrillo, perante duas ou três mil pessoas, advertiu, no estádio Arrayo Vallecano, que «vai haver surpresas» nestas eleições.

Optimista, Carrillo considerou como certa a sua eleição por Madrid (seria esta a maior supresa) e lamentou que todas as forças do movimento comunista espanhol não tivessem podido apresentar-se juntas nestas eleições, pois isso significaria «que no dia 23 de Junho seriam a terceira força política do país».

Com estes comícios terminou a campanha espanhola. Amanhã ao fim da tarde, saber-se-á quem ganhou e qum perdeu. Foram 21 dias mornos, com um público muito distanciado da guerra entre os políticos. Mesmo assim, se amanhã, como se espera, a abstenção não ultrapassar os 20 por cento, terá sido mais uma vitória da democracia.

Vários cenários

Chegou ao fim a campanha. Amanhã, pelas 20 horas, as primeiras projecções da Rádio e Televisão indicarão o vencedor.

Em termos absolutos , este está ecnontrado desde o primeiro destes 21 dias: será, inevitavelmente, o PSOE.

Porém, em termos relativos, se a vitória socialista não corresponder à maioria absoluta, a leitura dos resultados já será mais complicada.

Todos os cenários possíveis assentam no «score» que o centro registará. E ao centro conta apenas o CDS, já que nesta área, a posta espanhola de Cavaco Silva - que veio a público declarar o seu apoio ao PRD de Roca — está condenada ao mais rotundo fracasso.

Resta, pois, o partido de Adolfo Soares, que, se atingir os 32 lugares no Congresso, como algumas sondagens lhe atribuiram, se transformará no partido chernero espanhol.

Que sucederá se se verificar uma tal hipótese?

Felipe Gonzalez, como ele próprio afirmou, formará Governo mesmo que minoritário.Para que o seu programa passe, poderá, contudo, prcisar de apoios exteriores ao PSOE.

Estes poderão vir de um dos partidos regionalistas — o Basco, mas há naturais dúvidas sobre se Gonzalez aceitará uma tal solução, bem como sobre se os votos que daí poderão chegar serão suficientes. No caso desta «saída» não funcionar, Gonzalez terá que se virar para o CDS, de Soarez, ou para a Esquerda Unida, de Iglesias, numa «jogada» que implicará, necessariamente, cedências da parte do PSOE.

Para além disso, nem Suarez nem Iglesias, pelo menos durante a campanha, admitiram, por uma só vez que fosse, a possibilidade de virem a apoiar o líder socialista.

Suarez classificou o PSOE como o alvo central da sua campanha e Iglésias não se cansou de repetir ser «muito pouco provável» qualquer entendimento pós-eleitoral com Gonzalez.

Excluída a hipótese de um «enconsto» dos socialistas à coligação Popular, a margem de manobra de que dispõe Gonzalez é extremamente reduzida. A alternativa ao impasse em que se poderá cair será um entendimento entre os partidos da oposição que dê forma a um governo de coligação.

O número 2 dos socialistas, Alfonso Guerra, insistiu, nos últimos dias de campanha, na existência de um entendimento secreto entre o CDS, a Coligação Popular e a Esquerda Unida para viabilizarem um governo alternativo, mas Gonzalez garantiu que, pessoalmente, desconhecia a realização de um tal acordo. Adolfo Suarez também rechaçou categoricamente essa hipótese, enquanto Iglésias dizia ser difícil que a sua formação política viesse a apoiar um governo de direita.

Mas uma coisa são as afirmações feitas em campanha e outra, muito diferente, é a realidade dos resultados eleitorais. Pode dizer-se que todas as portas se mantêm abertas, incluindo a de todos estes cenários que ruírem pela simples razão de que o PSOE pode repetir a maioria absoluta.

PSOE: programa de Governo ?

A gerenalidade dos editorialistas e comentadores políticos dos orgãos de informação espanhóis critica a falta de debate sereno e aprofundado da realidade do seu país ao longo da campanha eleitoral.

Particularmente criticado foi o PSOE por não apresentar um verdadeiro programa de governo. À mudança que constituiu a palavra chave da sua campanha de há quatro anos, o PSOE contrapôs agora a continuidade, a promessa de se manter «no bom caminho». Para um partido que se apresentou aos eleitores como aposta nas grandes reformas, o programa do PSOE apresenta-se bastante limitado, concretizando muito pouco as alterações que propõe. Trata-se mais de uma declaração de príncipios do que de uma proposta concreta de reformas. Passando em revista quatro anos de governo, os socialistas destacam sete realizações operadas neste espaço de tempo:

-a democracia está consolidada;
-vive-se num sólido sistema de liberdades;
-as autonomias funcionam plenamente;
-iniciou-se a reforma da Administração;
-sanou-se a economia, a indústria e a segurança social,
-melhorou-se e alargaram-se os serviços colectivos essenciais como a educação, a saúde, e a segurança social;
-a Espanha abriu-se ao mundo e integrou-se nas Comunidades Europeias.

Para os próximos quatro anos, os socialistas dizem pretender que os deixem concluir o que iniciaram, prometendo:

-melhorar a qualidade de vida;
-completar as reformas empreendidas;
-estimular o cerscimento económico e criar novos empregos;
-incorporar os novos avanços técnico-cientificos da humanidade;
-participar activamente na Europa;
-desenvolver uma política de paz.

Como é evidente, este resumo não esgota o extenso programa que oe socialistas apresentaram aos espanhóis, mas dá uma ideia de como ele se ficou pelas generalidades, não descendo aos casos mais prementes da sociedade deste país.

"Multiface" abre Galeria de Arte

Empresa de serviços muito conhecida no campo dos brindes promocionais, com avançada tecnologia e uma enorme gama de produtos, a «Multiface» abriu agora a sua primeira Galeria de Arte, no Centro Comercial Gemini. A exposição inaugural inclui trabalhos de artistas plásticos portugueses (Cargaleiro, Vieira da Silva, Charters de Almeida, Cid, etc.) e ainda gravuras de Arpad Szenes, Tal-Coat, Ubac, e Piza (brasileiro).

Na inauguração estiveram pesentes muitos artistas e individualidades, bem como empresários e representantes da Comunicação Social, que assistiram assim ao alargamento da actividade da «Multiface» no campo da arte e da cultura, num espaço amplo e excelentemente localizado no cenro de Lisboa.

A «Multiface», que possui uma equipa efectiva de 25 elementos, muito experientes, para além de agentes regionais e colaboradores, está equipada com vários processos de gravação, edita uma agenda em papel bíblia em português, inglês e francês, está ligada às melhores Feiras internacionais da especialidade, e tem, para a exportação, a «Vamesi - Importação e Exportação», com «stand» permanente na Expofair.

Grupo Sonae constitui a Sensus

O Grupo Sonae acaba de constituir uma nova Agência de Publicidade de Serviço Completo — a Sensus — Publicidade e Marketing, SALR — em associação com importante multinacional norte-americana, a «Bozell, Jacobs, Kenyon ¡ (e de companhia)Eckhardt, Inc.» que pertence ao Grupo «Lorimar Telepictures Corporation».

Esta nova Agência vem, assim, integrar-se na estrutura internacional da BJK¡E, com uma rede distribuída pelas principais cidades de todo o mundo: 11 escritórios de serviço completo nos EUA e ainda 48 agências, com 52 escritórios, distribuídos por 41 países — 12 na Europa (Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Holanda, Inglaterra, Itália, Suíça e, agora, Portugal), 16 na Ásia, Austrália, Médio e Extremo Oriente e 13 nas Américas.

Refira-se que a BJK¡E atingiu em 1985 a facturação de mil e quatrocentos milhões de dólares, ocupando então o 12.º lugar tanto nos EUA como no mercado mundial. No entanto, a BJK¡E vem conseguindo um desenvolvimento notável dos seus negócios, conquistando novos e importantes clientes (nomeadamente, a Merrill Lynch — que deixou a Young ¡ Rubicam — e cuja conta vale quarenta e cinco milhões de dólares), determinando que lhe seja agora atribuído o 6.º lugar no «ranking» mundial de Agências de Publicidade. Tal situação advém da forte dinâmica introduzida pela BJK¡E na sua organização, pela adopção duma filosofia de Trabalho («Close to The Customer») que tem como objectivo principal a qualidade do serviço e a eficácia da publicidade realizada, colocando toda a ênfase no estudo do consumidor para melhor apreensão das suas necessidades e desejos. De referir que algumas Agências europeias da BJK¡E trabalham já com clientes multinacionais também presentes no mercado português.

Gerard Pelisson, co-presidente da ACCOR

Novotel Lisboa inaugurado oficialmente

Na presença do secretário de Estado do Turismo, Licínio Cunha, do presidente da Câmara de Lisboa, Nuno Abecasis, do co-presidente do Grupo ACCOR, Gérard Pelisson e de várias outras individualidades, foi oficialmente inaugurado o NOVOTEL LISBOA, o 184.º Novotel no Mundo e o 1.º em Portugal.

Aberto ao público desde Fevereiro do corrente ano, o NOVOTEL LISBOA representa um investimento na ordem de 2 milhões de contos e é propriedade da Soltejo, empresa constituída pela ACCOR (detentora de 55% do capital), IMOSTEL (Grupo Espírito Santo), Fidelidade — Grupo Segurador EP, Companhia de Seguros Império EP e Grupo Fomento (Porto).

Os seus 246 quartos, modernamente equipados e decorados, os resturantes Le Grill e Antiquarius, o bar Le Lautrec, os 450 m2 de salas moduláveis, a piscina, terraços e garagem, patenteiam o «know-how» e tecnologia modernas postas ao serviço de uma clientela de negócios e turismo cada vez mais exigente nos aspectos de conforto, segurança e dinâmica de acolhimento. Mas nem só a tecnologia, sistemas informáticos e segurança são suficientes. Os 106 empregados do Novotel Lisboa passaram por um intenso período de formação, assistidos por técnicos da Academia ACCOR, mantendo-se um ritmo de formação contínua no sentido de assegurar o serviço eficaz e dinâmico que constitui característica comum a todos os NOVOTEL.

A festa de inaguração, a que assistiram mais de 1000 pessoas, primou por efectiva originalidade: a envolver o próprio hotel um enorme laço de cor azul; um coreto com banda de música à entrada do hotel; diversos «buffets» e bares disseminados por todos os recantos e salas, de modo a permitir que todos os convivas pudessem comer e beber por onde quer que circulassem; vários televisores espalhados pelo hotel, facultando a todos os convivas a possibilidade de assistirem aos discursos ou verem o jogo do Campeonato Mundial de Futebol onde quer que se encontrassem; o corte de um bolo enorme, réplica exacta do edifício, depois comido por todos os presentes; uma passagem de modas junto à piscina e, para finalizar, fogo-de-artifício e largada de centenas de balões.

Café português já se vende em Espanha

Por iniciativa da empresa **«Manuel Rui Azinhais Nabeiro, Lda.»**, detentora dos **Cafés Delta,** já se vende em Espanha café português. A referida venda ocorre com particular relevo nas regiões da Andaluzia e da Estremadura e verifica-se na sequência da entrada dos dois países ibéricos na CEE e do início do desarmamento pautal, em 1 de Março passado. A livre comercialização deste produto, tão apreciado no país vizinho, tonrou-se viável, nomeadamente, devido a um acordo entre uma empresa espanhola de comércio exterior, com sede em Madrid, e à empresa portuguesa **«Delta Cafés»,** com sede em Campo Maior e delegações em Lisboa, Porto Coimbra e Faro. Na sequência desse acordo estão a ser vendidos em Espanha cafés das marcas **«Delta», «Camelo», «Barco»** e **«Cubano»** e cujo proprietário é **Manuel Rui Azinhais Nabeiro.**

Os **Cafés Delta** montaram um «stand» na recente Feira Ibero-Americana de Amostras, em Sevilha, o qual foi visitado por milhares de pessoas. Aí se oferecia o saboroso café resultante daquelas marcas. Foram vários os órgãos de informação espanhóis que se refeririam ao acontecimento. Recorde-se que a empresa **«Delta Cafés»** é a primeira em Portugal no domínio da torrefacção e da comercialização, com uma percentagem da ordem dos 40 por cento. Além disso ocupa o quinto lugar na escala da Europa. É, portanto, assaz significativo que além da forte posição de que desfruta no mercado interno, se tenha virado agora para a exportação. **«Delta Cafés»** reforça assim a sua implantação e alarga as suas perspectivas na economia nacional e no papel social que tem desempenhado, assegurando postos de trabalho a membros de mais de 800 famílias.

Discoteca abre em Albufeira com novidades londrinas

Reabriu a **Discoteca do Hotel Sol e Mar** em Albufeira, que se apresenta amplamente renovada quer no mobiliário e na decoração quer no apetrechamento sonoro e luminoso e se autoclassifica como indicada «para jovens de todas as idades». Foram numerosas as pessoas — entidades oficiais, Imprensa, profissionais de hotelaria e turismo, etc. — que acorreram ao «cocktail» promovido pelo **Grupo Fernando Barata** a propósito da efeméride, aliás também assinalada por uma notável actuação da cantora **Lara Li.**

A **«Sol e Mar Disco»** — designação adoptada pelo recinto de diversão surpreendentemente moderno em que o antigo **«O Pescador»** se transformou — funciona todas as noites até às 4 horas da madrugada, dispõe de ar condicionado e tem à sua frente o credenciado **José Luis de Jesus** (ex-«New York,New York» e «Crazy Bull»), Director que por si só constitui uma sólida garantia de dinamismo, bom serviço e ambiente seleccionado. Quanto à qualidade da música que ali se ouve e dança, essa é assegurada não apenas pelo apurado gosto do «disc-jockey» algarvio **Gilberto Anselmo** (vindo da «Siesta», de Tavira) mas também pela colaboração que à **«Sol e Mar Disco»** presta a filial londrina da agência de viagens **Eden Tours,** de **Fernando Barata,** através do fornecimento e envio regulares e sistemáticos dos «top» surgidos nas tabelas discográficas da capital inglesa.

Centro Comercial de Queluz dinamiza actividades

O Centro Comercial de Queluz Realizou há dias uma festa que visou a dinamização das suas actividades e que contou com a presença de numeroso público. O programa incluiu, nomeadamente, um desfile de modas patrocinado pelos estilistas **Markdavi** e que teve a colaboração de alguns lojistas; o sorteio de um automóvel Renault 5, que contemplou uma moradora de Queluz; uma emissão especial (no local) do Rádio Clube de Queluz, e a abertura de uma exposição infantil, além da distribuição de numerosos brindes. Segundo a administração do centro, a iniciativa é a primeira de uma série que será levada a efeito no âmbito de um programa de promoção daquele espaço comercial.

Afirma relatório parlamentar

Vamos receber menos 15 milhões de contos da CEE

O saldo das transferências financeiras entre Portugal e a CEE poderá ser «muito menos favorável do que se esperava, sendo de recear uma quebra de 15 milhões de contos» — disse hoje o deputado renovador Silva Lopes.

«Um dos pressupostos da adesão de Portugal à CEE é o de que o balanço das transferências financeiras seja favorável ao nosso país, mas nos acordos firmados não há garantias firmes de que esse pressuposto venha a ser cumprido», afirma Silva Lopes no relatório de conclusões sobre a visita de uma delegação parlamentar às instituições da CEE, que ontem leu na Assembleia da República.

«É praticamente certo que a partir do terceiro trimestre deste ano venha a haver cessação de pagamentos devidos a Portugal pela CEE» afirma o deputado do PRD, salientando que «o orçamento comunitário em vigor prevê transferências para Portugal e Espanha de 257 milhões de ECU's, quando só os pagamentos devidos a Portugal excedem esse limite».

O ex-governador do Banco de Portugal refere no seu reelatório que «segundo a Comissão Europeia, a CEE precisaria de mais 2700 milhões de ECU's para poder pagar as despesas vencidas ou a vencer este ano», e que o orçamento suplementar proposto pela Comissão é insuficiente para resolver esse problema.

Silva Lopes considera que as transferências a receber por Portugal dos fundos estruturais comunitários (FEOGA — Orientação , FEDER e Fundo Social) virão a ser «seriamente afectadas» pela crise orçamental da CEE.

«A proposta de orçamento suplementar criará atrasos no recebimento de transferências solicitadas ao FEDER (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional), no montante de cerca de 12 milhões de contos, que correm o risco de só serem pagos em anos futuros», acrescenta o deputado do PRD.

Silva Lopes refere que até aqui foram aprovados pela Comissão projectos apresentados ao FEDER no montante de 290 milhões de ECU's (cerca de 40 milhões de contos), devendo ser ainda apresentados mais projectos no valor de 30 milhões de ECU's (cerca de quarenta milhões de contos).

«Dos pedidos de pagamento já apresentados por Portugal ao FEDER, correspondentes a 19 milhões de contos, receberam-se 5,5 milhões de contos e estão em processamento outros 5,5 milhões de contos», acrescenta.

A delegação da comissão de integração europeia visitou o Parlamento Europeu dias 9 e 10 de Junho e a Comissão Europeia de 11 a 13 de Junho.

Integraram a delegação, para além de Silva Lopes, os deputados Vasco Miguel (PSD), António Esteves (PS), Rogério Brito (PCP), Cavaleiro Brandão (CDS) e Corregedor da Fonseca (MDP).

Lucas Pires confirma

Um dos vice-presidentes do Parlamento Europeu, Lucas Pires, afirmou ontem perante a Comissão de Integração Europeia da Assembleia da República que «Portugal está claramente ameaçado de se poder vir a tornar um contribuinte líquido» da CEE.

Para Lucas Pires, Portugal está a ser vítima do facto de «o orçamento das receitas da CEE ter passado a ser o dos «Doze», mas o das despesas continuar a ser o dos «Dez», como aliás, já se sugerira».

«É ao Governo que cumpre informar das verbas e restituições já efectuadas a nosso favor, mas os atrasos de pagamento já verificados em relação a nós são um claro sinal de alarme» — disse Lucas Pires.

O ex-dirigente do CDS confirmou os números do relatório de Silva Lopes e adiantou que «os fundos estruturais não poderão funcionar adequadamente porque estão ameaçados da cessação de pagamentos, dilação e paralisação que, na melhor das hipóteses, será parcial».

Se não houver orçamento suplementar, Lucas Pires prevê uma progressiva cessação de pagamentos, primeiro no Fundo Social (Outubro) e depois no FEDER e no FEOGA-Orientação (Novembro).

Por outro lado, o vice-presidente do Parlamento Europeu concluiu que «o mercado interno projectado para 1992 será erguido contra nós e contra as economias mais débeis», e como a data para o mesmo coincide, na prática, com o fim do nosso período de transição, «ficaremos, então, sem qualquer protecção, mesmo aquelas que os restantes parceiros têm gozado, até hoje, entre si».

Lucas Pires entende, pois, que «tem de se chamar a atenção da CEE para isto mesmo» e que se os compromissos não forem cumpridos no imediato, «não estará excluída a possibilidade de uma emoção ou convulsão político-económica em certas zonas da Europa do Sul».

Sindicatos consideram "vitoriosa" a greve do gás

O processo negocial da Petroquímica e Gás de Portugal, que encerrou quinta-feira depois de uma greve de quatro dias dos trabalhadores, constituiu uma «vitória» para os sindicatos e motivo de congratulação para o Conselho de Gerência.

Em comunicados ontem divulgados, a direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritórios e Serviços (SITESE) e o Conselho de Gerência da Petroquímica manifestam regozijo pelos resultados alcançados, destacando no entanto pontos de vista diferentes.

Os dirigentes da Petroquímica frisam que o acordo conseguido na empresa «manteve inalterável o aumento de 15,5 por cento na tabela salarial que fora anteriormente proposto apelo Conselho de Gerência, assim como o aumento global da massa salarial equivalente».

Por sua vez, o SITESE refere que os trabalhadores alcançaram um aumento global da ordem dos 17,6 por cento, «traduzido ems 15,5 por cento para a tabela salarial, na alteração do subsídio de turno de 23 para 25 por cento e na passagem ao escalão seguinte de todos os trabalhadores a partir de 1 de Agosto de 1986».

Para o Conselho de Gerência, os ajustamentos acordados além da tabela salarial «não traduzem um incremento real da massa salarial global» e reflectem «aumentos de produtividade entretanto conseguidos» na empresa.

O Conselho de Gerência da Petroquímica refere no entanto que os aumentos acordados «representam um considerável aumento do poder de compra real dos trabalhadores, sem pôr em causa os grandes objectivos de controlo de inflação (12 por cento) estabelecidos pelo Governo».

No comunidado, os gestores da Petroquímica apresentam desculpas «pelos incómodos causados aos consumidores da Petroquímica e à população em geral», recusando no entanto uma «directa responsabilidade» pela situação.

Ao contrário, o SITESE atribuiu a responsabilidade dos «aspectos verdadeiramente lamentáveis» do processo negocial ao Governo e ao Conselho de Gerência da empresa, protestando «com toda a veemência contra a abusiva intervenção do Governo e a suas prática demagógica que viria a culminar com uma extemporânea e ridícula (porque desnecessária) requisição civil».

O comunicado subscrito pelo SITESE e pela FETESE acrescenta: «mas não se pense que os trabalhadores se deixaram assustar com a impertinência e autoritarismo do Governo. Bem pelo contrário, cerraram fileiras, uniram a sua força e só deram por finda a greve quando as suas legítimas e justas reivindicações foram satisfatoriamente correspondidas.»

Nota oficiosa

Nos termos da Lei de Imprensa publicamos uma nota oficiosa emitida anteontem pela Presidência do Conselho de Ministros acerca da greve do gás, entretanto terminada.

Cabendo à PGP — Petroquímica e Gás de Portugal, E.P. a produção de gás da cidade, a sua paralisação acarreta o inevitável corte do abastecimento.

Na vigência da greve que paralisa a empresa, a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Química e Farmacêutica de Portugal, a Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Celulose, Fabricação e Transformação do Papel, Gráfica e Imprensa do Sul e Ilhas, o Sindicato dos Trabalhadores de Telecomunicações e Comunicação Audiovisual, o Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul, a FETESE — Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores de Escritórios e Serviços, a FENSIQ — Federação Nacional dos Sindicatos de Quadros, a Feticeq — Federação dos Trabalhadores das Indústrias Mecânica, Extractiva, Vidreira, Energia e Química, e os trabalhadores por eles representados têm-se recusado a assegurar os serviços mínimos indispensáveis à satisfação das necessidades sociais impreteríveis violando, desse modo, a obrigação que decorre da própria Lei da Greve.

Considerando que o Conselho de Gerência da PGP tem-se mostrado aberto ao diálogo sobre a matéria conflitual sem abdicar dos elementares princípios de gestão e de justiça, em contraponto à irredutibilidade das posições dos representantes sindicais dos trabalhadores, que em atitude de insustentável agravamento de ruptura decidiram desencadear a greve que conduziu à paralisação da empresa.

Considerando que os cidadãos utentes dos serviços da empresa sentem que a sua segurança pode, de algum modo, ser posta em causa.

Considerando que a intransigência e a irredutibilidade dos representantes das organizações sindicais e dos trabalhadores em greve colide com os elementares princípios de solidariedade mínima indispensável para com a comunidade, ao afectar, nomeadamente, o funcionamento de estabelecimentos e unidades de serviço e apoio ao público, tais como hospitais, creches, jardins de infância, refeitórios de empresas, cantinas, etc.

Considerando que se impõe defender e prosseguir o interesse colectivo, máximo quando se trate de satisfazer necessidades sociais impreteríveis, como acontece na situação vertente:

O Conselho de Ministros, reunido em 19 de Junho de 1986, de harmonia com o disposto no artigo 4. do Decreto-Lei n.º 637/74, de 20 de Novembro, resolveu:

1. — Reconhecer a necessidade da requisição civil dos trabalhadores do PGP — Petroquímica e Gás de Portugal, E.P., empresa que se encontra paralisada dada a greve decretada pelas organizações sindicais representativas dos trabalhadores ao seu serviço, no sentido de garantirem a segurança e manutenção do equipamento e instalações, e de prestar os serviços mínimos indispensáveis à satisfação das necessidades sociais impreteríveis que a empresa visa prosseguir.

2. — Autorizar os ministros da Indústria e Comércio e do Trabalho e Segurança Social a efectivar por portaria a requisição civil desses trabalhadores.

Regulamentado crédito a emigrantes

O novo regime de acesso ao crédito para emigrantes, designado por «conta-poupança-emigrante» e que revoga o sistema «poupança-crédito», foi ontem publicado no «Diário da República».

O diploma permite a utilização das contas-poupança-emigrante para financiamento na construção, compra ou realização de benfeitorias em prédios urbanos ou rústicos, destinados a habitação ou a rendimento e a instalação de actividades industriais, agro-pecuárias ou piscatórias.

Os montantes da taxa de juro, valores a creditar nas contas e prazos máximos dos empréstimos serão fixados por portaria do ministro das Finanças, ouvido o Banco de Portugal — estipula o decreto, que estabelece ao mesmo tempo que o montante de cada empréstimo não poderá exceder o dobro do saldo ou dos saldos das contas-poupança—emigrante. Entretanto um comunicado do Ministério das Finanças indicou que a portaria a distribuir na segunda-feira mantera até 30 de Setembro a taxa de 12,5% para os empréstimos a conceder, vigorando depois dessa data uma taxa equivalente à do mercado.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39$60	45$60
ALEMANHA FED. (marco)	66$95	68$15
ÁUSTRIA (xelim)	9$45	9$65
BÉLGICA (franco)	3$115	3$315
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	107$25	109$75
(notas de 5 a 1000)	107$75	110$25
DINAMARCA (coroa)	18$00	18$40
ESPANHA (peseta)	1$017	1$137
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	149$75	153$25
(notas de 5 a 100)	150$25	153$75
FINLÂNDIA (marka)	28$90	29$50
FRANÇA (franco)	20$95	21$65
HOLANDA (florim)	59$45	60$55
IRLANDA (libra)	203$90	207$90
ITÁLIA (lira)	$089	$099
JAPÃO (iene)	$873	$908
NORUEGA (coroa)	19$65	20$15
REINO UNIDO (libra)	226$00	230$50
SUÉCIA (coroa)	20$80	21$30
SUÍÇA (franco)	81$30	82$80
VENEZUELA (bolívar)	6$25	7$22

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operaçoes de venda estao sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Futebol

O algarvio Francisco Silva arbitra o Varzim-União

O árbitro **Francisco Silva,** de Faro, foi nomeado para dirigir o jogo Varzim-União da Madeira, que vai decidir qual das duas equipas ascende ao campeonato nacional de futebol da primeira divisão.

O outro jogo da «liguilha», entre o Desportivo das Aves e o Recreio de Águeda, será arbitrado por **Fortunato Azevedo,** de Braga.

Os árbitros indigitados para os outros jogos a disputar amanhã, e cuja lista foi divulgada pela Federação Portuguesa de Futebol, são os seguintes: Final do campeonato da terceira divisão (apuramento do campeão) Bragança-Sant. do Cacém, Joaquim **Silva Pereira,** do Porto; campeonato nacional de juniores: Sporting-Vasco da Gama, **Ezequiel Feijão,** Setúbal; campeonato de iniciados: Naval-FC Porto, Joaquim Grilo — Aveiro; Feirense-Varzim, Ramiro Viana, Braga, e Farense-Abrantes Benfica - Manuel Varandas, Évora e Benfica-Belenenses, Heliodoro Saraiva - Setúbal. Torneio complementar: Leixões - Felgueiras, Xavier Oliveira, Porto; Lourosa - Feirense, Joaquim Gonçalves, Porto; U. Leiria - Beira-Mar, Manuel Nogueira, Porto; U. Leiria - Beira Mar, Manuel Nogueira, Porto; Juv. Évora - Cova Piedade, Francisco Caroço, Portalegre e Barreirense - Lus. Évora, Carlos Esteves, Lisboa.

Sporting desmente contactos com José António

A direcção do Sporting desmentiu «veementemente» uma notícia veiculada num matutino portuense que dava como certa a contratação do defesa belenenses José António.

Segundo o «O Comércio do Porto», aquele jogador do Belenenses que fez parte dos 22 «infantes» que estiveram no Mundial do México, teria já chegado a acordo com o clube «leonino» para integrar o plantel na próxima época.

A direcção do Sporting, por intermédio do presidente João Rocha «desmente categoricamente a notícia que surge no seguimento de outras que visam desestabilizar o clube».

Para os responsáveis do clube «leonino» são também falsas as notícias do mesmo jornal que afirmam encontrar-se o clube de Alvalade em grave situação financeira e acrescentam agora que o clube «irá tomar as medidas convenientes contra o referido matutino».

Árbitros vão a exame

Como vem sendo hábito, o Conselho de Arbitragem submete, no final de cada temporada futebolística, os árbitros dos seus quadros a exames que visam a promoção às categorias superiores.

Hoje estarão presentes nas instalações do ISEF cerca de meia centena de juízes dos quadros regionais que prestarão provas de aptidão para o «quadro nacional» (3.ª categoria). Os antigos «internacionais» César Correia e Adelino Antunes farão parte do júri a convite do CA da FPF. Entretanto no sábado seguinte (28) será a vez dos melhores classificados das 3.ª e 2.ª categorias nacionais mostrarem aptidões para ocuparem as 14 e 5 vagas dos respectivos escalões. O júri para estas provas integrará membros do Conselho de Arbitragem e da Comissão de Apoio Técnico.

Marinhense «desfalca» União de Leiria

O Marinhense, que subiu este ano à segunda divisão, garantiu o reforço de 11 jogadores, a maioria dos quais provenientes do União de Leiria, «O clube deseja reforçar-se com o único objectivo de se manter na segunda divisão, e sem outras aspirações», acrescentou um dirigente do clube.

Os novos reforços são: Vítor Manuel (que será jogador-treinador), Vítor Alves (guarda-redes), Teixeira, Alfredo, Ferrinho e Martinho (Defesas), João Carvalho e Reis (médios), todos do União de Leiria, Cabumba (ex-Farense), Borga (ex-Alcobaça) e Justino (ex-Oriental) todos avançados.

A. D. guarda: reforços

Os futebolistas Victor Nogueira (ex-guimarães), Rui Barbosa (ex braga) e Real (ex-Covilhã) assinaram contrato com a Associação Desportiva da Guarda para a próxima época.

Do quadro de jogadores do clube renovaram já Artur, Tozé Claúdio e uma fonte da Associação Desportiva disse que devem assinar também Elísio (guarda-redes) e Pedro Miguel (médio) do Benfica.

O clube da Guarda, que na próxima temporada participa no campeonato nacional da segunda divisão, está também em negociações com Albuquerque (defesa-central) e Navalho (ponta-de-lança do Benfica, e João (defesa central) doElvas.

Na próxima temporada o clube por Liberalitino, que vai també orientar as equipas mais jovens.

Benfica: Captação

O Benfica abriu as inscrições para as escolas de futebol, a funcionar no Estádio da Luz. Assim todos os jovens com idade entre os 12 e 14 anos, com «veia» para o futebol, podem inscrever-se às terças e quintas-feiras no Estádio da Luz, entre as 15 e as 17 horas.

Ténis: Connors ataca dirigentes

O norte-americano Jimmy Connors acusou os dirigentes mundiais do ténis de prejudicarem a modalidade e, em especial, os jogadores profissionais.

Segundo Connors, os dirigentes «não param de estabelecer regras e mais regras, o que inibe a actuação dos tenistas». «Isso é prejudicial para o ténis, para mim e para os mais importantes jogadores» — sublinhou Connors numa entrevista ao diário norte-americano «Usa Today».

Jimmy Connors acaba de cumprir uma sanção de dez semanas de suspensão, por abandonar o campo durante um encontro com Ivan Lendl, em Fevereiro, na Florida e além da suspensão de actividade, Connors foi também multado em 25 000 dólares (cerca de 3750 contos).

O tenista norte-americano afirmou que o árbitro o «obrigou» a sair do campo durante as meias-finais do torneio Boca Raton ao não prestar qualquer atenção aos seus protestos.

Para Connors, que a partir de segunda-feira participa no torneio de ténis de Winbledon, em Inglaterra, os dirigentes pretendem converter os jogadores em «robots». **«Os tenistas não podem dizer nada. Se mostram desgrado, são multados, e se lutam pelos seus direitos, suspensos. Estão a privar os jogadores da sua identidade»** — acrescentou Connors.

O tenista norte-americano queixou-se também da supressão de semanas livres entre os torneios o que impede os profissionais de disputar encontros de exibição, «onde ganham verdadeiramente a vida».

Navratilova: triunfo

A tenista norte-americana Martina Navratilova venceu a alemã federal Claudia Kohde-Kilsch e qualificou-se para a final do torneio de Eastbourne, em que defrontará a checoslovaca Helena Sukova. Navratilova não necessitou de mais de 50 minutos para bater Kohde-Kilsch por 6-2 e 6-0, num encontro marcado pela lesão da tenista alemã-federal, que se queixou constantemente de dores nas costas.

Kohde-Kilsch foi incapaz de aguentar o ritmo de Navratilova e acabou por cometer 12 duplas faltas durante os dois jogos da meia-final.

Hóquei em patins

Antas e Alvalade: palcos da Europa

Disputa-se hoje a primeira «mão» da final das três mais importantes competições europeias de hóquei em patins com a agradável particularidade de em duas delas estarem envolvidas três equipas portuguesas, sendo certo que a Taça das Taças será conquistada pelo Sporting ou pela Sanjoanense que pelas 21 horas actuarão no pavilhão dos «leões» em Alvalade.

Nas Antas o FC Porto recebe a visita do Novara (Itália) estando o começo do encontro marcado para as 17.30 horas.

Curiosamente recorde-se que o Sporting é a única equipa portuguesa que ao longo do seu historial já conquistara as três importantes taças de hóquei europeu (Taça dos Campeões, Taça das Taças e Taça Cers) e está na final duma competição cujo título lhe pertence.

Entretanto, realiza-se hoje a outra final europeia (Taça Cers) que tem como parceiros as equipas Ford Bassano (Itália) e o Tordera (Espanha) que será dirigida pelo português Armelim Ferreira e se realiza pelas 20 horas no pavilhão do Bassano em cujo clube alinham os portugueses Luís Nunes (ex-Sporting) e Fanã (FC Porto).

Ciclismo: Grande Prémio "JN"

Sangalhos domina os "grandes"

Manuel Abreu, do Garcia-Joalheiros, venceu a segunda etapa do Grande Prémio «JN» em ciclismo, disputada entre Carregal do Sal e São João da Pesqueira, na distância de 146 quilómetros, enquanto Pedro Silva, do Sangalhos, é o novo camisola amarela.

Manuel Abreu foi cronometrado com 4 horas e 38 segundos, o mesmo tempo de Pedro Silva, que foi o segundo na etapa. O pelotão, com Carlos Santos, do Lousa, na cabeça, chegou à meta 1 minuto e 9 segundos depois dos dois primeiros.

Classificações

Na etapa: 1.º, Manuel Abreu (Garcia/Joalheiros), 4h 00m 38s; 2.º, Pedro Silva (Sangalhos/Recer), mt; 3.º, A. Gomes (Sangalhos/Recer), mt; 79.º, António Castro (Olhanense/Sucol), 4.13.38;

Geral (individual): 1.º, Pedro Silva (Sangalhos/Recer), 7h 46m 26s; 2.º, Manuel Abreu (Garcia/Joalheiro), 7.46.48; 3.º, Paulo Ferreira (Sporting), 7.47.13; 4.º, José Xavier (Sporting), mt; 5.º, Fernando Carlos Santos (Lousa/Trin.-/Akai), 4h 01m 47s; 4.º, Carlos Marta (Sangalhos/Recer), mt; 5.º, Paulo Ferreira (Sporting), mt; 6.º, Eduardo Correia (Sporting), mt; 7.º, Fernando Carvalho (Lousa/Trin./Akai), mt;8.º, Manuel Cunha (Lousa/Trin.-/Akai), mt;9.º, José Xavier (Sportingz), mt; 10.º, Manuel Fernandes (Sporting), mt; 6.º, Eduardo Correia (Sporting), mt; 7.º, Joaquim Gomes (Sporting), mt; 8.º, Carlos Santos (Lousa/Trinar./Akai), 7.47.15; 9.º, Fernando Carvalho (Lousa/Trinar./Akai), mt; 10.º, Manuel Correia (Sporting), mt; 11.º, Manuel Zeferino (Lousa/Trinar./Akai), mt; 12.º, Manuel Cunha (Lousa-/Trinar./Akai), 7.47.17; 13.º, António Pinto (Lousa/Trinar.-/Akai), mt; 14.º, Joaquim Neto (Boavista/Zanussi), 7.47.34; 15.º, Manuel Neves (Boavista/Zanussi), mt; 16.º, Manuel A. Gomes (Sangalhos/Recer), 7.47.35; 17.º, Carlos Marta (Sangalhos/Recer), mt; 18.º, Manuel Vilar (Sangalhos-/Recer), mt; 19.º, José Santiago (Torreense/Sicasal), 7.47.38; 20.º, João Santos (Torrense-/Sicasal), mt; 68.º, João Roque Júnior (Torreense/Sicasal), 8.06.52.

Por equipas: 1.ª, Sangalhos/Recer, 12h 04m 12s; 2.ª, Garcia/Joalheiro, 12.05.06; 3.ª Lousa/Trinar.-/KAI, «º.)..º«; 4.ª, Sporting, mt; 5.ª, Torreense/Sicasal, mt; 6.ª, Boavista/Zanussi, 12.06.15; 7.ª, Ajacto-/Morphy/Richards, 12.06.31; 8.ª, Olhanense/Sucol, 12.07.03; 9.ª, Tavira/Stand-/Custódio, 12.08.51.

Na sua agenda

Festival de ginástica em Paio Pires

Promovido pela Câmara Municipal do Seixal e colectividades do concelho, vai realizar-se, amanhã, o III Festival Concelhio de Ginástica, que terá lugar no pavilhão da Siderurgia Nacional (Paio Pires).

Trata-se duma importante manifestação desportiva em que participarão mais de 800 ginastas dos mais de 4000 que praticam ginástica nas colectividades do concelho. Por outro lado, o certame integra-se nas comemorações do 150.º aniversário do concelho do Seixal.

O festival terá o seu início às 16 horas e compreende duas sessões: à tarde (16.30 h) e à noite (21 horas), participando as seguintes colectividades:

Ginásio Clube de Corroios, Centro de Solidariedade Soc. Pinhal Frades, Grupo Recreativo de S. António, Independente Futebol Clube Torrense, Centro Cultural e Desportivo das Paivas, Clube Rec. Desp. Águias Unidas, Centro de Convívio Vale de Milhaços, Clube Rec. Desp. Brasileiro/Rouxinol, Clube Desp. e Cult. Casal do Marco, Sociedade Musical 5 de Outubro, Centro Cultural Rec. Alto do Moínho, Clube do Pessoal Siderurgia Nacional, CASM — Cent. Act. Sociais de Miratejo, Clube Recreativo da Cruz de Pau e Casa do Povo de Corroios.

Sarau de ginástica do Academia Almadense

Decorre hoje e amanhã no pavilhão D. António da Costa em Almada o sarau de ginástica da Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadense, cujo início está marcado para as 21 horas.

Microscópio

Portugueses no «Europeu» de voo livre em asa delta

O Aero Clube de Portugal vai participar no campeonato da Europa de voo livre em asa delta com cinco pilotos anunciou o clube.

A equipa portuguesa que vai participar no europeu, a disputar em Gyongyos, na Hungria, entre 7 e 20 de Julho, é constituída pelos pilotos José João Figueiredo, Miguel José Santana, Rogério Mello Coutinho, José Alexandre Santos e Eduardo Albaran.

BRASIL-FRANÇA: Optimismo moderado

O primeiro jogo dos quartos-de-final do «mundial» do México é considerado por grande parte dos intervenientes como uma final antecipada que proporcionará um grande espectáculo de futebol.

Brasil, três vezes campeão mundial, e França, actual campeão europeu, vão defrontar-se hoje em Guadalajara sem conhecerem o sabor amargo da derrota, depois de ultrapassadas duas fases, em que ambas as selecções demonstraram possuir argumentos suficientes para atingir a final.

Para o treinador francês, Henri Michel, o jogo «é uma verdadeira final», enquanto o avançado brasileiro Careca antevê «um jogo sensacional».

Para Telé Santana, que observou a equipa francesa durante o jogo dos oitavos de final frente à Itália, trata-se de uma grande equipa e, embora tenha afirmado que não fará marcação especial a Platini, a sua equipa terá de ter cuidados defensivos. «**A França é uma equipa com um conjunto homegéneo e eliminou nada menos que o campeão do mundo**», disse Santana, apesar de na comitiva brasileira reinar o optimismo.

Para o central Edinho, «o Brasil não será uma equipa defensiva, pois conta com um plantel com capacidade para vencer jogando bonito». «No entanto, isso não quer dizer que vamos optar uma táctica suicida, dando espaços aos franceses que são exímios no futebol em velocidade», acrescentou Edinho.

Para Zico, que deverá continuar como suplente, «**trata-se de um jogo entre duas equipas candidatas à final e é pena que uma delas tenha de ser eliminada**».

●

Os franceses, também optimistas quanto ao desfecho da partida, terão igualmente de ter preocupações defensivas, nomeadamente com Careca, Muller, Josimar e Zico, que muito provaveimente entrará na última meia hora, como vem sendo hábito.

Para Henri Michel, «**a França está bem preparada e em condições de vencer o Brasil**», recordando que a sua equipa chegou aos quartos-de-final depois de «um bom trabalho na primeira fase». «Os meus jogadores estão conscientes do futebol brasileiro, uma das equipas favoritas, mas mesmo assim pensamos que poderemos seguir em frente», adiantou o treinador gaulês.

Edinho parece estar com «birra»

Mas, para o jogo de hoje os franceses terão de superar a ausência de William Ayache , que não poderá alinhar devido a acumulação de cartões amarelos.

O Brasil, que conta só com vitórias, não sofreu ainda qualquer golo e marcou nove, enquanto os franceses, que apenas empataram (1-1) com a União Soviética, marcaram sete.

As formações prováveis são as seguintes:

BRASIL — 1 Carlos; 13 Josimar, 4 Edinho, 14 Júlio César e 17 Branco; 15 Alemão, 19 Elzo, 18 Sócrates e 6 Júnior, 7 Muller 9 Careca.

FRANÇA — Bats; 2 Amoros, 4 Battiston, 6 Bossis 8 Tusseau; 14 Tigana, 12 Giresse, 10 Platini e 9 Fernandez; 18 Rocheteau e 19 Stopyra.

Árbitro — Igna (Roménia).

Os antecedentes

As selecções do Brasil e da França protagonizam hoje, em Guadalajara, um dos encontros mais importantes do Mundial do México-86, que envolverá alguns dos maiores talentos do futebol contemporâneo.

A nível de Mundiais de futebol, será a segunda vez que brasileiros e franceses se defrontam. A primeira foi no Campeonato do Mundo efectuado na Suécia, em 1958, e terminou com a vitória do Brasil por 5-2, que acabaria por obter em Estocolmo o seu primeiro título mundial, dos três que presentemente detém.

Todavia, a relação dos jogos oficiais entre as duas selecções é favorável aos brasileiros, já que dos sete desafios efectuados contra a França, ao longo de toda a história da Confederação Brasileira de Futebol, quatro terminaram com a vitória dos sul-americanos, dois com o triunfo dos gauleses e um empatado.

O presidente da Federação Francesa de Futebol (Fournet- Fayard) tenta convencer a «segurança» para que os jornalistas gauleses assistam ao treino dos «canarinhos»

México Digest

● O público de Guadalajara não mostra simpatia pela selecção francesa que hoje disputa os quartos de final com o Brasil, depois de uma contecimento insólito que teve como protagonistas alguns seleccionados franceses. Após o último treino antes do jogo de hoje, os jogadores franceses entraram no autocarro por entre «caçadores» de autógrafos que gritavam «Brasil, Brasil». Se os adeptos de Guadalajara já tinham demonstrado algumas incompatibilidades com as selecção francesa, os acontecimentos de sexta-feira vieram piorar a situação no que diz respeito ao apoio do público mexicano. O insólito estava ainda para acontecer. Já no autocarro e depois de recusados os pedidos de autógrafos, alguns jogadores franceses abriram as janelas e derramaram garrafas de água sobre os «fãs» favoráveis ao Brasil.

● Os cerca de 3 500 soldados britânicos estacionados nas Malvinas aguardam por uma boa recepção da televisão Argentina para que possam assistir ao jogo dos quartos de final, que porá frente a frente, pela primeira vez desde o conflito das Malvinas, em 1982, as selecções da Inglaterra e Argentina. «Talvez tenham sorte e consigam captar a televisão argentina», disse um porta-voz do Ministério da Defesa, acrescentndo: «é claro que os comentários serão em espanhol».

● A afluência de espectadores aos jogos dos oitavos de final do mundial de futebol aumentou em 42 por cento, segundo o comité organizador. Um total de 1 844 151 pessoas assistiram aos encontros da segunda fase, o que significa um acréscimo de 192 328 espectadores em relação ao mundial de Espanha. O jogo México-Bélgica, disputado no Estádio Azteca, continua com o recorde de espectadores (114 580).

●Os dirigentes da FIFA e respectivas esposas aproveitaram os dias de inactividade futebolística para realizarem uma ronda turística pelo México.Depois de uma visita aos principais pontos de interesse da capital mexicana, os dirigentes do futebol mundial deslocaram-se a Almoloya de Juarez e a San Felipe de Tlamimilolpan.

● Os resultados das eleições gerais na Espanha serão divulgados simultaneamente em Madrid e no hotel onde está concentrada a selecção espanhola no México. A Embaixacada da Espanha montou em Puebla um sistema computorizado, ligado em simultâneo com o Ministério do Interior, em Madrid, de forma a divulgar os resultados oficiais das eleições aos membros da delegação, jornalistas e adeptos que acompanham a equipa. Devido à diferença horária, os resultados finais serão conhecidos duas ou três horas antes do início do Espanha-Bélgica em Puebla.

O SERVIÇO E A QUALIDADE FAZEM A DIFERENÇA...

Lagosta Real
VIVEIROS PRÓPRIOS MARISCOS SEMPRE FRESCOS
Especialidade da casa
CALDEIRADA DE LAGOSTA À MARINHEIRA
COZINHA MINHOTA
R. PORTAS DE ST.º ANTÃO, 37 – TEL. 32 39 95

MARISQUEIRA DA BAIXA
Especialidade:
MARISCADA VARIADA
FEBRAS DE JAVALI NO CHURRASCO
RUA PORTAS DE ST.º ANTÃO, 41
TELEFONE 32 78 67

SOL Dourado
Especialidade:
ARROZ DE MARISCO
CABRITO À PADEIRO
RUA JARDIM DO REGEDOR, 19-25
TELEFONE 37 25 70

tem tem
Especialidade:
CHURRASCO NO CARVÃO
FONDUE
RUA D. ANTÃO DE ALMADA, 5-A
TELEFONE 36 59 44

RFA-MÉXICO:
calor é arma suplementar

O treinador alemão-federal de futebol, Franz Beckenbauer, está de acordo com o técnico da selecção do México, Velibor Milutinovic, que considera que os mexicanos são favoritos no confronto entre as equipas dos dois países.

A Alemanha Federal e o México defrontam-se hoje em Monterrey, em partida dos quartos de final do Mundial de Futebol do México. **Tudo aponta para uma vitória nossa,** afirmou Milutinovic, acrescentando que os mexicanos terão no calor que habitualmente se faz sentir em Monterrey uma «arma» suplementar importante. **Talvez os alemães tenham melhores valores individuais, mas o México é superior colectivamente,** acrescentou o técnico jugoslavo ao serviço da selecção mexicana.

Milutinovic referiu também a importância do factor casa e a confiança que se instalou nos seus pupilos pelos bons resultados obtidos até agora. «Jogamos em casa, temos o calor a nosso favor e as exibições anteriores deram-nos confiança» — afirmou o treinador mexicano, indiferente à táctica a utilizar por Beckenbauer. **Vamos jogar como sabemos, pressionados desde o início, como aconteceu frente aos búlgaros,** nos quartos de final — garantiu Milutinovic, confiante de que «a vitória não fugirá».

O México qualificou-se para os quartos de final vencendo a Bulgária por 2-0, na primeira fase, os mexicanos venceram o grupo B, com duas vitórias — Bélgica (2-1) e Iraque (1-0) — e um empate — Paraguai (1-1).

Apesar de reconhecer que tudo favorece uma vitória dos anfitriões do Campeonato do Mundo, Franz Beckenbauer garante que os alemães-federais têm ainda uma palavra a dizer. «Trabalhámos afincadamente para este jogo, pois não só temos de jogar com uma equipa altamente motivada como teremos de lutar contra o calor de Monterrey e os mais de 50 000 adeptos que apoiarão o México» — afirmou o «Kaiser».

O técnico alemão-federal recusou confirmar a formação que vai apresentar, referindo apenas que todos os jogadores germânicos estão em condições de alinhar.

A Alemanha eliminou dificilmente a selecção marroquina nos oitavos de final que atingiu ao obter o segundo lugar no grupo E, unanimemente considerado o mais forte da primeira fase do México-86.

Os alemães terminaram o «grupo da morte» com apenas três pontos, resultantes do empate a um golo com o Paraguai e da vitória sobre a Escócia por 2-1. Na terceira partida, perderam com os dinamarqueses por 2-0.

A partida entre alemães-federais e mexicanos vai ser dirigida pelo árbitro colombiano **Jesus Diaz** e as equipas prováveis são as seguintes:

Alemanha: Schumacher (1); Jakobs (17), Foerster (4), Eder (6) e Berthold (14); Matthaeus (8), Breheme (3), Magath (10) e Briegel (2); Rummenigge (11) e Allofs (19).

México: Larios (1); Quirarte (3), Amador (18), Felix Cruz (14) e Servin (17); Muñoz (16), Aquirre (13), España (7) e Tomas Boy (10); Negrete (22) e Hugo Sanchez (9).

Butraguenõ prepara-se com a ajuda de Tomas

Os antecedentes

O único jogo até agora disputado numa fase final do mundial entre a Alemanha Federal e o México não traz boas recordações aos anfitriões, pois terminou com a vitória dos alemães por 6-0.

As duas equipas defrontam-se hoje no Estádio Universitário de Monterrey (cuja lotação está esgotada desde há dias), em jogo dos quartos-de-final do mundial de futebol que está a despertar grande entusiasmo na cidade.

O único antecedente foi no «mundial» da Argentina em 1978. México e Alemanha Federal, que defendia o título, estavam no mesmo grupo, com a Tunísia e a Polónia.

O encontro, disputado a 6 de Junho em Córdoba, terminou com a vitória da Alemanha por 6-0, com golos de Dieter Muller (15), Flohe (30, 44 e 89) e Karl Heinz Rummenigge (38 e 73).

Plano do fim-de-semana

Com palcos montados nas cidades de Monterrey, Puebla e Guadalajara realizam-se hoje e amanhã os quatro encontros correspondentes aos quartos-de-final. Eis o programa e respectivos «coordenadores»:

HOJE

Cidade Estádio	Hora Port.	Jogo	Árbitro	Fiscais-de-linha
Guadalajara (Jalisco	19 h	Brasil-França	Joan Igna (Roménia)	Lajos Nemeth (Hungria) Voltech Christov (Checoslováquia)
Monterrey (Universitário)	23 h	RFA-México	Diaz Palacio (Colômbia)	Christopher Bambridge (Austrália) Alan Snoddy (Irlanda do Norte)

AMANHÃ

Puebla (Puebla)	23 h	Espanha-Bélgica	Siegfried Kirschen (RDA)	Gogardo Codesal (México) Horst Brummeier (Áustria)
Cidade México (Azteca)	19 h	Argent.-Inglat.	Ali Bennaceur (Tunísia)	Ulloa Moreira (Costa Rica) Bogdan Dotschev (Bulgária)

A RTP transmitirá todos os jogos em directo.

"Mundial" em números

A barreira dos dois milhões de espectadores deverá ser ultrapassada, pela 1.ª vez em campeonatos do mundo de futebol, no México. Os 44 jogos já disputados foram vistos por 1,634 milhões de pessoas, à média de 37 147 espectadores por jogo, bem menos que a média (por exemplo) da fase final disputada em 1950, no Brasil. Os 22 jogos do «Mundial» então disputados foram presenciados por 1,337 milhões de pessoas, média de 60 773 por jogo.

Já neste campeonato (e pela 8.ª vez em «mundiais») um jogador (o espanhol Emilio Butragueño) marcou quatro golos num jogo, ficando a um do recorde que o uruguaio Schiaffino estabeleceu, em 1950. Antes de Butragueño, também Eusébio (1966), o francês Fontaine (1958), o húngaro Kocsis (1954), o brasileiro Ademir (1950) e o sueco Wetterstroem, o polaco Willimowski e o brasileiro Leónidas (1938) tinham marcado quatro golos.

No jogo em que a Inglaterra eliminou o Paraguai, o avançado Gary Lineker marcou o golo 1300 dos «mundiais» de futebol.

Outros dados estatísticos do «Mundial» do México:

Golos: 110 marcados. Média por jogo: 2,5. É inferior à do «Mundial» com média mais baixa: 2,55 golos por jogo (em 1974, no campeonato disputado na Alemanha Federal).

Resultados: dez jogos terminaram em 1-0, desfecho que mais vezes se verificou até agora. Em 26 jogos (59 por cento do total) foram marcados dois golos ou menos.

Cartões encarnados: nos oitavos-de-final não foram expulsos jogadores. No conjunto dos jogos disputados foram explusos seis atletas, mais um que no «Mundial» de Espanha, após o mesmo número de jogos (44).

Cartões amarelos: 112 jogadores viram o «rectângulo icteríca», mais 38 que em igual número de jogos do «Mundial» de Espanha.

MODELO FOTOGRÁFICO

Importante Empresa Editorial necessita, com admissão imediata, em regime de full-time ou part-time,

MODELOS FOTOGRÁFICOS

Condições:

Mais de 18 anos, boa apresentação, ambição, profissionalismo, gosto pela actividade, liberdade para viajar.

Não é necessária experiência anterior

Fazemos provas a todas as candidatas.

Resposta – com fotografia actual, de preferência de corpo inteiro, se possuírem em condições – para:

G.E.R.S., LDA. – Apartado 389

2404 LEIRIA CODEX

ADMISSÃO IMEDIATA

Importante Empresa Editorial, com sede em Leiria, admite, com entrada imediata, para a sua Delegação em LISBOA, os seguintes trabalhadores:

- **Dois tradutores(as) – podem trabalhar em casa;**
- **Duas dactilógrafas;**
- **Uma secretária de Direcção;**
- **Angariadores(as) de publicidade.**

Oferecemos:

Ordenado base + Comissões + Ajudas de custo + Passe Social. Muito bom ambiente de trabalho.

Exigimos:

Idade mínima 18 anos. Ambição. Seriedade. Profissionalismo.

IMPORTANTE:

«TODOS(AS)» os(as) candidatos(as) serão chamados(as) a prestar provas desde que cumpram as seguintes regras:

— Enviem envelope selado e endereçado para a resposta + cinco selos de 22$50 (cada) para envio de fichas de inscrição.

Resposta:

O mais detalhada possível, manuscrita pelo(a) candidato(a), a enviar com urgência para:

G.E.R.S., LDA. – Apartado 389 – 2404 LEIRIA CODEX

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

12.º Juízo Cível

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 1396/B, 1.ª secção.

Exequentes – Companhia de Seguros Império, E.P.

Executado – António Rodrigues Martins, residente no Cruzamento da Pulga, Nova Gouveia – Gouveia.

Lisboa, 30 de Maio de 1986.

O JUIZ DE DIREITO,
a) Rosa Maria Mendes Cardoso de Jesus Alves

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
Valentim Gorges Pedro Eugénio

DL-21/6/86 – 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
5.º JUÍZO

ANÚNCIO

O Doutor Guilherme Augusto da Igreja, Juiz de Direito do 5.º Juízo Cível de Lisboa, 2.ª Secção.

Faz saber que pelo Juízo de Direito desta Comarca e 2.ª Secção correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado José Francisco Coelho Varela, com última morada conhecida em Rua Cimo da Vila – Unhos – Sacavém, para no prazo de dez dias, posterior aqueles dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Companhia de Seguros Império, E.P., desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 5 de Junho de 1986.

O JUIZ DE DIREITO,
a) Guilherme Augusto da Igreja
A ESCRIVÃ JUDICIAL,
a) Maria Dulce Esteveira Teixeira

Autos de Execução de Sentença n.º 6733-B - 2.ª Secção
Exequente: Companhia de Seguros Império, E.P.
Executado: José Francisco Coelho Varela

DL-21/6/86 – 2.ª Pub.

As previsões de Eusébio

O Mundial do México será ganho pelo Brasil ou pela França, segundo afirmou em Guadalajara o antigo futebolista português Eusébio, citado pela agência espanhola EFE. «No próximo jogo dos quartos de final o Brasil e a França devem dar uma magnífica exibição de futebol, e um deles será, seguramente, o vencedor deste torneio» afirmou Eusébio.

O «magriço», que foi o melhor «artilheiro» do Mundial de 1966 na Inglaterra, diz que «as equipas têm jogadores brilhantes», e lamentou que «estas duas selecções se defrontem agora, quando poderiam ser elas a disputar a grande final».

Eusébio aposta no entanto numa final «entre o Brasil e a Inglaterra, embora a Alemanha Federal seja um osso muito duro de roer. O México está a ter uma boa actuação, e há que não esquecer a Espanha, que pode ser a surpresa e inesperadamente chegar à final».

Para Eusébio, a eliminação da equipa portuguesa na primeira fase deveu-se à «anarquia».

José Torres (que foi companheiro de Eusébio no Benfica e na selecção de 1966 na Inglaterra) **não teve pulso suficiente para se impor aos jogadores,** segundo o «pantera negra».

Troféu "Fair Play"

As selecções da Alemanha Federal e da União Soviética, comandam a classificação do troféu «fair play» do campeonato do Mundo de futebol, ambas com 19 pontos.

O troféu, que distinguirá a equipa com melhor comportamento no mundial, é de ouro puro e está avaliado em 200 000 dólares (cerca de 45 000 contos).

Classificação do troféu «fair play» do México 86 até aos oitavos de final:

1.º RFA e URSS, 19 pontos; 2.º Brasil e Bulgária, 18; 5.º Bélgica, 17, 6.º França, México, Marrocos, Paraguai e Polónia, 14; 11.ª Esapnha Argentina e Dinamarca, 13; 14.º Itália, 11; 15.º Inglaterra, 6; 16.º Uruguai, 3.

O que ontem se disse

Algumas frases de realce, que ontem se escutaram nos bastidores do «Mundial».

●

«Temos que ganhar à Alemanha Federal, seja como for: durante os 90 ou 120 minutos ou por grandes penalidades», **Bora Milutinovic,** seleccionador mexicano.

●

«A equipa francesa não gira em volta de Platini, mas utiliza cada um dos seus jogadores segundo as suas próprias possibilidades», **Michel Platini,** «capitão» da selecção francesa.

●

«Chamar a este jogo (Argentina-Inglaterra) a guerra do Atlântico-Sul, como tentam alguns jornalistas, que não são argentinos nem ingleses, parece-me pouco elegante. Somos já bastante crescidos para brincadeiras destas», **Pasculli,** avançado-centro argentino.

●

«O México é favorito». Previsão, ou ironia, de Franz **Beckenbauer,** seleccionador da Alemanha Federal, que hoje defronta os mexicanos no Estádio Universitário de Monterrey.

●

«Uma equipa onde haja anarquia não pode aspirar a grandes coisas. Por isso ela (a de Portugal) está já em casa», **Eusébio,** citado pela agência EFE.

A virgem e os mosquitos

O Brasil não receia os «bruxedos» de um mago italiano que reside em Guadalajara, e que previu que «a França vai derrotar o Brasil», afirmou o vice-presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Nabi Abi Chedid. «A selecção brasileira está protegida pela Virgem de Zapopan, patrona do estado de Jalisco, além de ter uma equipa bem preparada e mentalizada para defrontar os gauleses», acrescentou o homem forte da delegação do Brasil. Abi Chedid é devoto da «Virgem de Zapopan» e durante os jogos do Brasil tem sempre nas mãos uma imagem da Virgem, tendo prometido uma romagem ao santuário.

●

Os jogadores franceses, instalados num hotel a 50 quilómetros de Guadalajara, começaram a queixar-se dos mosquitos, muito abundantes na região. Pouco depois da chegada da delegação francesa ao hotel, o médico da equipa fez um pedido imediato de repelentes à organização do mundial de futebol, para evitar os «ataques dos insectos».

Inglaterra-Argentina: "guerra" nas bancadas?

O jogo Inglaterra-Argentina, **enquadra-se perfeitamente nos esforços para normalizar as relações entre os dois países,** deterioradas com a guerra das Malvinas — disse um porta-voz do Ministério britânico dos Negócios Estrangeiros.

O encontro entre ingleses e argentinos (a disputar no domingo) conta para os quartos-de-final do campeonato mundial e é o primeiro entre as duas selecções desde o fim da guerra das Malvinas, em 1982. A partir daí, houve apenas um jogo entre grupos desportivos dos dois países: em 1985, uma equipa feminina de hóquei do País de Gales defrontou um clube argentino.

O porta-voz do «Foreign Office» disse que **compete aos órgãos dirigentes das diversas associações desportivas britânicas decidir sobre a participação em competições em que poderão (eventualmente) ter de enfrentar equipas argentinas. O embaixador britânico no México decidirá se assiste ou não ao jogo,** acrescentou o mesmo porta-voz, concluindo que o governo de Londres **espera (naturalmente) que o jogo seja disputado e assistido no ambiente de desportivismo que a situação exige.**

O duelo entre as duas equipas causa grande preocupação entre os responsáveis da Federação Inglesa de Futebol, que receiam atitudes antia rgentinas dos milhares de adeptos britânicos que se encontram no México. Durante o jogo entre a Inglaterra e o Paraguai (disputado na 4.ª-feira) alguns «hooligans» britânicos gritaram palavras de ordem contra a Argentina: o que, a repetir-se no confronto com os argentinos, poderá ocasionar graves incidentes entre adeptos dos dois países.

Um grupo de adeptos argentinos queimou uma bandeira britânica durante o jogo Argentina-Uruguai (referente aos oitavos-de-final) e ostentou cartazes em que se dizia que **as Malvinas são argentinas,** a exemplo do que já tinham feito nos jogos da 1.ª fase do Mundial.

Os sentimentos dos adeptos estão a colocar problemas aos responsáveis pela segurança do México 86, que se reuniram na capital mexicana com autoridades policiais, diplomatas britânicos e o encarregado da segurança da Federação Inglesa de Futebol, Les Walker. Na reunião, Walker terá dado algumas sugestões às autoridades locais sobre a forma de tentar evitar recontros entre adeptos de ambos os países, nas bancadas do Estádio Azteca, com capacidade para 110 mil pessoas.

O secretário da Federação Inglesa (Ted Crocker) citado pela Imprensa de Londres, afirmou que **a partida é uma excelente oportunidade para construir novas pontes de entendimento entre os dois países.** Segundo Croker, **não houve divergências entre as duas potências no campo desportivo, pelo que encaramos o jogo como apenas mais um do Campaoneto do Mundo,** que resultará **numa melhoria das relações** entre a Inglaterra e a Argentina.

Entretanto, os técnicos das duas selecções parecem não querer envolver-se em discussões de ordem política. Numa conferência de Imprensa, o seleccionador inglês (Bobby Robson) instado a comentar o **factor Malvinas,** retorquiu: **sou um treinador de futebol e não um político. Não me façam perguntas dessas.** Carlos Bilardo (responsável técnico argentino) num artigo publicado por um jornal de Buenos Aires, escreveu: Estamos no México para jogar futebol e nada mais

Bélgica: lesões preocupam seleccionador

O seleccionador belga Guy Thys embora optimista para o jogo de amanhã com a Espanha, está preocupado pela quantidade de jogadores doentes e lesionados na sua equipa.

Depois das baixas de Vandereycken e de Vandenbergh, que regressaram à Bélgica devido às lesões sofridas no jogo frente à União Soviética, Bodart, Renquin e Desmet estão com febre, após problemas de estômago e diarreia.

Assim, só 17 jogadores participaram ontem no treino disputado em Toluca, enquanto o médico da selecção belga recomendou aos três restantes que se mantivessem de cama no quartel-general da equipa.

Dos três doentes só Michel Renquin está em dúvida para o jogo com a Espanha no estádio Cuauhtemoc de Puebla. O técnico belga deve convocar Stephane de Mol, do Anderlecht, para o lugar de Vandereycken, e Nico Claesen, do Standard de Liége, para o posto de Vandenbergh.

A selecção belga, que já se encontra em Puebla, está concentrada no hotel Del Angel (onde esteve anteriormente a Itália, eliminada pela França), efectuou um treino de hora e maia com exercícios físicos e troca de bola com os dois guarda-redes, Pfaff e Munaron, a serem submetidos a duro trabalho, que incluiu a marcação de grandes penalidades e livres. **«A Espanha é um adversário difícil, mas considero que estamos preparados para o encontro, porque o nosso futebol tem vindo a subir no decorrer do Mundial».**

Disciplina

Três "impedidos" e outros muito próximo

O francês William Ayache não poderá defrontar o Brasil no encontro dos quartos-de-final do campeonato do mundo de futebol, devido a acumulação de cartões amarelos. Ayache viu o eartão amarelo pela segunda vez neste mundial durante o encontro com a Itália.

Em situação idêntica estão o argentino Óscar Garre, admoestado com o cartão amarelo no jogo com o Uruguai, e o espanhol Andoni Goicoechea, admoestado no encontro frente á Dinamarca.

Os jogadores com um cartão amarelo são os seguintes:

Brasil: Branco, Careca, e Edinho; França: Fernandez, Amoros e Roccheteau; México: Munos, Negrete e Trejo; Alemanha Federal: Jacobs e Eder; Espanha: Camacho, Munoz, Michel e Gonzalez; Bélgica: Van Der Elst, Ceulemans e Renquin; Argentina: Giusti e Cuciuffo e Inglaterra: Hodge e Butcher.

Havelange e Maradona trocam impressões sobre o próximo encontro América-Resto do Mundo

América-resto do Mundo

Selecções estão formadas

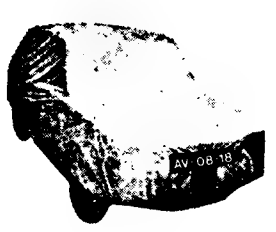
Vinte e quatro futebolistas foram convidados pela FIFA para disputar um jogo América-Resto do Mundo, que se realizará dia 27 de Julho, em Passadena, Califórnia, e cuja receita reverterá para a UNICEF.

Os treinadores serão Carlos Bilardo (Argentina) e Bora Milutinovic (México) pela selecção americana, e Franz Beckenbauer (RFA) e Johan Cruyff (Holanda) pela selecção do resto do Mundo. A selecção americana conta com a presença do norte-americano Caligiuru, único jogador convidado que não participou no mundial do México.

As duas selecções serão compostas pelos seguintes jogadores: **América:** Roberto Fernandez (paraguai), Júlio César (Brasil), Passarela (Argetina), Quirarte (México), Maradona (Argentina), Careca (Brasil), Negrete (México), Caligiuru (Estados Unidos), Hugo Sanchez (México), Valdano (Argentina), Zico (B rasil) e Romero (Paraguai).

Resto do mundo: Pat Jennings (Irlanda do Norte), Briegel (RFA), Cabrini (Itália), Morten Olsen (Dinamarca), Platini (França), Lerby (Dinamarca), Park Xhang-Sun (Coreia do Sul), Conti (Itália), Butragueño (Espanha), Lineker (Inglaterra), Timoumi (Marrocos) e Rumennigge (RFA).

A DIFERENÇA ESTÁ NA TELA



Sr. Automobilista

Coberturas impermeáveis para automóveis cosidas e vulcanizadas nas costuras feitas por molde certo

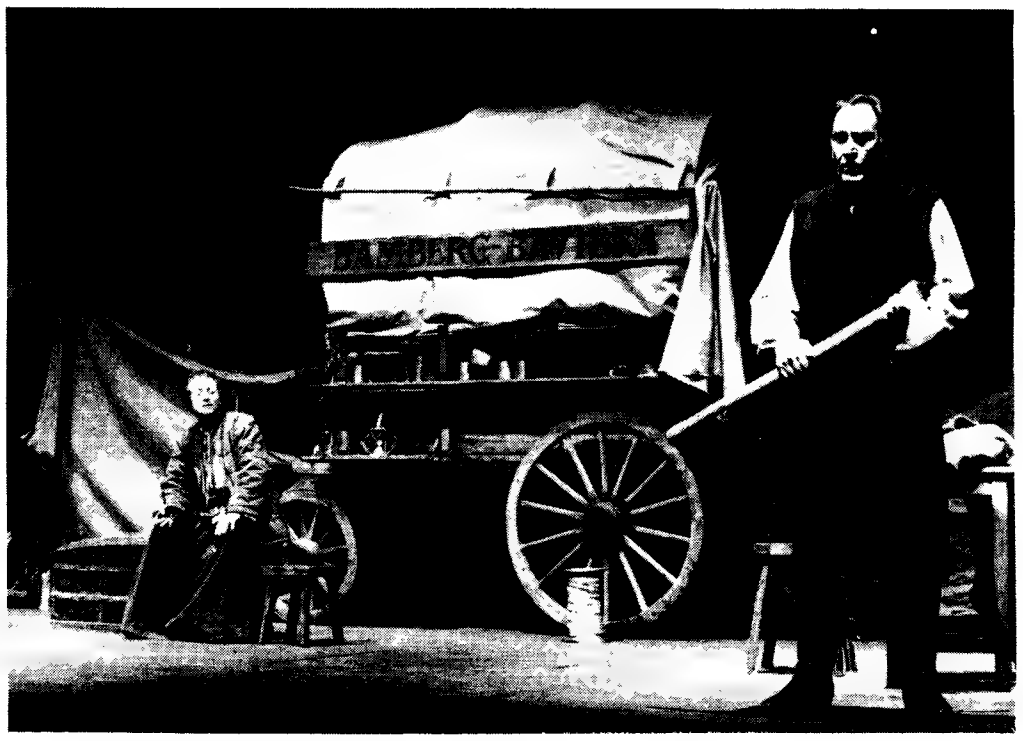
Enviamos para todo o País

JOAQUIM EZEQUIEL
Telefone 2080613 (rede de Lisboa)
Vila Nogueira — 2925 Azeitão

"Mãe Coragem"/86: vitória portuguesa também no palco

Carlos Portò

MÃE CORAGEM E OS SEUS FILHOS, **de Bertolt Brecht.** Tradução: **João Lourenço e Vera San Payo Lemos.** Dramaturgia: **Vera San Payo Lemos.** Encenação: **João Lourenço.** Música: **Paul Dessau.** Direcção musical: **Pedro Osório.** Cenografia: **José Carlos Barros.** Figurinos: **Lídia Lemos.** Coreografia: **Olga Roriz.** Assistente de Encenação: **Mário Pereira.** Interpretação: **Carlos Daniel, Orlando Costa, Mário Pereira, Eunice Muñoz, Irene Cruz, Francisco Pestana, Jorge Gonçalves, Ruy de Carvalho, Carlos Fonseca, Rogério Paulo, Rui de Matos, São José Lapa, Artur Mendonça, Carlos Costa, João de Carvalho, Igor Sampaio, Barroso Lopes, Carlos Duarte, Manuel Cavaco, António Banha, Madalena Braga, André Maia, António Anjos, Catarina Avelar e Nuno Franco.** Produção: **Teatro Nacional D. Maria II/Novo Grupo.** Estreia: **Teatro Nacional D. Maria II — Sala Garrett, 5-6-1986.**



Eunice Muñoz e Rogério Paulo numa cena da peça de Brecht

1. O teatro atingiu em Portugal um nível de maturidade que só por má-fé se pode negar. «Mãe Coragem e os Seus Filhos», de Bertolt Brecht, criação do Teatro Nacional D. Maria II/ Novo Grupo, inscreve-se num dos primeiros lugares desse processo de qualificação.

2. Como se sabe (não estará a ficar esquecido?), o teatro de Brecht esteve proibido durante o regime fascista. As tentativas feitas para o apresentar, em produção própria ou alheia, tiveram os resultados que são conhecidos, no primeiro caso com «A Excepção e a Regra», pelo TEUC, nos anos 60, no segundo, com «A Boa Alma de Sé Chuão», pela Companhia de Maria della Costa, nos anos 50.

Com o fim do fascismo e portanto da censura, as obras de Brecht surgiram nos nossos palcos a um ritmo que chegou a ser suspeitosamente considerado excessivo. No entanto, dos grandes textos de Brecht, o mais conhecido, «Mãe Coragem e os Seus Filhos», continuava por estrear como se houvesse um prolongamento da sua interdição. Pode-se pensar que era precisamente o facto de ser considerado, bem ou mal, paradigmática da obra do autor que «Mãe Coragem...» assustava.

Talvez se possa dizer que uma leitura da peça serviria de bitola da capacidade do teatro português para encarar uma peça-chave do teatro do século XX e do teatro de Brecht. Daí a responsabilidade.

Valeu a pena esperar. O trabalho de João Lourenço e dos seus colaboradores é, ao mesmo tempo, digno da obra e do autor, digno da capacidade criativa que o teatro atingiu em Portugal nos anos 80.

3. «Mãe Coragem...» tem uma data precisa: 1938/1941. Em 38, Brecht começou a sua redacção na Dinamarca, onde esteve exilado, em 41 foi a estreia em Zurique. Ou seja, um ano antes da segunda guerra mundial rebentar e quando aparentemente os nazis eram ainda vencedores.

A guerra — é preciso não o esquecer, pois é disso que se trata, embora não seja só disso.

4. É através duma história de guerra que Brecht nos fala da guerra, a guerra como forma de destruição (os filhos de Coragem são mortos), a guerra como forma de vida (os negócios, que não são só de Coragem), a guerra como forma de aprendizagem («se Coragem nada aprendeu, penso que o público pode aprender alguma coisa vendo-a viver» — B.B.).

A acção da peça de Brecht decorre de 1624 a 1636 durante a Guerra dos Trinta Anos que durou de 1618 a 1648, «tendo retardado vários séculos os progressos da Alemanha. No plano cultural, moral, tudo descera ao mais baixo nível; os monarcas protestantes e católicos, autênticas aves de rapina, pilhavam a terra semeando-a de ruínas» (F. Ewen).

Brecht inspirou-se para a sua peça em duas obras do escritor Hans Jakob Christian Grimmelshausen, os romances «Simplicissimus» e «A Vagabunda Coragem», publicados pouco depois da guerra.

5. Anna Fierling, a quem chamam Coragem, é uma vendedeira ambulante de coisas miúdas, mas que podem ser perigosas, como balas, e atravessa várias vezes os campos de batalha, com a sua carroça e os seus três filhos, de pais diferentes, Eilif, o Queijo-Suíço e Kattrin, que é muda. Ela vai perdendo ao longo da guerra os seus filhos, um morto em combate, outro fuzilado por ter feito o que sempre fizera na guerra; a filha, por querer avisar a mãe, e com ela a população, do perigo que corria. Quando a peça acaba, Mãe Coragem está só: fraca e envelhecida, puxa a sua carroça, a desfazer-se, partindo de novo atrás dos soldados.

A peça divide-se em 12 quadros cada um dos quais representa um degrau no conhecimento das personagens, das situações, da história.

6. A dramaturgia portuguesa da peça de Brecht é da responsabilidade de Vera San Payo Lemos que não se limitou a trabalhar no interior da obra: alterou as suas estruturas sem no entanto modificar o pensamento e o projecto do autor.

A criação de um narrador vai no sentido épico querido por Brecht e de que esta obra é um modelo, que se pode dizer, perfeito; substituindo outros elementos distanciadores utilizados pelo dramaturgo (legendas, por exemplo), o narrador desta versão clarifica para o público, que os desconhece, os meandros históricos por onde a peça passa. É interessante saber como a dramaturgista chegou a essa personagem de acordo com as suas palavras, no programa: pela leitura de documentos relacionados com a Guerra dos Trinta Anos, de peças isabelinas, das «Histórias de Almanaque» do próprio B.B., e em especial a história do soldado de La Ciotat em que B.B. conta como viu numa cidade francesa um soldado que permanecia de pé como se fosse uma estátua. Será esse soldado o narrador, o Cronista, saindo no início da sua própria estátua, estupendo trabalho de José Carlos Barros.

7. No espectáculo do Teatro Nacional/Novo Grupo o que começamos por ver/admirar é o espaço — um conjunto circular de projectores (elemento reconhecível) um pano branco, transparente, em forma de anel, que se levanta no início do espectáculo para voltar a descer no fim, num belo efeito plástico; a fechar o espaço, abrindo-se para outros espaços, uma parede metalizada que sobe e desce e apresenta várias aberturas de acordo com as necessidades da acção. Este dispositivo cénico é fechado por uma pesada parede de boca que cai lentamente e onde se inscreve o emblema da peça.

Portanto, vários espaços circulares como o itinerário de Mãe Coragem pela guerra, nela começando, nela continuando, nela, a peça acabando.

Nesse espaço alusivo, inscrevem-se os materiais que comunicam o teor da obra: em primeiro lugar a carroça, ao mesmo tempo objectiva e subjectiva, elemento real e simbólico do espectáculo; e ao longo da acção, os outros elementos, desde as armas às cadeiras, das tendas às casas em apontamento. Cada elemento propondo ao mesmo tempo a sua materialidade e a sua gestualidade, isto é, a sua dupla função no espectáculo como elemento cénico de carácter estético e de carácter social. Aqui cabe estabelecer a principal reserva ao trabalho de João Lourenço: intencionalmente ou não, a gestualidade dos elementos cénicos (fatos, objectos, etc.) é prejudicada pelo aspecto de novo que apresentam; só no final o carácter de degradação do material e das personagens surge bem sublinhado. Não deveria essa degradação ser mais gradual, partindo-se logo de início de uma fase de desgaste (estamos em guerra!)?

8. O espaço, os materiais que o definem histórica social e teatralmente: inscrevendo-se num, utilizando os outros, as personagens, de Coragem (Eunice Muñoz) ao mais despercebido dos soldados, surgem tratadas como elementos fundamentais que o são, na realidade global que o espectáculo é.

É aí que o outro lado da gestualidade e da distanciação brechtianas surgem espantosamente marcadas. Desde o acto de puxar a carroça (auxiliado pelo aparelho do palco) ao acto de correr, do mais pqueno gesto à fala, da marcação do olhar (admirável um olhar de Rui de Carvalho para a plateia, ilustração da ciência de representar), à marcação das personagens no espaço — este espectáculo é um regalo constante como tal, sem deixar de ser uma permanente lição sobre a história e as histórias dos homens.

9. Isto porque esta versão portuguesa de «Mãe Coragem», muito cuidada sob o ponto de vista da sua materialização em palco, é, como teria que ser, uma magnífica lição de representação, ou seja, do ofício do actor.

A maneira como João Lourenço e os intérpretes tornearam algumas dificuldades aparentemente insuperáveis (caso das canções dada a reconhecida incapacidade dos nossos actores nessa área) demonstram a seriedade e a qualidade deste trabalho que não nos envergonharia em qualquer palco do mundo.

E, no entanto, para atingir este apuro, esta aderência tão dúctil dos intérpretes às personagens e às situações, para as vestir com a pele da estranheza brechtiana, o encenador, em alguns casos, teve de partir quase do zero, embora dispusesse para isso de actores com talento e capacidade de trabalho, na maioria dos casos (é que era Brecht um auro desconhecido no T.N.).

10. Eunice é Mãe Coragem. Outras actrizes portuguesas mereciam a sorte de interpretar esta que é uma das mais tentadoras personagens do teatro do século XX. Eunice também a merecia. Sabia-mo-lo quando soubemos que fora ela a escolhida; confirmamo-lo quando vimos a sua criação. Porque é disso que se trata: de uma criação. Na realidade, Eunice ultrapassou as nossas expectativas. Tendo conseguido, certamente com o apoio de João Lourenço, eliminar alguns tiques de voz, de gestos que por vezes os seus trabalhos denunciam, a actriz criou a personagem de Brecht como se estivesse a nascer para o teatro, fazendo-o embora com uma grande aparelhagem técnica, e ao mesmo tempo atingisse o culminar, o ponto máximo da sua carreira. Por isso, Enice/Mãe Coragem surge-nos como se fosse uma nova actriz e a grande actriz que sempre foi. Esta interpretação, talvez a maior interpretação da sua carreira, é a demonstração de que o comediante pode progredir sempre, e só não progride quando não tem talento, não trabalha ou não dispõe de condições para isso. Ninguém discute o talento de Eunice, os resultados obtidos provam que trabalhou a sério e que dispôs de condições para que esse talentou e esse trabalho resultassem no que se pode ver no palco do Nacional: uma Mãe Coragem inolvidável.

11. Mas Eunice, é óbvio, não está só no palco; João Lourenço é um grande director de actores e de conjuntos, conseguindo de cada um a linha exacta de acordo com a personagem e de todos o sentido do colectivo, de equipa, que o texto exige.

Rui de Carvalho (Cozinheiro), Rogério Paulo (Capelão), Francisco Pestana (Eilif), Jorge Gonçalves (Queijo-Suiço) conferem às suas personagens a verdade que é a de cada uma: trata-se de uma verdade teatral tal como Brecht a impõe; mas são Irene Cruz (Kattrin) e São José Lapa (Yvette) quem participa mais fortemente do jogo esplêndido de Eunice Muñoz. A cena da morte de Kattrin foi resolvida de uma maneira admirável. Irene deixou cair uma baqueta com que batia no tambor que substitiu com o punho fechado tpornando a cena ainda mais forte; São José Lapa tem uma canção que é dos mais belos momentos do espectáculo.

Em personagens mais ou menos importantes, Orlando Costa Mário Pereira, Ruy de Matos, Barroso Lopes, Carlos Duarte, Manuel Cavaco, Madalena Braga, Igor Sampaio, António Anjos, Catarina Avelar, Nuno Franco, e outros, provam que todas as personagens são importantes. Carlos Daniel é um narrador como seria necessário. Só dois intérpretes nos pareceram menos certos e se os citamos é porque num conjunto tão notavelmente afinado qualquer discrepância se torna notada. Foi o caso de Carlos Fonseca (Capitão) e especialmente de Artur Mendonça (Soldado).

12. Tenha-se em conta o que é fundamental: 45 anos depois da sua estreia a peça de Brecht não se limita a manter a sua genialidade como obra de arte, como obra de comunicação, como obra política, tornou-se uma peça cuja energia cénica (é duma espantosa comicidade, duma espantosa teatralidade) e cujo poder dialéctico parecem incomparáveis. Mas o espectáculo português esteve à altura da responsabilidade de traduzir em termos teatrais essa energia e esse poder. Não apenas através dos intérpretes, como vimos, com eles, atrás deles, através da leitura dramatúrgica, através do trabalho criativo do encenador. Com eles, José Carlos Barros (cenógrafo), Lídia Lemos (figurinista), Olga Roriz (coreógrafa), Ildeberto Gama (aderecista) e os luminotécnicos (admirável a iluminação deste espectáculo), os sonoplastas, as costureiras, os outros técnicos. Mas também Pedro Osório na adaptação da música de Paul Dassau e nas suas próprias composições, bem como os músicos que o acompanha.

Recomendar este espectáculo? Seria uma ofensa para todos, a começar pelo crítico.

Acordo Ortográfico em debate

A Sociedade da Língua Portuguesa promove uma série de debates sobre o Acordo Ortográfico. Os debates terão lugar na sede da Sociedade da Língua Portuguesa (Rua de S. José, n.º 41, 2.º), às 18 horas 30m, na segunda-feira, dia 23, na quarta-feira, dia 25, e na sexta-feira, dia 27.

Foram dirigidos convites a escritores e professores universitários para participarem nos debates e as sessões são públicas.

1987: 10 dias em Junho

Carlos Porto

Ao atingir em 86 o seu nono ano, o Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica mudou, melhor, começou a mudar. Nove anos num festival de teatro realizado em Portugal (e no Porto) representam muitos anos de esforço e dedicação, muitos anos de triunfos mas também, necessariamente, alguns fracassos. Uns e outros conduziram os seus responsáveis a uma reflexão sobre o festival na sua globalidade e nas várias manifestações que o têm constituído, não apenas em relação a 86 mas também ao somatório dos que foram sendo feitos ao longo desses anos, reflexão não só daqueles que conceberam e deram vida a este festival, dos seus responsáveis, mas também daqueles que mais de perto e com mais constância o têm acompanhado, críticos, jornalistas, espectadores. Dessa reflexão nasceram algumas alterações, umas já concretizadas outras as concretizar.

A primeira mudança, já se sabe, foi a da data. Realizado desde 1978 em Novembro, o FITEI, que queria ser uma festa do teatro, era obrigado a refugiar-se em recintos fechados onde essa festa não acontece. Além disso, os artistas que chegavam de climas tropicais, em especial África e Brasil, queixavam-se da mudança brusca de clima com consequências que podiam ser perigosas. Ao contrário dos jogadores de futebol, os actores não dispõem de condições para se adaptar aos climas locais em que são obrigados a trabalhar.

Portanto, a mudança da data, para Maio, de 17 a 1 de Junho de 1986. Mudança provisória que levantou problemas por coincidir com a data de um outro festival internacional (a SITU/BUC) e que não deixou de explicar, embora em parte, uma certa retracção do público. Uma renovação como esta não podia deixar de ter consequências relativamente imprevisíveis.

Festival de transição, chamou um crítico ao FITEI/86. Foi-o de facto, agora já é possível confirmá-lo. Desta vez — é essa a primeira novidade — os organizadores do FITEI fixam uma outra data que tem a ver com o período festivo que o Porto vive em Junho: **4 a 14 de Junho,** o FITEI/87. Aí está, dupla novidade: em vez dos 15 dias de Novembro, já postos de parte, ou de Maio, deste ano, 10 dias em Junho. Essa a grande notícia. E que tendo passado de Novembro para Maio o FITEI não resolvera alguns problemas que os festivais anteriores tinham denunciado. Problemas de organização problemas de selecção dos espectáculos, problemas de rarefacção do público.

Organização semi-amadora, o FITEI padecia, e padece, de carências de estruturas e de quadros capazes de aguentar a complexidade da realização, em termos quantitativos e qualitativos, em termos financeiros e logísticos que o prolongamento da festa por duas semanas agravava. Preencher quinze dias de teatro com grupos nacionais e estrangeiros (de expressão ibérica) sem dispor de verbas que permitam o contrato das grandes companhias — eis o que se tornava praticamente impossível. Por isso o FITEI revelava curvas ascendentes e descendentes o que nem sempre permitia uma média suficiente. Por sua vez, os espectadores eram obrigados a um esforço financeiro muito grande e passada a euforia da novidade dos primeiros anos, fizeram-se mais difíceis e até desconfiados e por isso iam diminuindo. O público tinha alguma razão: um festival de teatro ou progride ou morre.

«Nós de um Segredo» pelo Bando

Foi possível verificar na ediçao deste ano que alguns desses probemas se mantinham. E isso que vamos ver.

(2)

Apresentaram-se no FITEI/86 dezanove grupos a saber: um grupo de El Salvador, sediado na Dinamarca; um grupo brasileiro, sediado em Madrid; um grupo da RFA; S. Tomé e Príncipe; Argentina; dois grupos de Espanha; um de Itália; da Bulgária; da Guiné-Bissau; de França; três grupos do Brasil; cinco de Portugal. Dos grupos portugueses, dois do Porto, um deles, o TEP, com dois espectáculos; um de Almada; de Lisboa; de Coimbra. Ao todo foram apresentados 21 espectáculos num total de trinta e oito sessões, além de diversas apresentações de rua. Foram utilizados seis espaços teatrais.

Uma primeira verificação a fazer é a da presença de um número anormal de grupos que não pertenciam à área do teatro de expressão ibérica: um grupo da RFA (dança); da Itália; da Bulgária; um espectáculo em francês; consideramos além disso que dificilmente poderemos incluir na área de expressão ibérica espectáculos de grupos africanos de raiz local, caso das danças e cantares de S. Tomé e Príncipe e da Guiné-Bissau. Foi esta uma crítica feita ao FITEI/86 que parece justa devendo o festival só a título excepcional e suficientemente justificado admitir a presença de um grupo proveniente de outras áreas.

Um outro aspecto a considerar é de ordem diversa e tem a ver com as opções de fundo do FITEI. Deve o festival procurar um nível de qualidade (sem por isso se transformar num festival de grandes máquinas teatrais que para isso não está vocacionado nem tem condições) ou deve aceitar a inclusão de espectáculos que o impeçam de atingir o nível médio a que se referia a crítica brasileira Carmelinda Guimarães?

No primeiro caso, o festival só deverá aceitar espectáculos que ofereçam determinados níveis de qualidade sem para isso se obrigar a desfazer-se do seu projecto inicial: o de criar um festival em que seja possível o confronto não só de estéticas diversas como de experiências resultantes de condições de trabalho insatisfatórias (caso de determinados grupos de teatro político da América Latina). Penso que o festival poderá manter um nível de qualidade razoável sem por isso se vir obrigado a dessolidariezar-se com esses grupos porque há espectáculos de cariz político, de intervenção, mesmo imediatistas, com qualidade.

Voltemos entretanto ao FITEI/86 para vermos o que se passou no que se refere à qualidade dos espectáculos apresentados e à aceitação que o público manifestou. Vamos deixar de parte os espectáculos que não pertenciam à área específica do FITEI, para atendermos ao que neste houve de específico.

Podemos traçar uma curva ascendente em relação ao interesse que o público manifestou com a apresentação do espectáculo do Bando «Nós de um Segredo» que, digamos, subverteu as regras convencionais em que o festival estava a decorrer. Se a interpretação de Mário Viegas de «Mário Gin-Tónico» (TEP) provocou os aplausos de espectadores e críticos; se os espectáculos «A Birra do Morto», de Vicente Sanches (TEP), e «O Corcunda por Amor», de Almeida Garrett (TEAR) eram já conhecidos no Porto e provocaram reacções mitigadas do público festivaleiro, já o espectáculo espanhol «Bajo el Signo de Cancer», texto de José Sanchiz Sinisterra, da Companhia Canária de Teatro, provocou alguma polémica o que é sempre saudável num festival de teatro. No entanto não foi ainda aí que o FITEI se mostrou capaz de suscitar as grandes emoções e sobretudo o público habitual, o que também não acontecera com «La Segura Mano de Dios», do grupo de El Salvador Sol del Rio, 32, espectáculo que merecia um aceno de compreensão e de apoio; como ainda não foi com «Delincuentes Comunes» do grupo argentino do mesmo nome nem com «A Chamada de Lauren», do grupo brasileiro Teatro Balada, espectáculos ambos algo atrasados no tempo. Dividiram esses espectáculos algumas opiniões que talvez não merecessem esses entusiasmos, pró e contra, já que um e outro, a meu ver, ficavam aquém do que um espectador do FITEI deve exigir, embora não

Continua na pag. 24

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faço saber que por este Tribunal correm éditos de trinta dias que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando Réu ALBERTO MENDES BARATA, solteiro, maior, torneiro de metais, ausente em parte incerta e com a última morada conhecida no Beco do Alegrete, n.º 10 - r/c, em Lisboa, para no prazo de dez dias, findos que sejam os dos éditos, contestar querendo, a Acção Sumária que pela 2.ª Secção do 4.º Juízo Cível desta Comarca de Lisboa, registada sob o n.º 1389, lhe move a Autora – Companhia de Seguros Império, E.P., com sede na Rua Garrett, n.º 56, em Lisboa, pelos fundamentos constantes da petição inicial cujo duplicado se encontra à sua disposição na Secretaria, sob pena de não o fazendo ser condenado no pedido, que consiste no pagamento àquela Autora, da quantia de 88 375$00 (oitenta e oito mil trezentos e setenta e cinco escudos) proveniente de prémios em dívida referentes a três contratos de seguro do ramo «Automóvel» entre ambos celebrado.

Lisboa, 30 de Maio de 1986.

O JUIZ DE DIREITO,
a) Fernando José Matos Pinto Monteiro
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) João Albano Perfeito Macias

DL-21/6/86 – 2.ª Pub.

BARIEDADES
O OUTRO PARQUE MAYER
Dia 26 de Junho
CARLOS DO CARMO
CAFÉ CONCERTO
ABERTO
A PARTIR DAS 18 H
MAIORES DE 18 ANOS
TEL. 325163

COMPANHIA Tel. 2752175
TEATRO DE ALMADA
GEORGE DANDIN
de MOLIÈRE
de 12 a 22 Junho
21,30 - 5ª e 6ª
16 - sáb. e dom.
Sub SEC/CMA
encenação
JOAQUIM BENITE
cenário
EGAS JOSE VIEIRA
com
ADELAIDE JOÃO | ANTONIO ASSUNCÃO | CANTO E CASTRO
CARLOS GONÇALVES | EMA PAUL | LUIS VICENTE
TERESA ESTEVES | VITOR GONÇALVES

Teatro Nacional de S. Carlos
Orquestra
CONCURSO DE ADMISSÃO
PARA LUGARES
DE INSTRUMENTISTAS DE:
VIOLA (tutti)
CONTRABAIXO (tutti)
TROMPA (Solista B)
TROMBONE (Solista A)

Os candidatos devem efectuar a sua inscrição na Secretaria da Orquestra, onde os respectivos programas e demais condições estão patentes, até 30 de Julho/86.
As provas realizar-se-ão nos dias 3 e 4 de Setembro/86, em local a designar.

NOTA: A eventual admissão na Orquestra só se fará em regime de exclusividade.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

"A Experiência de Filadélfia"

de Stewart Raffill

Jorge Leitão Ramos

As viagens no tempo são um velho tema do cinema. Ei-lo que volta com A experiência de Filadélfia **um filme sem pretensões que se vê como entretenimento despreconceituado.**

Transportados de 1943 para os nossos dias, mercê da conjugação energética de duas experiências — a quarenta anos de distância — que criam um «buraco» no tempo, dois marinheiros americanos encontram-se, de súbito na década de 80 sem perceberem como nem porquê.

Todo o filme vive dessa ignorância (que partilhamos com os protagonistas e só será desvendada no termo da fita) e do efeito de estranheza do real que conhecemos. A curiosidade de **A experiência de Filadélfia** está aí.

Não é difícil provocar a estranheza com o futuro (basta um mínimo de visionarismo cenográfico), nem com o passado (é suficiente provocar dessincronias entre a realidade dos personagens e aquela que encontram) mas é menos simples provocar esse efeito a partir da realidade que é a nossa (estranha para os personagens mas não para o espectador que a reconhece). Trata-se então de fazer o quê? Manipular essa realidade para a fazer figurar o futuro, como Godard genialmente empreendeu em **Alphaville?** Não, uma vez que a realidade do filme não pretende ser outra coisa senão ela própria. A estranheza de **A experiência de Filadélfia** nasce então de um voluntário movimento de empatia do espectador para com o personagem. Com ele (como ele) o espectador como que sobre-olha em torno, descobrindo que não há realidades apaziguadoras, que toda a estranheza é uma questão de ponto de vista.

Que Raffill tenha conseguido erguer este clima, eis o que aponta para um certo domínio dos meios e da linguagem do cinema. Que pouco mais tenha feito que isso, eis o que indicia que, apesar disso, não é vasto o mérito do filme. Veja-se, por exemplo, os actores, pouco mais que presenças (nenhuma espessura têm os personagens, reduzidos a uma estrita função ficcional, sem nuances), o ritmo do filme, assaz desigual, o estreito fôlego, a câmara insegura...

FICHA:
Título original: The Philadelphia experiment.
Realização: Stewart Rafill. (EUA-1984).
Argumento: William Gray e Michael Janover, segundo história de Wallace Bennett, John Carpenter e Michael Janover.
Fotografia: Dick Bush.
Cenários: Chris Campbell **(art director),** Diane Campbell **(set decorator).**
Montagem: Neil Travis.
Produção executiva: John Carpenter.
Interpretação: Michael Paré **(David),** Nancy Allen **(Allison),** Eric Christmas **(Longstreet),** Bobby Di Cicco **(Jim),** Kene Holliday **(Clark), etc.**
Distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes.
Cinemas: Las Vegas e Londres.
Classificação: Para maiores de 12 anos.
Duração: 102 minutos.

1987: 10 dias em Junho

deixasse de haver algum público que os aplaudiu com sinceridade.

Um outro grupo português, a Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide, que conta no Porto com muitos admiradores, mostrou um espectáculo decepcionante tanto sob o ponto de vista de criação como de apuro final.

Desse modo voltamos ao Bando que conquistou o público do FITEI. E fê-lo graças à maneira, inteligente e criativa, como solucionou o problema de não dispor de um espaço apropriado, criando esse espaço na própria comunidade do local em que trabalhou, mas graças também à força e qualidade do espectáculo e dos seus intérpretes.

Em boa verdade a curva ascendente referente à qualidade e à sedução do público a que me referi não teve apenas o Bando como protagonista mas também o grupo brasileiro Imbuaça com um espectáculo também ele baseado em textos tradicionais, «Teatro Chamado de Cordel». Nos espectáculos apresentados num recinto impróprio (o Pavilhão dos Desportos) e na rua o grupo de Sergipe foi o primeiro grande sinal de um festival até então insuficientemente comunicativo e inovador.

A propósito do Pavilhão dos Desportos não quero deixar de manifestar o meu espanto ao descobrir naquele recinto, que tantas saudades nos deixa do destruído Palácio de Cristal, ao descobrir a uma hora adequada uma luminosidade natural que transforma a sua cúpula em qualquer coisa de muito belo. É algo que não deve ser conhecido e que merecia sê-lo.

Quando surgem, portanto, os dois espectáculos que vão dar o sinal mais ao FITEI este está praticamente na metade do percurso. Concordemos que é muito, mesmo tendo em conta a qualidade de alguns espectáculos anteriores, caso, sobretudo, da dança alemã, das andas italianas, de Mário Viegas.

A partir da apresentação do grupo de Sergipe e do Bando o FITEI transforma-se e especialmente graças ao interesse manifestado finalmente pelo público, e à qualidade, de que aquele decorre, de alguns espectáculos. Mas também aqui as coisas não foram pacíficas.

Isto porque dos sete espectáculos que ainda iam ser apresentados (ou seja apenas um terço do festival), só três na verdade possuíam condições para transformar o FITEI no grande festival que pode ser.

Enquanto «Medeia» (que pessoalmente me interessou embora reconheça que se tratou de uma presença exógena ao festival) naturalmente não funcionou, os dois espectáculos da C.ª de Lídia Martinez valiam na medida em que constituiam uma tentativa de procura de sinais teatrais para a poesia de Fernando Pessoa, e por isso, e pelo seu carácter experimental, embora modesto, se justificavam. Por sua vez, o espectáculo da Guiné-Bissau pareceu-me demasiado incipiente, (concebido que fora para um outro tipo de apresentação). Incipiência, excessiva e pouco aceitável, foi a do CITAC com «O Crime na Catedral», de T.S. Eliot, cuja deslocação do espaço de Clara-a-Velha para os Claustros do Mosteiro da Serra do Pilar destruíu as poucas virtualidades que, talvez ilusoriamente, lhe tinha descoberto em Coimbra. No entanto trata-se de um belo espaço a merecer aproveitamento em festivais futuros.

À margem valerá a pena fazer aqui eco das manifestações de admiração de brasileiros e portugueses perante o maravilhoso panorama do Porto visto da Serra do Pilar quando o céu conserva ainda os últimos vestígios do sol-poente. De facto um momento mágico com que todos vibrámos (um festival também vive disto).

Veremos para a próxima vez como três espectáculos transformaram a ponta final do FITEI/86.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
Lisboa - 11.° Juízo Cível

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução SUMÁRIA n.° 4963, 2.ª secção.

Exequentes — SOCIEDADE PORTUGUESA DE AR LÍQUIDO (ARLÍQUIDO), SARL.

Executado — STEGAGA - SOCIEDADE DE TEC. ELECT., GAMEIRO E GAMEIRO, LDA., com sede na Estrada da Batalha, Cova da Iria, Fátima.

Lisboa, 6 de Junho de 1986.

O JUIZ DE DIREITO,
a) Rogério da Silva e Sousa
A ESCRIVÃ ADJUNTA,
Cecília Pereira Ferreira

DL-21/6/86 – 2.ª Pub.

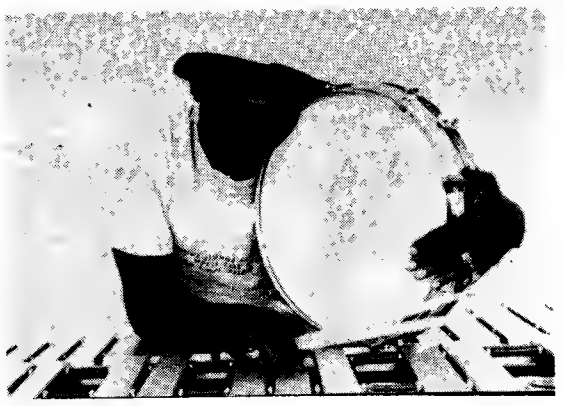
CALAMITY JANE
Uma Mulher de Armas
ou
O Monólogo da Vaqueira

MARIA DO CÉU GUERRA
música
António Cardoso
direcção
Helder Costa

De 3.ª a Sáb., às 21.30 h
Sáb. e Domingos,
também às 16 horas
A BARRACA
Rua Alexandre Herculano, 70 — 1200 Lisboa
RESERVAS - TEL. 686300

Este esp. não é subsidiado pela SEC

ROTEIRO CULTURAL



Luigi Waites, este fim-de-semana no Hot Clube de Portugal

Música

• Depois de um encerramento de cinco semanas, o **Hot Clube de Portugal** voltou a abrir e apresenta este fim-de-semana, em espectáculos às 22.30 e 0.30 horas um quarteto constituído por Laurent Filipe (português), no trompete; Ricardo Paulino (brasileiro), no piano; David Gausden (americano) na bateria e «Luigi» Waites (americano), também na bateria.

É de salientar que Luigi Waites é um veterano baterista, pilar do jazz no centro dos E.U.A. Um veterano no verdadeiro sentido da palavra, teve ainda na sua juventude oportunidade de tocar com os grandes músicos do tempo das Big Bands, de acompanhar vedetas como Ella Fitzgerald, Sarah Vaughn e tantos outros. É no entanto um músico contemporâneo, envolvido com os mais recentes desenvolvimentos da música de jazz. Por exemplo, o baterista Victor Lewis, que acompanhará Carla Bley no Coliseu, dia 30, foi seu aluno.

LUIGI WAITES, permanecerá no nosso país e em Espanha, cerca de dois meses, integrando-se no Trio do guitarrista Tommy Halferty (que será também residente em Portugal durante um mês) e na Orquestra do HCP que na Gulbenkian, em Julho, acompanhará a Companhia de Dança de Lisboa.

Teatro

• Dois gigantes, que até são actores, **Nuno Mello e Carlos Lamego,** resolveram juntar-se a um anão, que até é encenador e actor, para apresentarem o espectáculo para todos, intitulado «Espelho». Do pequeno ao grande que ninguém falte: se é vaidoso venha ver-se, se é tímido venha espreitar-se, se é seja o que for vá à Comuna todos os sábados e domingos às 17h 30m.

• O espectáculo «**A Mulher que Matou os Peixes**» encontra-se no seu último mês de representação, na sala Manuela Porto do Teatro do Bairro Alto, aos sábados pelas 16 horas e aos domingos às 21.30. Trata-se de um espectáculo da Cooperativa Sete Ofícios e tem encenação de José Caldas, interpretação de Margarida Carpinteiro, António Fonseca e Manuel Lourenço. A música é ao vivo e a iluminação de José Eduardo Páris.

• O Grupo de Teatro Maizum tem em cena, na Rua dos Poiais de São Bento, 75, aos sábados e domingos pelas 16.30 horas a peça de Javier Villafañe «**A Rua dos Fantasmas**». E este fim-de-semana, ao espectáculo, junta-se uma exposição de aguarelas do pintor popular José Paz Duarte, intitulada «15 aguarelas do meu Bairro».

Cinema

• A Comissão Cultural da Caixa Económica Operária realiza hoje, pelas 15 horas na sua sede (R. da Voz do Operário, 64) uma sessão de cinema, destinada a adultos e crianças, com a exibição de **três filmes de Charles Chaplin.**

Esta realização coincide com a inauguração da **exposição dos trabalhos das crianças que frequentaram o Atelier de Pintura e Modelagem,** sob a orientação de António Pestana, que a Comissão Cultural da Caixa Económica Operária levou a efeito entre Dezembro de 85 e Junho de 86. A exposição manter-se-á patente ao público até **6 de Julho** dentro do seguinte horário: de 2.ª a 6.ª, das 17 às 19 horas; de 4.ª a 6.ª, das 21 às 23; aos sábados e domingos das 15 às 17 horas.

Exposições

• Até 23 de Junho, está patente na Biblioteca Municipal do Barreiro uma exposição sobre o **Cometa Halley,** que inclui recortes da Imprensa do período de 1910 a 1986. Se se interessa por estas coisas de astronomia, e tem interesse em tomar contacto com o Cometa Halley, que só é visível de 76 em 76 anos, visite esta exposição. O departamento cultural da CMB a par desta exposição editou uma brochura alusiva ao ano do Cometa Halley.

DL CINEMAS

Uma cena do filme «Nova Iorque fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização/Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
13.30, 16.15, 18.45, 21.30 e 00.15 h

Alfa Club
T. 763319

O JUSTICEIRO DE NOVA YORK
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Apolo 70

OS SETE MAGNÍFICOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930

GANDHI
(maiores 12 anos)
14.45, 18.15 e 21.45 h

Avis
— T. 547163

A HISTÓRIA DE JOANA
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00 e 21.30 h
Contém cenas chocantes

Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio
— T. 372358

RAPARIGA PARA CASAL PRECISA-SE
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

O CAÇA POLÍCIAS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cineboloo
— T. 556824

REGRESSO DA SELVA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
Não há sessões das 24 horas até ao final do México

Cine Camões
T. 324194

MISTÉRIO DE UM CRIME
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cinemateca

O ÚLTIMO ADEUS/1970
21.30 h

Cine 222
— T. 579460

LAGOA AZUL
(não acons. menores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha

IMPACTO MORTAL
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00 e 21.45 h

Estúdio Shezu

OLHOS INDISCRETOS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.15 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

ESPIÕES COMO NÓS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

OS SETE MAGNÍFICOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134

1941 — ANO LOUCO EM HOLLYWOOD
(maiores 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255

ENCONTRO COM O AMOR
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

OS GANSOS SELVAGENS CONTRA ATACAM
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037

MUNDIAL/86
Recordando Mundial 66
21.30 h

Gemini
— T. 734009

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1

TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

A ÚLTIMA REPORTAGEM
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30, e 24 h

Imperio
— T. 555134

FIRE FOX
(interdito menores 13 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

A EXPERIÊNCIA DE FILADÉLFIA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

A EXPERIÊNCIA EM FILADÉLFIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. menores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362

ENCERRADO PARA FÉRIAS
Até 1 de Julho (inclusivé)

Odeon
— T. 326283

COELHINHAS NA CAMA
(int. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

AS VIAJANTES SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

O GUERREIRO DO MUNDO PERDIDO
(maiores 12 anos)
14.00 e 21.00 h

Politeama
T. 326305

LOUCURAS AMERICANAS
(int. men. 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

O CASAMENTO DE MARIA BRAUN
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h
O RIO
(maiores 16 anos)
00.45 h

Sala 2

«PSICO»
(maiores 17 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h
A VIDA DE BRIAN
(maiores 16 anos)
00.45 h

Sala 3

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h
O EXORCISTA I
(maiores 16 anos)
00.45 h

Sala 4

OS MARGINAIS
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h
ATALHOS
(maiores 16 anos)
00.45 h

N'Gola
— T. 573407

ENCERRADO PARA OBRAS

Restelo
T. 610375

ENCERRADO

Cinema Rex
— T. 864756

UM DIA INESQUECÍVEL
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192

A FÚRIA DO HERÓI
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

A TURMA DOS TARADOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

VIVER E MORRER EM LOS ANGELES
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

007 – OPERAÇÃO RELÂMPAGO
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715

O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

TOP SECRET
(maiores 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.45 h

Xenon
T. 368480

VAMPIROS EM FÚRIA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

LUTANDO PELA JUSTIÇA
(filme indiano)
(m/13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «Um americano em Berlim», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cinestudio — «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Comando», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos). «Jovens Sedutoras», às 24 horas (maiores [illegible])
Babilónia, [illegible] às 16.30, 19.00, 21.[illegible] e 23.45 h (maiores 13 anos)
MEM MARTINS — Cineteatro Chaby — «Desaparecido em combate», às 21.30 h (maiores 16 anos)
Estúdio Dois Eme — «A Máscara», às 15.00, 18.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — «Era uma vez na América», às 18.15 e 21.15 (maiores 16 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «O Justiceiro de Nova York», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «A última reportagem», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «O Justiceiro de Nova York», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CASCAIS – Miramar/Sala 1 — «Três homens e um berço», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Experiência de Filadélfia», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS – Atlântida Cine — «A Jóia do Nilo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Oxford — «África Minha», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 16 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «A mulher de vermelho», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (não acons. men. 18 anos)
ALMADA — Incrível — «Os bandidos do Texas», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ALMADA — Cinestúdio Almada — «Loucas aventuras de amor e sexo», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano – Sala 1 – «O enigma da pirâmide», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 12 anos).
Sala 2 – «O Último Dragão», às 16 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CRUZ DE PAU – Lord – «Os tarados do rio Louco», às 16.00, 18.30 e 21.00 h (maiores 12 anos)
BARREIRO – Cinestúdio Barreirense – «Desaparecido em Combate», às 21.15 h (maiores 16 anos)
FORTE DA CASA – Focacine – Encerrado para férias
LINDA-A-VELHA – Cinetropical — «Sol aos quadradinhos», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)
MOSCAVIDE – Stop – Encerrado para férias
ODIVELAS – Cineodivel — «América violenta», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CINEOCEANO – «Três homens e um berço», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim — «Os especialistas», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12

Farmácias

PERMANENTES

AREEIRO — Garantia — Av. Padre Manuel Nobrega 5 AB (Tel. 887300); **GRAÇA — MOURÃO — Lg. da Graça 63 (Tel. 860700); JARDIM DOS ANJOS — Confiança** — Av. Almirante Reis 46 A (Tel. 821653); **JARDIM ZOOLÓGICO — Alegria** — Est. Benfica 180 AB (Tel. 780511); **LUMIAR — Douro** — Alam. Linhas Torres 93 AB (Tel. 791131); **OLIVAIS SUL — Marta** — Rua Cidade Nampula - ED.Paris,LT 534 (Tel.333696); **Pc. ALEGRIA — Brites Moita** Pc. Alegria 33-34; **PICHELEIRA — Marluz** — Cc. Picheleira 140 BC (Tel. 880703); Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **POÇO NEGROS — Valentim** — Rua Poço Negros 88-90 (Tel. 601453); **SALDANHA — Dalva** — Av. Duque D' Avila 125 (Tel. 545225); **CALVÁRIO — Monge** — Rua Lusíadas 30-32 (Tel. 636704); **XABREGAS — Salter** — Rua Xabregas 63-65 (Tel. 381185); **BRANDOA-AMADORA — Brito** — Rua do Colégio Lote 32-B (Tel. 993351); **ODIVELAS — Monserrate** — Rua Guilherme Gomes Fernandes 31 A (Tel. 9811139); **PONTINHA — Pimentel** — Az. dos Bezouros LT. R 8 (Tel. 991328);

AMANHÃ PERMANENTE

ALCÂNTARA — Vieira Rosa — Rua Prior Crato 72 (Tel. 660187); **AREEIRO — Vera Cruz** — Pc. Afrânio Peixoto 2 B (Tel. 884941); **BENFICA-ESTAÇÃO-URUGUAI — Santa Cruz** — Av. Gomes Pereira 34 B (Tel. 704828); **CAMÕES — Sanitas** — Pc. Luís Camões 22-24 (Tel. 322798); **CAMPO GRANDE — Nova Iorque** — Av. Estados Unidos América 140 B (Tel. 760658); CAMPOLIDE — Oliveira — Rua de Camp[illegible]4 A (Tel. 684424); **ENCARNAÇÃO — Ascenso** — Pc. do Norte 11 A (Tel. 311210 **ESTEFÂNIA — Estefânia** — [illegible]a Pascoal Melo 90 (Tel. 544438); **GOMES FREIRE — Salutar** — Rua Conde Redondo 9 B (Tel. 533411); **GRAÇA — Monte** — Rua Senhora do Monte 30 A B (Tel. 867842); **LUMIAR — São Tomé** — Est. do Desvio Lote 12 C (Tel. 790704); **SÃO SEBASTIÃO — Novais** — Av. Luís Bívar 11-13 (Tel. 544324); **ALTO ALGÉS — H. Amaral** — Rua Sofia de Carvalho Lote 146 A (Tel. 2104556); **BRANDOA-AMADORA — Correia** — Urb. Alfornel Cel. G-Lt. 137 Loja B (Poente) (Tel. 990122); **MINA-AMADORA — Amadora** — Pct. 25 Abril 3 A (Tel. 4935518); **ODIVELAS-PATAMEIRAS — Amaral** — Rua Antero Quental 8-8 A (Tel. 9825455); **PONTINHA — Leitão Ribeiro** — Rua A do Falcão 3 A (Tel. 993912); **SACAVÉM — Lourenço** — Rua Almirante Reis 31 (Tel. 2518151).

LINHA DE SINTR

AMADORA — Solla — Loja D. Lote 65 (Telef. 900 724) Perm.: **Nunes** — Est. Serra Mira - Falagueira (Telef. 4937543) Até às 22 h.; **Soares Correia** — Est. Águas Livres — Carenque (Telef. 965517) Até às 22 h.; **DAMAIA — Damaia** — P. Alexandre Gusmão, 9 (Telef. 970523) Até às 22 h.; **QUELUZ — Correia** — L. do Mercado, 3 (Telef. 950905) Até às 22 h.; **Camarate — Flores** — Av. Forças Armadas, V. Mor - Catujal (Telef. 2510850) Até às 19 h.; **CACÉM — Silva Duarte** — R. Elias Garcia, 167 (Telef. 9248120) Perm.; **ALGUEIRÃO — Rodrigues Rato** — R. Morés, 1 (Telef. 9212038) Perm.; **MERCÊS — Claro Russo** — R. Abade Faria, 2-A (Telef. 9215275) Até às 22 horas; **RIO DE MOURO - RINCHOA — Araújo** — calç. Rinchoa, 2 (Telef. 9260404) Até às 22 h; **SINTRA — Teresa Garcia** — L. D. Afonso Albuquerque, 3-A (Telef. 9232747) Perm.; **COLARES — Abreja** — (Telef. 9290008).

OUTRAS FARMÁCIAS:

MOSCAVIDE — Pedro Gomes — B.º 25 de Abril, Lote 13 (Telef. 2519670) Perm. **LOURES — Sálvia** — Av. República, 29 (Telef. 9831240) Perm.

OUTRA BANDA:

ALMADA — Reis — R. Comandante António Feio, 19 (Telef. 2750504) Perm.; **COVA DA PIEDADE — Morgado** — R. Cabo Boa Esperança, 25-A (Telef. 276356) Perm. **MONTE CAPARICA — Nova** — R. Trabalhadores Rurais, 82 (Telef. 2954436) Até às 19 h.; **COSTA DA CAPARICA — Chai** — Av. general Humberto Delgado (Telef. 2403218) Até às 19 h.; **LARANJEIRO — Baptista Marques** — R. Boa Vontade, 17-B (Telef. 2298572) Até às 22 h.; **SESIMBRA — Leão** — Av. Liberdade, 13 (Telef. 223471) Até às 19 h.; **LAVRADIO — J. Consolado** — Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (Telef. 2043126) Até às 19 h.; **BARREIRO — Normal** — Av. Alfredo Silva, 116 (Telef. 2073035) Perm.; **BAIXA BANHEIRA — Aliança** — Est. Nacionnl, 178-B (Telef. 204032) Até às 19 h.; **CORROIOS — Lino** — Alfarim - Sesimbra (Telef. 2232841) Até às 19 h.; **AMORA — Nova Amorense** — E.N. 10 - Bloco A - Loja A Paivas (Telef. 2216824) Até às 22 h.; **ALDEIA PAIO PIRES — Central** — Est. Nacional, 9-A (Telef. 2210365) Até às 22 h.; **MONTIJO — União Mutualista** — R. Almirante Reis, 93 (Telef. 2310035) Até às 22 h.; **MOITA — Silva Rocha** — P. República, 16 (Telef. 239029) Até às 19 h.; **ALHOS VEDROS — Gusmão** — R. Cândido Reis, 30 (Telef. 2040020) Até às 19 h.; **ALCOCHETE — Gameiro** — L. António Santos Jorge, 15 (Telef. 234100) Até às 19 h.; **SETÚBAL — Oliveira** — R. Misericórdia, 10 (Telef. 22488) Perm.; **Portugal** - R. Camilo Castelo Branco, 134 (Telef. 23211) Perm; **Mira** — P. Jorge Af. (Telef. 20427) Até às 22 h.

LINHAS DE CASCAIS:

ALGÉS — Dias & Saraiva — Av. Afonso Pala, 17 (Telef. 2114487) Perm.: **LINDA-A-VELHA — Pinto** — R. Antero Quental, 9 (Telef. 4190610) Até às 19 h.; **CARCAVELOS — Central** — R. 5 Outubro, 25 (Telef. 2470037) Perm.; **OEIRAS — Mourão Vaz** — Av. Moçambique, 17-C (Telef. 2437196) Até às 22 h.; **NOVAS OEIRAS — Leal** — Quinta da Palmeira. Lote 24 (Telef. 2478737) Até às 22 h.; **PAREDE** — Grincho — Av. República, 87-A (Telef. 2471204) Perm.; **CASCAIS — Cordeiro** — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170) Perm.

ENFERMAGEM PARTICULAR
CENTRAL DA ESTEFÂNIA
R. DE D. ESTEFÂNIA, 149
TELEFS. 53 20 47 - 52 29 98
LISBOA

- **SERVIÇOS DE ENFERMAGEM E ALUGUER DE MATERIAL**
- **ACORDOS COM OS CTT, ETC.**
- **1/4 SÉCULO AO SERVIÇO DA SAÚDE**
- **ENFERMAGEM PERMANENTE**

TEATROS

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**A SONATA DOS ESPECTROS**», de Strindberg. Pelo Teatro da Cornucópia
Encenação de Luís Miguel Cintra. Interpretação de Ruy Furtado, Diogo Dória, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves e Madalena Pinto Leite, entre outros.

Teatro do Século

5.ª, 6.ª e domingo às 18.30; sábados às 21.30

«**VIAGEM PARA A FELICIDADE**», **de Franz Xaver Kroepv. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretado por Lucinda Loureiro.**

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 372246 Sala Garrett

De 3.ª a sáb. às 21.30; dom. às 16.00
«**MÃE CORAGEM E OS SEUS FILHOS**», de Bertold Brecht. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Encenação de João Lourenço. Interpretado por: Eunice Muñoz, Irene Cruz, Rui de Carvalho, Rogésio Paulo, Francisco Pestana, São José Lapa, Carlos Daniel, entre outros.

Rex

R. da Palma, 253 — Tel. 864756
2.ª a 6.feira às 21.45
Sábados e Domiongos às 21.45 e às 16.00

«**A SEVERA**» de Júlio Dantas. Interpretado por Cândida Vieira, Virgílio Castelo, Pedro Pinheiro, António Machado, Armindo Taveira, Rui Anjos, Ana de Sá, Reis Jorge, Rui Filipe, Henrique José e Edgar Sotto.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 (Tel. 686300)
De 3.ª a sáb., às 21.30. Sáb. dom. às 16.00

«**CLAMITY JANE**» uma mulher de armas ou o Monólogo da Vaqueira. Dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretada por Maria do Céu Guerra.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A Tel. 538586
(De terça a domingo, às 21.45; domingos, também às 16.00)
POUCO BARULHO!, de Michael Frayn. Enc.: Varela Silva. Int.: Henrique Santos, Isabel Mota, Jorge Nery, Manuela Maria, Morais e Castro, Natália de Sousa, Nicolau Breyner, Rosa do Canto e Vítor de Sousa.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00
«**AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA**», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66
Sábados e domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkvn. Intérpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Instituto Franco-português

Av. Luís Bivar, 91 (Telef. 544574)
De 3.ª a sáb., às 21.00. Sáb. e domg., às 16.30

«**O HERDEIRO DA ALDEIA**» de Marívaux, pelo Teatro da Rainha. Enc. de Fernando Mora Ramos. Interpretado por José Eduardo, Rosário Konzaga, Vítor Santos, Isabel Muñoz, entre outros.

Cooperativa da Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64-2.º — Tel. 87 56 10
5.ª, 6.ª e sábado, às 22.00

«**O MEU CORPO TEM AS MESMAS IDEIAS QUE EU**», de António Rodrigues. Encenação e interpretação pela Companhia do Teatro Amador da Caixa Económica Operária.

Almada — Acad Almadense

R. Capitão Leitão, 64 (Tel. 2752175)
5.ª e 6.ª, às 21.30. Sáb, dom., às 16.00

«**GEORGE DANDIM**» de Moliére, pelo Grupo de Campolide. Encenação de Joaquim Benite. Interpretado por Adelaide João, António Assunção, Canto e Castro, Carlos Gonçalves, Ema Paul, entre outros.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 16.00

«**VOLPONE**», de Ben Jonson. Pelo Novo Grupo. Direcção e encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular
— Tel. 76 86 90
Teatro Estúdio de Lisboa
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CESÁRIO QUÊ?**». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Interpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, José Bras, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Teatro Oficina
R. S. Mamede (ao Caldas), 19
Sexta, sábado, doming. e seg., às 21.30

«**COMANDO PARA A MORTE**» de Alfonso Sastre, com prólogo de Fernando Dacosta. Encenação de João Barros.

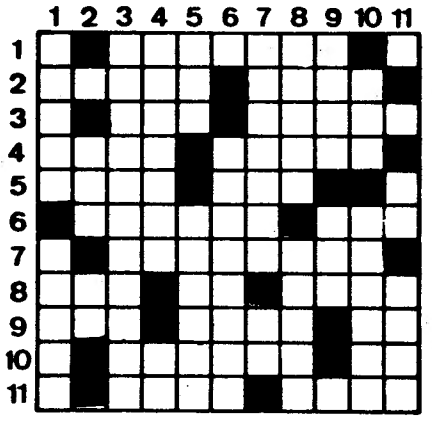
Comuna

P. de Espanha —Tel. 726 08 18
De 3.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 17.00

«**CALÍGULA**», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 759



HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Doutrina. Tempo doverbo ser.
2 Explodira. Palmeira da Amazónia.
3 Rente. Vestígio.
4 Folga. Cidade da Turquia.
5 Acrescentar. Sufixo que designa pequenez.
6 Artigo definido (ant). Fileira. Calote.
7 Decentes.
8 Artéria. Despido (inv). Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica.
9 Rio da Suíça. Erguer. Nesse lugar.
10 Encosta. Caminhar.
11 A Tailândia. Juízo.

VERTICAIS:

1 Previne Baixela.
2 Artigo definido. Composição poética. O mesmo que uma (ant e pop).
3 Dividiras.
4 Limpar metais. Zomba.
5 Pêlos de certos animais. Consentira.
6 Segredo.
7 Saudações. Antes do meio-dia.
8 Fúria. Pancadas.
9 Cidade da Úmbria. Cabelos brancos.
10 Colina na Suécia. Queimais.
11 Tempo do verbo ser. O sono das crianças. Metal precioso de cor amarela.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 758**

HORIZONTAIS:

1 A. PALAVRAS.
2 Uva. Anoirá.
3 Limasses. Lê.
4 Ali. Moral.
5 Arpão. Ti.
6 Ló. Arruas.
7 Criem. Cão.
8 Aral. Tatu.
9 Cate. Há.
10 Amaciaria.
11 Seroas. Umas.

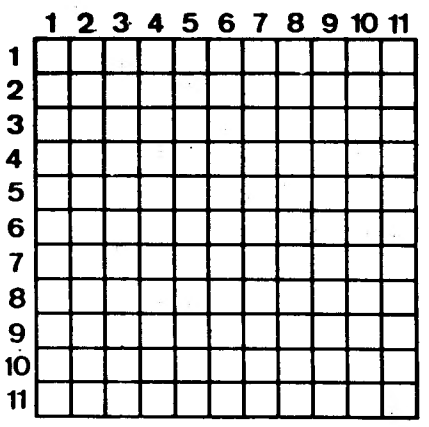
VERTICAIS:

1 Aula. LOUCAS.
2 Vilão. Ame.
3 Pamir. Catar.
4 Parreco.
5 Lascaria. Ia.
6 Ans. Orelhas.
7 Voem. Um. Ar.
8 Risota. Iu.
9 Ar. Riscaram.
10 Salá. At.
11 El. MOUCAS.

PROVÉRBIO:

A PALAVRAS LOUCAS, ORELHAS MOUCAS.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 598



HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho de Vila do Bispo.
2 Antiga cidade da Dalmácia. Espécie de gato-bravo.
3 Pompa. Sombrios.
4 Larva das feridas dos animais. Vara de porcos. (prov.)
5 A moral. Deusa dos mares também chamada Leucótea.
6 Refenrente ao nariz. Aqui.
7 Grego. Sinal (ant). Figura que simboliza o povo americano.
8 Prefixo que designa ar. Sentia prazer.
9 Pescador na ex-India Portuguesa (ant). Suco narcótico extraido de algumas papoilas.
10 Estado de espírito. Filtram.
11 Separarias de outro.

VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho de Santo Tirso. Nota musical.
2 Separaremos.
3 Esfolais. Invulgar.
4 Peso turco, cerca de um quilo. Cabelos brancos. Óxido de cálcio.
5 Nota musical. Imperador romano.
6 Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel. Hora canónica correspondente às quinze horas.
7 Heróicos.
8 Espécie de serpente. Covil.
9 Espécie de andorinha. Batráquios anuros.
10 Grande quantidade. Aldeia de Itália.
11 Emparelham. Fundador do Islamismo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 597**

HORIZONTAIS:

1 Duende. CC.
2 Oja. Assoara.
3 Compadres.
4 Ocai. Ar.
5 Asas. Uai!
6 Escriba.
7 Coe. Li.
8 Rua. Novelos.
9 Soo. Aru.
10 Ru. Assoma.
11 Urraca. Osas.

VERTICAIS:

1 Domo. Cururu.
2 Ju. Ur.
3 Eaco. Ecas.
4 Ocaso. Ova.
5 Damasceno.
6 Espiar. Aa.
7 Sa. Silvas.
8 Roda. Bié. Só.
9 Arrua. Laos.
10 Crê. Forma.
11 Cassia. Suas.

Radio

ANTENA UM

15.30: «Vivosábado»; **19.00:** «Informação e música»; **20.00;** «Som de sábado», — Sílvia Alves; **21.30:** «Diálogo» — João Coelho, **22.00:** «Porto d'honra» — RDP/Norte; 23.30: Títulos do «Jornal da Meia-Noite»; **23.45:** «No estúdio e no estádio» (Especial Sábado), noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

16.00: Solos de piano; **17.00:** Magnificat, de Carl Philipp Emanuel Bach; **17.50:** Sinfonia n.º 6 em si menor op. 74 «patética», de Tschaikovski; **18.35:** Música do bailado «a alegria parisiense», de Offenbach; **19.00:** Obras de Mozart, Quarteto em si bemol maior K. 458 «A Caça», Sinfonia concertante K. 364; **20.00:** 5 motetes à virgem, de Ockegehm; **20.40;** Histórias de música e... outras; **21.10:** Música de tecla portuguesa, Variações sobre «Avé-Maria Stella», de Gaspar dos Reis, Prelúdio e Fuga, de Armando José Fernandes, tento de 4.º tom; e tento no modo de Mi, 3.º tom, de Heliodoro de Paiva; **21.30:** Para além da leitura; **22.30:** música de Igor Stravinsky, Concerto para piano e instrumentos de sopro, Ebony Concerto; **23.00:** Intercâmbio musical, Semana Internacional de órgão em Nurenberga 1985. Em gravações cedidas pela Radiodifusão da Baviera. Concerto pelo organista Lionel Rogg. Obras de Bach; **00.15:** Concerto para violino e orquestra, op. 35, de Tschaikovsky; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **17.00:** A feira mágica; **19.15:** Montra de som; **20.00:** Conta corrente; **21.00:** Discos pedidos; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo de desporto; **23.00:** Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00:** O som da frente; **17.00:** Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Nova geração; **21.00:** Jazz; **22.00:** As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

ONDA MÉDIA

15.00: Música e desporto; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Família; **19.30:** Quando o telefone toca; **20.00:** Conversa de amigos; **20.45;** A voz do comando; **21.00:** **Boa nova;** **22.00:** Sons do sul; **23.55:** Meditando.

Onda Média Regional

Voz do Alentejo

13.00: Meio tom; **14.00;** É o ouvinte quem manda; **19.30:** Especial; **20.00;** (Ligação à Rede Nacional).

Voz de Lisboa

15.00: Clube da tarde; **18.30:** Sombra sol; **19.00:** Bric-à-brac; **20.00;** Diálogo; 20.30: Transimissão do Terço; **21.00;** Música no espaço; **23.15:** Estrelas da meia-noite; **23.55:** Meditando.

FM Estéreo

16.00: O bom e o bonito; **19.00:** Transmissão do Terço; **20.00:** Partituras; **21.00:** Tópicos; **22.00:** Os amigos de Alex; **23.55:** Boa Noite, noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP/1

14.35 – Sport Billy

14.55 – Revista de Toiros

15.40 – Jovens Heróis de Shaolin

16.30 – Os Marretinhas
(9.º episódio):
Os Marretinhas vão viver uma fantástica aventura marítima. Vão viver a sua própria aventura no fundo dos mares à procura de Robin que acabam por encontrar, feliz, no infantário, a nadar na sua bacia!

16.55 – O Novo Mundo Selvagem
(11.º episódio):
Neste episódio, Lorne Greene compara os leões que vivem em bandos nas planícies africanas com s leões nómadas, cuja vida é compleamente diferente.

17.20 – Corpo Humano
(2.º episódio):
Este episódio apresenta-se uma cena do quotidiano – um casal que acorda para tomar o pequeno-almoço (um pequeno-almoço surpresa!) e mostra-nos o complexo mundo que se situa imediatamente sobre a pele.

17.50 – Top Disco

18.55 – Campeonato do Mundo de Futebol México/86
Transmissão directa do jogo Brasil/França (Quartos-de-Final). «Tototolo» transmitido no intervalo do jogo.

20.45 – México/86

21.00 – Telejornal

21.50 – Dinastia
(14.º Episódio):
O testamento de Alexis, a primeira mulher de Blake Carrington, vai ser decisivo para o tribunal. Krystle, ao ouvir o seu depoimento, começa a sentir-se mal e abandona o tribunal. Entretanto, Fallon revela a Steven que a mãe recebia anualmente 250.000 dólares com a condição de não ver os filhos. Então, ele vai falar com a mãe...
Intérpretes: Linda Evans, Al Corley, Pamela Sue Martin, Pamela Bellwood, Joan Collins e John Forsythe.
Realizador: Gabrielle Beaumont

22.55 – Campeonato do Mundo de Futebol México/86
Transmssão directa do jogo RFA/México

00.55 – Encerramento da Emissão

RTP 2

15.30 – Troféu
Inclui a transmissão directa do Concurso Hípico de Braga

18.30 – Desenhos Animados
«O Recruta Bailey»

18.55 – Falar de Macau
«Tam Shiseng – Pintor»

19.20 – Videopolis

19.55 – Animação
«Recordação de Guerra», de Pierre Hebert e Aloud Bagatello.

20.20 – Danças e Cantares
«Amarante»

20.50 – Europa TV
Eurocinema: «O Emissário de Richelieu». Ralização de Victor Sjostrom (1937).

22.15 – A Rota da Seda
(3.º Episódio):
O terceiro episódio desta série fala-nos dos subterrâneos dos budas milenários em Dunhuang.
As quatrocentas e noventa e duas grutas escavadas entre os séculos IV e XIV d.C. – e que ainda hoje existem. – Podemos ver em especial a décima sétima cave, um mundo misterioso em que se encontram dezenas de milhares de textos sagrados e doutros documentos.

23.10 – Encerramento da Emissão

Esta tarde «Os Marretinhas», para os mais novos

Mais um episódio da série norte-americana «Dinástia», na RTP 1

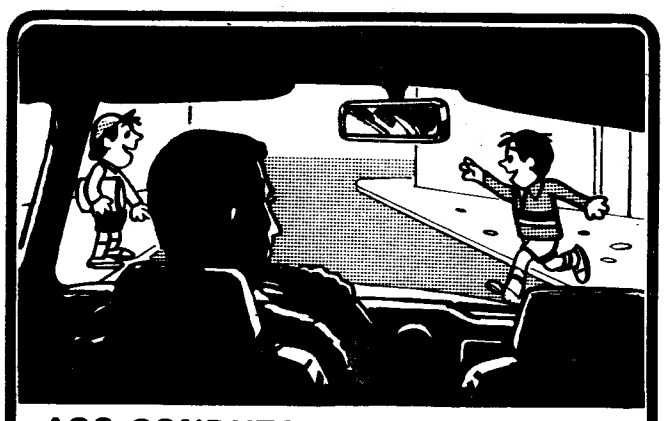
AMANHÃ

RTP/1

10.30 – Sumário
10.37 – Eucaristia Dominial
11.30 – 70 x 7
12.00 – Tempo dos Mais Novos
12.35 – TV Rural
13.05 – Sumário
13.20 – Concurso Arco-Irís
15.05 – Sessão da Tarde – «Os Vikings»
17.00 – Clube Amigos Disney
18.35 – Dar e Receber
18.55 – Campeonato do Mundo de Futebol México/86
20.45 – México/86
21.00 – Telejornal
21.30 – Colombo e os Portugueses
22.55 – Campeonato do Mundo de Futebol México/86

RTP 2

17.55 – Automobilismo
20.00 – Novos Horizontes
20.30 – Europa TV
21.35 – Teatro para Sempre – «Hedda Gabler»



AOS CONDUTORES

"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua,distraidamente,para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

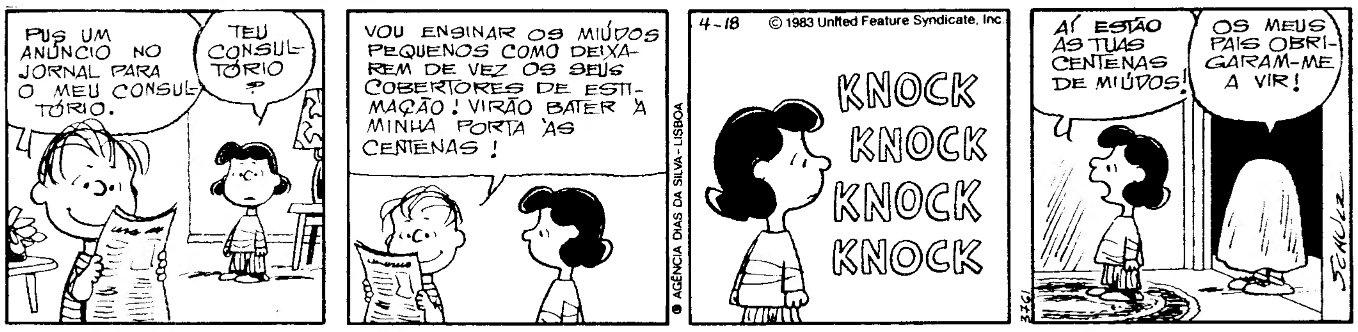
GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1
17.25 – O Corpo Humano»

RTP 2
20.40 – Eurocinema

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

PORTE PAGO
Endereço Telegráfico DISBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**



PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.00	**3,8 m**	7.44	**0,9 m**
14.25	**4,0 m**	20.13	**0,8 m**
Dia 22			
2.55	**3,9 m**	8.32	**0,8 m**
15.17	**4,1 m**	21.04	**0,7 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

BRAGANÇA	6°
VIANA DO CASTELO	12°
VILA REAL	9°
PORTO	13°
COIMBRA	12°
CABO CARVOEIRO	15°
CASTELO BRANCO	— °
PORTALEGRE	9°
LISBOA	13°
ÉVORA	11°
BEJA	11°
FARO	13°
SAGRES	16°
PONTA DELGADA	17°
FUNCHAL	18°

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco muito nublado nas regiões do Norte e Centro com aguaceiros fracos na região Norte, e céu geralmente pouco nublado na região Sul. Vento fraco a moderado do quadrante este.

Somos os primeiros em fuga de divisas

Portugal é o país da Europa mais afectado pela fuga de divisas e o quinto a nível mundial — revelam dados do Banco Internacional de Compensações, ontem divulgados pelo semanário alemão-federal «Die Zeit».

Estes dados, cuja divulgação coincide com a discussão do problema da fuga de divisas na reunião da Internacional Socialista, que começou ontem na capital peruana, mostram que 52 por cento dos créditos concedidos a Portugal voltam a sair do País para se converterem em investimentos privados.

A Venezuela encabeça a lista de países afectados pela «sangria de capitais», com saídas equivalentes a 89 por cento dos seus créditos, seguida da Argentina (77 por cento), Egipto (63), Malásia (54), Portugal (52), África do Sul (46), Roménia (43), Índia (40) e Hungria (39).

De acordo com um estudo citado pelo «Die Zeit», da autoria do alemão Dieter Duwedag, professor da Escola Superior de Ciências da Administração de Speyer, a fuga de capitais produz-se basicamente quando pessoas individuais ou colectivas de um país altamente endividado fazem depósitos bancários ou adquirem bens no estrangeiro.

Duwedag, que estudou a situação de 25 países, afirma que a fuga de capitais dos países do Terceiro Mundo atingiu proporções dramáticas nos últimos anos, não só na América Latina mas também na Europa, África e Ásia.

Os 25 países sobre os quais incidiu a pesquisa recorreram, entre 1970 e 1983, a créditos estrangeiros líquidos no valor de 590 000 milhões de dólares.

Deste total, 183 000 milhões de dólares (aproximadamente 31 por cento) voltaram a sair sob a forma de investimentos privados de capital, embora este movimento não possa ser todo classificado exactamente como fuga de capitais.

Para o professor Duwedag, pode falar-se de «sangria de capitais» quando pelo menos 25 por cento das divisas que entram num determinado país em forma de créditos voltam a cruzar a fronteira para se converterem em investimentos privados de capital.

O estudo demonstra, segundo o semanário alemão-federal, que a classificação da América Latina como «zona de fuga de capitais» é inexacta e que a «má fama» da zona se deve apenas ao facto de os dois países da lista serem a Venezuela e a Argentina.

Os exemplos da Roménia e da Hungria, que figuram em sexto e oitavo lugares, mostram que a fuga de capitais afecta também os países socialistas da Europa, ao passo que, segundo o mesmo trabalho, existem outras nações, como o Chile e a Turquia, onde ocorre o fenómeno inverso: uma repatriação de capitais.

O único remédio eficaz contra esta «sangria», tão perigosa para a estabilidade económica e democrática do Terceiro Mundo, consiste, de acordo com os especialistas alemães-federais, na implementação de políticas económicas que restituam a confiança nos governos dos países devedores.

O «Die Zeit» conclui que será muito difícil a concessão de novos créditos privados ou públicos enquanto a fuga de capitais privar os países endividados não só das suas próprias poupanças, como das divisas que lhes chegam de fora.

Um início de Verão instável

Vamos ter chuva até ao fim do mês

Tempo instável, com a possibilidade de alguma chuva, é o que espera os portugueses até ao fim deste mês. De acordo com a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, durante este fim-de-semana o céu estará geralmente muito nublado, podendo-se registar aguaceiros fracos especialmente na região Norte, situação que se deverá manter até 26 do corrente. Por outro lado, entre 27 e 30 de Junho, prevê-se uma ligeira melhoria do estado do tempo.

DE CARAS

FAYE DUNAWAY foi interrompida numa sua representação teatral de «Circe e Bravo». Aconteceu que um seu admirador holandês saltou para o palco do teatro londrino em que ela actuava, declarando-lhe que a ama. O espectáculo foi interrompido por dez minutos depois da referida proclamação, nos seguintes termos: «Amo-te, Faye. Vim para te levar comigo para Amsterdão». O actor Stephen Jenn, que contracenava com Faye, levou-a para os bastidores, enquanto o apaixonado aproveitava para se servir da água tónica que fazia parte do cenário.

GUNTER GRASS, romancista alemão, é agora um «refugiado», por um ano, na Índia, por estar decepcionado com a situação na República Federal da Alemanha e com a indiferença política dos seus escritores. Grass deverá fixar-se em Calcutá, a cidade de Madre Teresa de Jesus, onde também procurará sarar as feridas abertas com as severas críticas feitas ao seu último romance, «A rata». Nenhum outro romance deste escritor foi tão atacado nas páginas literárias da Imprensa alemã. Mas, também, compreende-se, porque se trata de uma parábola desesperada sobre uma catástrofe nuclear planetária, a que apenas sobreviveriam os ratos, para desenvolverem os mesmos vícios dos homens.

CESAR DE OLIVEIRA, historiador, foi contratado pela RTP para escrever uma série de oito programas sobre a Guerra Civil Espanhola. Os programas serão realizados por José Elyseu e cada episódio terá uma duração de de 50 minutos. A transmissão está desde já prevista para Janeiro do próximo ano. César de Oliveira declarou que «será utilizado material existente nos arquivos portugueses e espanhóis, bem como material que será filmado expressamente para os programas, nomeadamente nas aldeias fronteiriças onde foram presos e expulsos para Espanha combatentes republicanos».

YASSER ARAFAT está de visita a Bissau, a convite do PAIGC. Uma fonte do Ministério guineeense dos Negócios Estrangeiros informou que o dirigente palestiniano manterá contactos com as autoridades do seu país sobre aspectos relacionados com os laços de amizade, solidariedade e de cooperação existentes entre os dois povos. Entre os contactos previstos figura um encontro com Nino Vieira sobre questões de actualidade internacional. Trata-se da segunda visita de Arafat a Bissau.

FILIPE MADEIRA não tomará posse do cargo de membro da Comissão Instaladora da Universidade do Algarve, segundo foi anunciado pelo Grupo de Estudos Universitários do PS/ Faro, que justifica a tomada de posição pelo facto de o elenco inicialmente proposto para aquela comissão ter sido alterado por pressões partidárias do PPD/PSD. Segundo aquele órgão socialista, as alterações levam a que, «para além dos elementos docentes», a comissão mais pareça «um grupo de comissários políticos do PPD/PSD para controlo político da Universidade».

RONALD REAGAN foi de novo submetido a uma intervenção cirúrgica para lhe serem extraídos dois pólipos, mais dois, que lhe tinham sido detectados nos intestinos. Os resultados da análise a que serão submetidos os tumores deverão ser conhecidos ainda hoje. Em Janeiro já tinham sido extraídos quase 60 centímetros de cólon do presidente dos Estados Unidos, depois de lhe ter sido detectado um pólipo maligno. Reagan mostrou-se ontem bem disposto ao sair do hospital, manifestando-se, junto dos jornalistas, como estando de boa saúde.

Conferência Episcopal fala em 396 mortos no Peru

Fontes da Conferência Episcopal Peruana confirmaram hoje que se eleva a 396 o número de presos peruanos mortos na sequência da intervenção de tropas governamentais para dominar os motins registados em três penitenciárias do país.

Esta informação sobre o número de vítimas mortais dos incidentes de anteontem ultrapassa largamente os 276 presos mortos que haviam sido oficialmente comunicados após os motins, despoletados por guerrilheiros esquerdistas presos e pertencentes à organização de inspiração maoísta «Sendero Luminoso».

Um dia após a intervenção dos militares permanecem ainda desencontradas as informações sobre o número total de detidos envolvidos nos motins que eclodiram no início da semana. Fontes dignas de crédito apontam para mais de meio milhar os presos que participaram nos motins das penitenciárias de Callao, Lurigancho e Fronton, dos quais apenas 108 sobreviveram ao assalto militar.

No entanto, a intervenção militar para pôr fim aos motins em três prisões peruanas poderá ter causado um máximo de 500 mortos entre os reclusos — segundo versões não oficiais que estão a circular em Lima.

Essas versões indicam que nas três prisões acima referidas com cerca de 750 condenados por delitos de terrorismo, poderão não ter sobrevivido mais de 250.

A diferença entre os números oficiais e extra-oficiais pode dever-se ao facto de nunca se ter conhecido com exactidão o total do número de reclusos nas prisões de Fronton, Lurigancho e Santa Bárbara, esta para mulheres.

Guerrilheira morta em atentado

Uma mulher morreu ontem ao explodir o morteiro que se preparava para lançar contra um centro de convenções, em Lima, onde a Internacional Socialista se encontrava reunida — disse a Polícia.

A Polícia peruana afirmou que a mulher subiu até ao telhado de um edifício de dez andares, sobranceiro ao centro onde os delegados assistiam à sessão de abertura do Congresso da Internacional Socialista.

PORTE PAGO
Franqueo Concertado

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

BRAGANÇA	6°
VIANA DO CASTELO	12°
VILA REAL	9°
PORTO	13°
COIMBRA	12°
CABO CARVOEIRO	15°
CASTELO BRANCO	— °
PORTALEGRE	9°
LISBOA	13°
ÉVORA	11°
BEJA	11°
FARO	13°
SAGRES	16°
PONTA DELGADA	17°
FUNCHAL	18°

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.00	3,8 m	7.44	0,9 m
14.25	4,0 m	20.13	0,8 m
Dia 22			
2.55	3,9 m	8.32	0,8 m
15.17	4,1 m	21.04	0,7m

Somos os primeiros em fuga de divisas

Portugal é o país da Europa mais afectado pela fuga de divisas e o quinto a nível mundial — revelam dados do Banco Internacional de Compensações, ontem divulgados pelo semanário alemão-federal «Die Zeit».

Estes dados, cuja divulgação coincide com a discussão do problema da fuga de divisas na reunião da Internacional Socialista, que começou ontem na capital peruana, mostram que 52 por cento dos créditos concedidos a Portugal voltam a sair do País para se converterem em investimentos privados.

A Venezuela encabeça a lista de países afectados pela «sangria de capitais», com saídas equivalentes a 89 por cento dos seus créditos, seguida da Argentina (77 por cento), Egipto (63), Malásia (54), Portugal (52), África do Sul (46), Roménia (43), India (40) e Hungria (39).

De acordo com um estudo citado pelo «Die Zeit», da autoria do alemão Dieter Duwedag, professor da Escola Superior de Ciências da Administração de Speyer, a fuga de capitais produz-se basicamente quando pessoas individuais ou colectivas de um país altamente endividado fazem depósitos bancários ou adquirem bens no estrangeiro.

Duwedag, que estudou a situação de 25 países, afirma que a fuga de capitais dos países do Terceiro Mundo atingiu proporções dramáticas nos últimos anos, não só na América Latina mas também na Europa, África e Ásia.

Os 25 países sobre os quais incidiu a pesquisa recorreram, entre 1970 e 1983, a créditos estrangeiros líquidos no valor de 590 000 milhões de dólares.

Deste total, 183 000 milhões de dólares (aproximadamente 31 por cento) voltaram a sair sob a forma de investimentos privados de capital, embora este movimento não possa ser todo classificado exactamente como fuga de capitais.

Para o professor Duwedag, pode falar-se de «sangria de capitais» quando pelo menos 25 por cento das divisas que entram num determinado país em forma de créditos voltam a cruzar a fronteira para se converterem em investimentos privados de capital.

O estudo demonstra, segundo o semanário alemão-federal, que a classificação da América Latina como «zona de fuga de capitais» é inexacta e que a «má fama» da zona se deve apenas ao facto de os dois países da lista serem a Venezuela e a Argentina.

Os exemplos da Roménia e da Hungria, que figuram em sexto e oitavo lugares, mostram que a fuga de capitais afecta também os países socialistas da Europa, ao passo que, segundo o mesmo trabalho, existem outras nações, como o Chile e a Turquia, onde ocorre o fenómeno inverso: uma repatriação de capitais.

O único remédio eficaz contra esta «sangria», tão perigosa para a estabilidade económica e democrática do Terceiro Mundo, consiste, de acordo com os especialistas alemães-federais, na implementação de políticas económicas que restituam a confiança nos governos dos países devedores.

O «Die Zeit» conclui que será muito difícil a concessão de novos créditos privados ou públicos enquanto a fuga de capitais privar os países endividados não só das suas próprias poupanças, como das divisas que lhes chegam de fora.

/D/E/C/A/R/A/S/

FAYE DUNAWAY foi interrompida numa sua representação teatral de «Circe e Bravo». Aconteceu que um seu admirador holandês saltou para o palco do teatro londrino em que ela actuava, declarando-lhe que a ama. O espectáculo foi interrompido por dez minutos depois da referida proclamação, nos seguintes termos: «Amo-te, Faye. Vim para te levar comigo para Amsterdão». O actor Stephen Jenn, que contracenava com Faye, levou-a para os bastidores, enquanto o apaixonado aproveitava para se servir da água tónica que fazia parte do cenário.

GUNTER GRASS, romancista alemão, é agora um «refugiado», por um ano, na India, por estar decepcionado com a situação na República Federal da Alemanha e com a indiferença política dos seus escritores. Grass deverá fixar-se em Calcutá, a cidade de Madre Teresa de Jesus, onde também procurará sarar as feridas abertas com as severas críticas feitas ao seu último romance, «A rata». Nenhum outro romance deste escritor foi tão atacado nas páginas literárias da Imprensa alemã. Mas, também, compreende-se, porque se trata de uma parábola desesperada sobre uma catástrofe nuclear planetária, a que apenas sobreviveriam os ratos, para desenvolverem os mesmos vícios dos homens.

CESAR DE OLIVEIRA, historiador, foi contratado pela RTP para escrever uma série de oito programas sobre a Guerra Civil Espanhola. Os programas serão realizados por José Elyseu e cada episódio terá uma duração de de 50 minutos. A transmissão está desde já prevista para Janeiro do próximo ano. César de Oliveira declarou que «será utilizado material existente nos arquivos portugueses e espanhóis, bem como material que será filmado expressamente para os programas, nomeadamente nas aldeias fronteiriças onde foram presos e expulsos para Espanha combatentes republicanos».

YASSER ARAFAT está de visita a Bissau, a convite do PAIGC. Uma fonte do Ministério guineeense dos Negócios Estrangeiros informou que o dirigente palestiniano manterá contactos com as autoridades do seu país sobre aspectos relacionados com os laços de amizade, solidariedade e de cooperação existentes entre os dois povos. Entre os contactos previstos figura um encontro com Nino Vieira sobre questões de actalidade internacional. Trata-se da segunda visita de Arafat a Bissau.

FILIPE MADEIRA não tomará posse do cargo de membro da Comissão Instaladora da Universidade do Algarve, segundo foi anunciado pelo Grupo de Estudos Universitários do PS/ Faro, que justifica a tomada de posição pelo facto de o elenco inicialmente proposto para aquela comissão ter sido alterado por pressões partidárias do PPD/PSD. Segundo aquele órgão socialista, as alterações levam a que, «para além dos elementos docentes», a comissão mais pareça «um grupo de comissários políticos do PPD/PSD para controlo político da Universidade».

RONALD REAGAN foi de novo submetido a uma intervenção cirúrgica para lhe serem extraídos dois pólipos, mais dois, que lhe tinham sido detectados nos intestinos. Os resultados da análise a que serão submetidos os tumores deverão ser conhecidos ainda hoje. Em Janeiro já tinham sido extraídos quase 60 centímetros de cólon do presidente dos Estados Unidos, depois de lhe ter sido detectado um pólipo maligno. Reagan mostrou-se ontem bem disposto ao sair do hospital, manifestando-se, junto dos jornalistas, como estando de boa saúde.

Conferência Episcopal fala em 396 mortos no Peru

Fontes da Conferência Episcopal Peruana confirmaram hoje que se eleva a 396 o número de presos peruanos mortos na sequência da intervenção de tropas governamentais para dominar os motins registados em três penitenciárias do país.

Esta informação sobre o número de vítimas mortais dos incidentes de anteontem ultrapassa largamente os 276 presos mortos que haviam sido oficialmente comunicados após os motins, despoletados por guerrilheiros esquerdistas presos e pertencentes à organização de inspiração maoísta «Sendero Luminoso».

Um dia após a intervenção dos militares permanecem ainda desencontradas as informações sobre o número total de detidos envolvidos nos motins que eclodiram no início da semana. Fontes dignas de crédito apontam para mais de meio milhar os presos que participaram nos motins das penitenciárias de Callao, Lurigancho e Fronton, dos quais apenas 108 sobreviveram ao assalto militar.

No entanto, a intervenção militar para pôr fim aos motins em três prisões peruanas poderá ter causado um máximo de 500 mortos entre os reclusos — segundo versões não oficiais que estão a circular em Lima.

Essas versões indicam que nas três prisões acima referidas com cerca de 750 condenados por delitos de terrorismo, poderão não ter sobrevivivo mais de 250.

A diferença entre os números oficiais e extra-oficiais pode dever-se ao facto de nunca se ter conhecido com exactidão o total do número de reclusos nas prisões de Fronton, Lurigancho e Santa Bárbara, esta para mulheres.

Guerrilheira morta em atentado

Uma mulher morreu ontem ao explodir o morteiro que se preparava para lançar contra um centro de convenções, em Lima, onde a Internacional Socialista se encontrava reunida — disse a Polícia.

A Polícia peruana afirmou que a mulher subiu até ao telhado de um edifício de dez andares, sobranceiro ao centro onde os delegados assistiam à sessão de abertura do Congresso da Internacional Socialista.

Um início de Verão instável

Vamos ter chuva até ao fim do mês

Tempo instável, com a possibilidade de alguma chuva, é o que espera os portugueses até ao fim deste mês. De acordo com a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, durante este fim-de-semana o céu estará geralmente muito nublado, podendo-se registar aguaceiros fracos especialmente na região Norte, situação que se deverá manter até 26 do corrente. Por outro lado, entre 27 e 30 de Junho, prevê-se uma ligeira melhoria do estado do tempo.